



Instituto Politécnico de Lisboa
Escola Superior de Comunicação Social

O ‘extra-jogo’ no noticiário desportivo radiofónico – o caso Bola Branca

João Filipe Velhinha Rodrigues Amaro da Cruz

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de mestre
em Jornalismo

Orientador: Professor Rui Fernando Almeida Simões

Lisboa, outubro de 2018

Declaração anti-plágio

Declaro por minha honra que o trabalho que apresento, requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Jornalismo, é original e que todas as citações estão corretamente identificadas, segundo a norma de Harvard.

Declaro ainda que ter consciência de que a utilização de elementos alheios não identificados constitui grave falha ética e disciplinar, podendo levar à anulação deste trabalho.

O candidato,

Resumo

Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do Mestrado em Jornalismo, da Escola Superior de Comunicação Social e resulta da experiência de três meses de estágio curricular.

No período de estágio - entre 16 de abril a 13 de julho - na Rádio Renascença, mais concretamente no departamento de desporto, Bola Branca, foi feito o acompanhamento da edição e produção noticiosa dos seus jornalistas, bem como os critérios aplicados na seleção das notícias. Desse processo destacou-se a distinção entre notícias referentes a jogo e extra-jogo num noticiário desportivo.

A consecução da problemática teve também por base a análise conteúdo aos noticiários Bola Branca, integrando a distinção entre as duas categorias de notícias e entrevistas a quatro elementos da equipa, entres os quais o editor do noticiário em estudo.

Foram revistas todas as componentes em que se divide o trabalho em Bola Branca: *online*, relato de jogos de futebol e noticiário, bem como o contributo de um estagiário nas mesmas.

Palavras-chave: Extra-jogo, Jornalismo, Rádio, Jornalismo Desportivo, Bola Branca.

Abstract

This work was developed within the scope of a Master's in Journalism, through Superior School of Social Communication (ESCS) and it results from the experience of three months of curricular internship.

During the period of internship – between April 16 and July 13 – in Rádio Rnascença, more specifically in sports department, Bola Branca, the edition and news production was monitored, as well as the criteria applied in the selection of news. From this process, it was highlighted the distinction between news regarding moments of 'game' and 'extra-game' on the sports program.

The achievement of the problem was also based on the content analysis of the Bola Branca news, integrating the distinction between the two categories of news and the interviews to four of its members, among which the editor of the news under study.

All the components in which the work in Bola Branca is divided are reviewed: online news, reporting of football games, the news program, as well as the contribution of a trainee in them.

Keywords: Extra-game, Journalism, Radio, Sports Journalism, Bola Branca.

Agradecimentos

Ao professor Rui Simões, pela orientação, pelas sugestões cirúrgicas e, sobretudo, pela paciência que teve ao longo de todos os meses de trabalho.

Aos membros de Bola Branca, pela camaradagem, ensinamentos e por terem feito com que me sentisse em casa.

Ao António, por ser mais do que alguma vez pedi a um amigo e pela promessa de que, um dia, viajaremos até à Lua juntos.

Ao João e à Vera, por continuarem a ser um dos maiores exemplos de perseverança que tenho.

Ao Borges, pelo apoio incondicional e por me ensinar, dia após dia, um pouco mais sobre o que é ser adulto, ainda jovem.

Ao Tomás e à Joana, pela cor que acrescentaram ao meu quotidiano e por me terem feito esquecer a ideia de que não precisava de mais amigos.

À minha irmã, por me motivar a querer ser um exemplo para alguém.

Aos meus avós, Glória e Joaquim, por serem mais do que pais, por todos os sacrifícios que fazem pela nossa família, os quais nunca poderei retribuir de uma forma justa.

À minha mãe, a quem devo e deverei tudo o que tenho e o que algum dia possa vir.

Índice

Declaração anti-plágio	II
Resumo	III
Abstract.....	IV
Agradecimentos	V
Capítulo I: Metodologias	6
1. Observação Participante	6
2. Entrevistas.....	8
3. Análise de Conteúdo	9
Capítulo II: O Estágio	11
1. Breve história sobre os 80 anos da Rádio Renascença	11
2. Bola Branca.....	12
Capítulo III: Enquadramento Teórico.....	14
1. Rádio - Radiojornalismo ou Rádio Informativa?.....	14
1.1. A Notícia em Rádio.....	15
1.2. O Som	20
1.3. A Voz	22
2. Jornalismo Especializado e o Jornalismo Desportivo.....	24
2.1. Jornalismo Especializado: origem e diferentes definições.....	24
2.2. O Jornalismo Desportivo	27
2.3. O Jornalismo Desportivo Radiofónico.....	28
3. Critérios de Noticiabilidade	32
Capítulo IV: O Estágio em Bola Branca.....	37
1. O relato	37
2. Jornalismo Online e Bola Branca	43

2.1. O imediatismo e a escrita para o <i>site</i>	47
2.2. O <i>Online</i> e o espaço dado a outras notícias	50
3. O noticiário	52
3.1. A Estrutura.....	55
3.2. O Conteúdo.....	57
4. Trabalho realizado	61
Capítulo V: As notícias extra-jogo no noticiário	66
1. Abril de 2018 (de dia 16 a 30)	68
2. Maio de 2018	70
3. Junho de 2018	73
4. Julho de 2018 (até dia 13).....	77
Conclusões Finais	80
Bibliografia	85
ANEXOS	90
Anexo 1 – Declaração de Estágio	91
Anexo 2: Entrevistas.....	92
1.1. Carlos Dias, editor, jornalista, relator	92
1.2. João Fonseca, jornalista, repórter de campo	97
1.3. José Pedro Pinto, jornalista, editor, editor <i>online</i> e relator	102
1.4. Rui Viegas, jornalista, editor, repórter de campo	109
Anexo 3: Exemplos de notícias escritas para o <i>site</i>	114
3.1. Primeira notícia, escrita no dia 19 de abril de 2018	114
3.2. Primeira entrevista, escrita no dia 1 de maio de 2018	115
3.3. Última notícia, escrita no dia 3 de julho de 2018	117
3.4. Última entrevista, escrita no dia 2 de julho de 2018.....	118

Índice de figuras

Figura 1 - Categorias de notícia relativas a jogo.	66
Figura 2 - Categorias de notícias relativas a extra-jogo.....	67
Figura 3 - Notícias relativas a jogo de 16 a 30 de abril	68
Figura 4 - Notícias relativas a extra-jogo de 16 a 30 de abril.....	68
Figura 5 - Notícias relativas a jogo no mês de maio.....	70
Figura 6 - Notícias relativas a extra-jogo no mês de maio	70
Figura 7 - Notícias relativas a jogo no mês de junho	73
Figura 8 - Notícias relativas a extra-jogo no mês de junho	74
Figura 9 - Notícias relativas a jogo no mês de julho	77
Figura 10 - Notícias relativas a extra-jogo no mês de julho	77

Introdução

O desporto vem granjeando de destaque no jornalismo. Outrora um ramo negligenciado pelos seus pares, cada vez mais se revela comercialmente importante para os destinos de um jornal, de um canal de televisão e de uma estação de rádio, numa época em que o jornalismo digladiava por receitas, numa profissão que, nos últimos anos, tem sido assolada pela precariedade. O jornalismo vem mudando e multiplicam-se as fontes de informação do consumidor. As várias plataformas difusoras de notícias atuam e lutam entre si pela busca de mais e mais produtos para oferecer àqueles que as consomem – notícias. Com a multiplicação de acontecimentos noticiados, também o desporto sofre de maior escrutínio e ganha, cada vez mais, focos de noticiabilidade.

Aquilo que se noticia, quando se trata de desporto, nem sempre se resume a golos, pontos, vitórias ou derrotas. O que se passa para lá dos campos ganhou notoriedade, os atores, antes secundários, têm novos papéis de destaque e, como tal, o jornalismo desportivo também lhes concede espaço. Temas como a justiça ou as finanças misturam-se com o jogo jogado e fazem, também elas, parte do alinhamento de um noticiário. Os jornalistas desportivos têm agora que possuir noções básicas de Direito ou, até mesmo, conhecer as definições de conceitos como “resultados operacionais” ou “passivo”, tão utilizados nos relatórios de contas dos principais clubes desportivos.

Este trabalho procura definir o peso que as notícias extra-jogo ou, se quisermos, aquelas que não dizem respeito ao desporto jogado, têm num determinado noticiário. Quão noticiados são estes acontecimentos, em relação aos que são, efetivamente, referentes a jogo? Para tal, foi analisado o noticiário desportivo Bola Branca, da Rádio Renascença. Todos os noticiários dos três meses – de 16 de abril a 13 de julho de 2018 - em que estagiei naquela redação foram escrutinados e as suas notícias catalogadas, de acordo com o foco das mesmas – se dentro ou fora de campo.

A Rádio Renascença e o programa Bola Branca servirão para contextualizar este trabalho, bem como temas como o jornalismo em rádio, o jornalismo desportivo enquanto jornalismo especializado serão descritos, com o contributo de autores que se debruçaram sobre estas matérias. Os critérios de noticiabilidade, que determinam o porquê de um acontecimento se tornar notícia, também serão expostos e, tal como os primeiros conceitos, com o contributo de vários autores para o tema.

Para além de perceber o peso do extra-jogo no noticiário da Bola Branca, este relatório procura descrever o período de estágio, que contribuiu para a percepção de como se constroem os noticiários. Durante o estágio na Bola Branca, foi possível observar os seus membros nas diferentes áreas em que trabalham. Como constroem os noticiários para rádio? Qual o papel da internet num programa que existe há mais anos do que aqueles que esta tem? São perguntas que também terão resposta no capítulo referente ao período em que, para além de observar o trabalho feito, pude envolver-me no seu quotidiano e, sendo assim, também o meu desempenho e o início da minha experiência no jornalismo estarão retratados. Tive também a oportunidade de abordar um tema que me desperta especial interesse: o relato de futebol. Os relatos não podem ser separados da rádio e, estando num programa histórico do desporto nacional, tinha que experienciar e integrar neste trabalho, uma das partes mais importantes da Bola Branca. Os relatos de futebol podem ser jornalismo? A questão estará presente neste trabalho.

Capítulo I: Metodologias

A investigação apresentada terá como objetivo identificar e caracterizar as notícias de um noticiário radiofónico desportivo – neste caso, o noticiário Bola Branca – que não correspondem a momentos de desporto jogado, seja antes, durante ou depois do mesmo.

A questão inicial da investigação é a seguinte: “Que peso tem o extra-jogo no noticiário desportivo?”. De forma exaustiva, diríamos: “qual a ponderação, em unidades noticiosas, dos conteúdos extra-jogo integrados nos noticiários desportivos do programa Bola Branca, editados no período compreendido entre 16 de abril e 13 de julho, no horário compreendido entre as 12h45m e as 13h”. Como requisito comparativo, os valores obtidos são confrontados com a ponderação das notícias sobre o jogo.

Para a consecução deste trabalho recorreu-se a algumas ferramentas metodológicas como a observação participante no período do estágio, os procedimentos de entrevistas realizadas a elementos de Bola Branca e uma análise do conteúdo, descritiva, dos noticiários do programa.

1. Observação Participante

“Na sua forma mais transparente, a reflexividade expressa a consciência dos investigadores da sua conexão necessária com a investigação e os seus efeitos sobre ela, o que às vezes é chamado de reatividade”¹ (Davies, 2008: 7)

Como o trabalho decorre de um determinado período de estágio, é inevitável que se observe o ambiente que o circunda e aqueles que o compõem. Como o estágio tem uma componente prática, é de esperar que o próprio estagiário, ao longo deste período, para além de observar o que se faz, participe e faça uma aprendizagem em processo. Partindo deste princípio.

A observação participante, tal como é definida por Musante (2014) é “um método no qual o investigador participa nas atividades diárias, rituais, interações e

¹ Tradução livre. No original: “In its most transparent guise, reflexivity expresses researchers’ awareness of their necessary connection to the research situation and hence their effects upon it, what is sometimes called reactivity” (Davies, 2008: 7)

eventos de um grupo de pessoas como um dos meios para aprender aspetos explícitos e tácitos das suas rotinas e cultura”² (Musante, 2014: 251).

A autora defende que o método se baseia “em habilidades comportamentais e sociais já estabelecidas, associadas a uma abordagem flexível a novas situações sociais”³ (Musante, 2014: 261). Esta abordagem a novas situações, feita pelo investigador, faz com que se tenha que “adquirir um rol de entendimentos e reações”. De facto, quando inserido no ambiente de estágio, é necessário que se adquiram conhecimentos e métodos de trabalho usados por quem já trabalha no local. Deste prisma, com a observação participante decorrente do estágio na Bola Branca, foi necessário reaprender a escrita empregue na redação de notícias, os programas usados para a edição de som e, ainda, o manuseamento dos equipamentos utilizados para as gravações.

Flick (2005), entende que este método se desenrola em dois planos. “O investigador tem de se ir tornando um participante e de ir ganhando acesso às pessoas e ao terreno” e, posteriormente, “a observação também segue o processo de se tornar cada vez mais concreta e concentrada nos aspetos essenciais para a problemática da investigação” (Flick, 2005: 142). Na Bola Branca, o progresso do meu trabalho, enquanto estagiário, foi influenciado pelo relacionamento com os membros da equipa e a constante abertura destes para me integrarem no seu ambiente de trabalho. Finalmente, tal como autor defende, numa fase em que já dominava as rotinas da produção noticiosa, fui participando cada vez mais na produção do noticiário e, desta forma, integrar de forma consequente a construção do próprio objeto deste estudo.

Como já foi referido, este tipo de observação requiere a envolvimento no meio investigado. Charlotte Aull Davies (2008), considera que uma investigação pressupõe que o investigador se debruce sobre algo que não conhece e que não pode ser adquirido através de simples introspeção e, neste sentido, o acompanhamento da construção do noticiário Bola Branca permitiu o acesso aos bastidores e ao trabalho de seleção das notícias que fazem parte do mesmo. Desta forma, o investigador é forçado a conectar-se com o objeto:

² Tradução livre. No original: “Participant observation is a method in which a researcher takes part in the daily activities, rituals, interactions, and events of a group of people as one of the means of learning both the explicit and tacit aspects of their life routines and culture” (Musante, 2014: 251).

³ Radação livre. No original: “The method draws heavily on behavioral skills and already established social skills wedded to a flexible approach to new social situations” (Musante, 2014: 261).

“Dependendo da extensão e natureza destas conexões, surgem questões sobre se os resultados da investigação são artefactos da presença do investigador e da inevitável presença do mesmo no processo de investigação. Por estas razões, considerações sobre a reflexividade são importantes para todas as formas de investigação”⁴ (Davies, 2008: 3).

O conceito de reflexividade é abordado pela autora, que o define como o momento em que o investigador faz “um retorno a si mesmo, um processo de autorreferência” (Davies, 2008: 4) e, no contexto da investigação, a reflexividade aponta para a influência que o investigador tem no campo onde investiga. Embora essa influência seja limitada ao papel dos estagiários, a presença deve ser ponderada e, do mesmo modo, a percepção pessoal do processo deve ser manifestada, por vezes através de um discurso enunciado na primeira pessoa, uma vez que um dos objetivos fundamentais é o de “aumentar a nossa compreensão da realidade social, desenvolvendo explicações sobre formas e eventos sociais, enquanto se examina criticamente as concetualizações utilizadas nessas explicações”⁵ (Davies, 2008: 6).

2. Entrevistas

Outra das ferramentas utilizadas foram as entrevistas a membros da equipa Bola Branca da redação de Lisboa. O tipo de guião a que se recorreu apresentou-se de forma semiestruturada com questões abertas, ou semidiretivas, “no sentido em que não é nem inteiramente aberta, nem encaminhada por um grande número de perguntas precisas” (Quivy e Campenhoudt, 1992: 194).

Os mesmos autores referem que o investigador, para este tipo de entrevista, deve elaborar um conjunto de perguntas-guia, evitando o fechamento – neste caso, por vezes, lançando apenas o tema - e que foram colocadas aos entrevistados sem uma ordem definida, deixando-lhes a liberdade para escolher os termos com que contruíam as respostas, tendo o investigador apenas o papel de os reconduzir aos temas tratados.

⁴ Tradução livre. No original: “And, depending on the extent and nature of these connections, questions arise as to whether the results of research are artefacts of the researcher’s presence and inevitable influence on the research process. For those reasons, considerations of reflexivity are important for all forms of research.” (Davies, 2008: 3).

⁵ Tradução livre. No original: “The purpose of research is to increase our understanding of social reality by developing explanations of social forms and events, as well as critically examining the conceptualizations used in these explanations” (Davies, 2008: 6)

Serviram estas entrevistas para complementar a informação recolhida ao longo do estágio e obter respostas para determinados fenómenos observados, quer na experiência em si, quer na investigação que recaiu sobre os noticiários. Com isto, para além de fundamental na investigação, esta ferramenta será também útil no capítulo referente à experiência de estágio.

Foram realizadas quatro entrevistas a membros de Bola Branca: Carlos Dias, João Fonseca, José Pedro Pinto e Rui Viegas. Não representando embora todos os membros da equipa de Lisboa justifica-se a escolha devido a questões relacionadas com os períodos de férias e ao facto de, na experiência de estágio, ter tido mais proximidade aos entrevistados.

Para além das questões enunciadas, os cargos e funções desempenhadas mantêm uma estreita relação com os fins do trabalho: Carlos Dias é o editor principal do noticiário das 12h45 e João Fonseca é o jornalista de apoio a esse noticiário, juntamente com Rui Viegas. Por outro lado, no capítulo da descrição de estágio, foram fundamentais na ilustração dos subcapítulos que o compõem, uma vez que Carlos Dias é o editor do noticiário e relator de jogos de futebol, João Fonseca e Rui Viegas são jornalistas de apoio e repórteres de campo e, por fim, José Pedro Pinto é editor *online* de Bola Branca e relator de futebol, também.

3. Análise de Conteúdo

O último método utilizado neste trabalho foi a análise de conteúdo, sobretudo no que diz respeito às notícias que integraram o noticiário das 12h45m de Bola Branca. Para Isabel Carvalho Guerra, a Análise de conteúdo “tem uma dimensão descritiva que visa dar conta do que nos foi narrado e uma dimensão interpretativa que decorre das interrogações do analista face a um objeto de estudo” (Guerra, 2010: 62). Ora, a dimensão descritiva decorreu da perceção de que se podem dividir os tipos de notícias extra-jogo que integraram o noticiário e que, posteriormente, puderam ser interpretadas.

A análise pode ter um âmbito qualitativo ou quantitativo porém, para este trabalho, recorreu-se a uma análise quantitativa do conteúdo dos noticiários. Jensen (2012); muito embora a primeira fase destes estudos suponha uma apreciação qualitativa das categorias a utilizar, o trabalho recorreu a uma formalização de categoria “mútuas e exclusivas; outro propósito é proporcionar comparações entre casos e

categorias”⁶ (Jensen, 2012: 276). Depois de categorizadas, as várias notícias extra-jogo foram comparadas quanto ao seu peso e frequência no noticiário.

Esta forma de analisar o conteúdo do noticiário pode ser entendida como uma análise de conteúdo categorial. A partir da obra de Bardin (1979), Guerra entende que a análise de conteúdo de tipo categorial é uma “análise temática, que constitui sempre a primeira fase da análise de conteúdo e é geralmente descritiva” (Guerra, 2010: 63). Como tal foram criadas categorias de notícia para as notícias de jogo e extra-jogo, decorrentes da diversidade noticiosa encontrada. As notícias de jogo serão agrupadas em “Rescaldos”, “Antevisões”, “Agenda”, “Boletim Clínico”, “Arbitragem e Disciplina”, “Resultados”, “Calendário de Jogos” e, residualmente, do que ficou designado como “Outras”. A notícias extra-jogo, por seu turno, encontrar-se-ão distribuídas por “Transferências”, “Eleições e Assembleias”, “Sanções”, “Direção e Administração”, “Finanças”, “Justiça”, “Academia de Alcochete”, “Agenda” e “Outras”. A operacionalização destas categorias estará descrita no capítulo .

A construção destes critérios não é isenta de ambiguidade. Uma lesão realizada em campo integra-se na categoria jogo, como uma intercorrência da prática; o noticiário de carácter biográfico sobre o período de recuperação do jogador mantém-se na mesma categoria, muito embora pudesse já extravazar para o “extra-jogo”. Algumas decisões são, assim, de carácter pragamático, para evitar desagregar e indiferenciar as notícias nesta organização dicotómica. Contudo, a presença destes dois universos, o primeiro identificado na experiência directa do jogo e o segundo associado ao universo associativo, financeiro, social e mesmo judicial do Futebol parece-me continuar a merecer uma separação pertinente.

Para além do noticiário, é de referir ainda que também as entrevistas viram o seu conteúdo analisado e remetido para a apresentação dos factos descritos ao longo do trabalho. “Os discursos das entrevistas são, no sentido forte da palavra, ‘dados’. Estes tornam-se fontes de informação, através da análise, e de significado, através da interpretação”⁷ (Jensen, 2012: 270).

⁶ Tradução livre. No original: “One purpose is to arrive at a set of mutually exclusive and exhaustive categories; another purpose is to enable later comparisons across cases as well as categories” (Jensen, 2012: 276).

⁷ Tradução livre. No original: “Interview discourses are, in a strong sense of the word, ‘data’. They become sources of information through analysis, and of meaning through interpretation” (Jensen, 2012: 270).

Capítulo II: O Estágio

1. Breve história sobre os 80 anos da Rádio Renascença⁸

A Rádio Renascença foi idealizada no dia 1 de fevereiro de 1933, num artigo da revista ilustrada “Renascença”, assinado por Zuzuarte Mendonça, um jornalista católico. Nesse artigo, o jornalista expressava a ideia da criação de uma emissora católica. Em maio de 1933, o jornalista Lopes da Cruz, coloca em prática a ideia do colega e angaria fundos e apoios para que passe a prática. Pouco menos de quatro anos volvidos, no dia 1 de janeiro de 1937, finda a fase das emissões experimentais, iniciam-se as emissões regulares da Rádio Renascença, nos estúdios da Rua Capelo, no Chiado.

Com forte ligação à Igreja Católica, a Rádio Renascença transmitiu, na íntegra, a primeira mensagem rádio de um Papa – Pio XII -, na língua portuguesa. Tradição que se mantém bem viva com a transmissão diária da recitação do Terço do Rosário, a partir da Basílica dos Mártires em Lisboa, desde março de 1953. Em outubro de 1972 inicia a transmissão de noticiários próprios da Rádio Renascença.

A Renascença teve, também, um importante papel na história democrática de Portugal. Foi nesta emissora que, no dia 25 de abril de 1974, foi transmitida a segunda senha da revolução dos cravos, a célebre canção de José Afonso, “Grândola Vila Morena”.

Depois de ver destruídos os emissores da Buraca, em novembro de 1975, por ordem do Conselho de Revolução, após a ocupação da Rádio por parte de militares no ano anterior, as emissões da Renascença voltam no primeiro dia de 1976. O único andar sede da Rádio Renascença, na rua Capelo, torna-se insuficiente para as necessidades da mesma e, em fevereiro de 1979, a gerência compra todo o edifício do nº 5.

No mês de janeiro de 1981, a Rádio Renascença alcança um lugar de destaque perante os ouvintes, tornando-se a rádio mais ouvida do país. Apesar de cimentar o seu lugar nas preferências dos portugueses, a emissora católica foi perdendo o público jovem e, para ripostar a tendência, decide criar uma rádio com programação centrada nesse mesmo público, a Renascença FM, hoje conhecida como RFM. Mais alterações de fundo só em outubro de 1997, com a entrada em cena da Renascença na Internet,

⁸

Informação recolhida em: https://rr.sapo.pt/especial/80687/renascenca_a_historia_de_80_anos_de_radio. Acedido em: 08/09/2018.

com a criação de um *site* informativo. Em setembro de 1998, a criação de mais uma rádio, desta feita, a Mega FM – atualmente Mega Hits – “uma rádio feita por jovens para jovens” e, dez anos mais tarde, adiciona mais uma emissora ao seu repertório, a Rádio SIM que, contrariamente à anterior, se trata de uma rádio destinada aos seniores.

Em agosto de 2007, a delegação da Renascença do Porto vê o seu espaço de trabalho crescer. Outrora a funcionar em instalações alheias, nesse mês toda a redação muda-se para Vila Nova de Gaia, com a compra de instalações próprias, por parte do grupo.

Em 2010, o Grupo Renascença assume a designação “Grupo r/com” – Grupo Renascença Multimédia, detido pelo Patriarcado de Lisboa (60%) e pela Conferência Episcopal Portuguesa (40%). Deste grupo, continuam a fazer parte a Rádio Renascença, a RFM, a Mega Hits e a Rádio SIM⁹

No dia 9 de abril de 2012, a Rádio Renascença é condecorada pelo Presidente da República, Cavaco Silva, com o grau de Membro Honorário da Ordem do Mérito, pelo importante papel que desempenhou na história da Democracia, em Portugal. A condecoração deu-se aquando do assinalar do 75º aniversário da rádio.

O último capítulo de uma história de 80 anos, que continua, dá-se em 2016, com a inauguração da nova sede, na Quinta Bom Pastor, na Buraca. Em abril desse ano, o Grupo Renascença despede-se da história sede na Rua do Capelo e, no mês de maio, muda-se para a nova sede, numa inauguração com três horas de emissão especial e com o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa e o Primeiro-Ministro, António Costa, como convidados.

2. Bola Branca

O programa Bola Branca, no qual se baseia este trabalho, foi criado em 1980, por Artur Agostinho e António Ribeiro Cristóvão e, na altura, tornou-se o primeiro programa de desporto à hora, em Portugal.

Com uma história de 38 anos, Bola Branca vê reconhecida a sua importância para o desporto e a noticiabilidade do mesmo, pela Federação Portuguesa de Futebol, na primeira edição da Gala Quinas de Ouro, que assinalou o seu centenário, em 2015. Neste ano, Bola Branca recebe o prémio “Quinas de Ouro”, na categoria “Melhor

⁹ Informação disponível em: <https://rr.sapo.pt/transparencia>. Data de acesso: 08/09/2018.

Programa”. Pedro Azevedo, chefe da redação de desporto da Renascença, a propósito deste reconhecimento, justifica o prémio pelo “trabalho de promoção do futebol e o trabalho de divulgação do futebol que Bola Branca tem feito, ao longo de três décadas e meia”. O jornalista afiança ainda que “as pessoas preferem Bola Branca, pelas suas notícias em primeira mão, pelas suas reportagens distintivas, pelas suas entrevistas exclusivas e pelos relatos de futebol” ¹⁰. Visão partilhada por José Luís Ramos, administrador do grupo:

“A escola fundada por ele [Ribeiro Cristóvão], na Renascença, na informação desportiva, tem continuado a dar bons frutos, tem tocado milhões de pessoas ao longo dos anos. Tem feito isso, sobretudo através daquele que é um verdadeiro serviço público, feito pela Renascença, em prol de uma informação desportiva séria, credível, que aposta no espetáculo, mas que não é sensacionalista” (José Luís Ramos, administrador do Grupo R/com) ¹¹.

A equipa Bola Branca, tal como a Renascença, divide-se pelas instalações de Lisboa e do Porto. Atualmente, a equipa conta com Pedro Azevedo – chefe de redação -, Sílvio Vieira, Luís Aresta e Inês Sampaio, em Vila Nova de Gaia e Carlos Dias, João Fonseca, João Paulo Ribeiro, José Barata, José Pedro Pinto e Rui Viegas, em Lisboa.

Na Quinta do Bom Pastor, local do estágio, a equipa de Bola Branca beneficia de uma “ilha” a um canto da redação da Renascença, ao contrário do que sucedia nas instalações do Chiado. “Hoje estamos todos numa sala enorme, com 70 pessoas e ainda é como antigamente: levantamo-nos e vamos tirar uma dúvida 5 ou 10 metros à frente” (Anexo 1.1., página 92, 2).

¹⁰ A propósito do reconhecimento, por parte da Federação Portuguesa de Futebol, na Gala Quinas de Ouro, a 15 de janeiro de 2015.

¹¹ Idem.

Capítulo III: Enquadramento Teórico

1. Rádio - Radiojornalismo ou Rádio Informativa?

“Na língua portuguesa, o jornalismo produzido e veiculado pela rádio tem sido designado geralmente como radiojornalismo” (Meditsch, 1999, p. 20). Eduardo Meditsch (1999) propõe uma distinção entre os conceitos de “radiojornalismo” e “rádio informativa”. A rádio informativa é a evolução, imposta pelo surgimento de novos suportes e a “transposição da atividade [jornalística] aos meios eletrónicos”, que fez com que se quebrassem “tradições, normas, hábitos e técnicas” do radiojornalismo. Como refere o autor na sua obra:

“Os novos suportes modificaram a atividade, a fixação na designação anterior – o congelamento do conceito – por vezes obscurece as diferenças estabelecidas nesta mutação. A rádio informativa não é apenas um novo canal para a mesma mensagem do jornalismo, é também um jornalismo novo, qualitativamente diferente, e a designação diversa procura dar conta desta transformação” (Meditsch, 1999: 20).

A distinção ainda não é consensual para os autores que tratam o tema. Na bibliografia francesa e espanhola é comum encontrarmos a expressão “rádio informativa”, da mesma forma que na inglesa se referem a “radiojornalismo” e “notícias de rádio” (Hortsmann, 1988 *apud* Meditsch, 1999:20). Em Portugal, no Brasil e nos países latino-americanos são adotadas ambas as nomenclaturas (Meditsch, 1999: 20).

Faus Belau (1981 *apud* Meditsch, 1999: 20), também propõe que se alargue o conceito de radiojornalismo devido às modificações que se sucederam no género. Para o autor, a rádio informativa diferencia-se pela “maior profundidade em relação à programação tradicional de notícias” (Meditsch, 1999: 20).

Meditsch, por seu turno, propõe uma definição de rádio informativa, baseada nas transformações que ocorreram no campo jornalístico:

“A simples transposição da prática jornalística dos meios impressos para a rádio, num primeiro momento, sofreu modificações qualitativas com a sua adequação ao novo meio, num processo que vem se dando ao longo da história.” (Meditsch, 1999: 21)

Para Meditsch (1999), a rádio não podia estar confinada à base do jornalismo impresso, um género jornalístico que não era o seu e, como tal, passa a possuir informação e dados que antes não existiam, como a hora certa e as reportagens em direto. De acordo com o autor, a rádio:

“Aprofunda e contrapõe ideias e opiniões com facilidade e orienta as massas urbanas como um cão de um cego. Põe em contato os mais remotos sítios do interior e concede espaço para o recetor se manifestar como nenhum outro meio. É um serviço quase sempre gratuito, que não toma o tempo nem monopoliza a atenção do público” (Meditsch, 1999: 21)

A rádio informativa não é o único produto da evolução da rádio, segundo Meditsch. A evolução do meio abriu espaço para diferentes formatos de programação destinados aos mais variados públicos. A rádio generalista passou a partilhar a antena com outras emissoras (especializadas) e, em muitas das últimas, a informação foi perdendo espaço e, se o continuam a fazer, fazem-no “por força do hábito ou de lei, com muito menos intensidade, e quase sempre com material produzido e distribuído por emissoras informativas” (Meditsch, 1999: 21).

Assim, para Meditsch (1999), a rádio informativa é também uma instituição social:

“(…) Uma instituição social com características próprias que a distinguem no campo dos media e no próprio campo da rádio, contemporaneamente (p.120) mais plural e diferenciado em alguns aspetos, embora mantenha muitos outros em comum com a rádio da primeira metade do século onde se localiza a sua origem história e também a de sua identidade como instituição” (Meditsch, 1999: 22).

1.1. A Notícia em Rádio

“A notícia é o elemento nuclear do jornalismo radiofónico. Nenhum jornalista começa na rádio por fazer entrevistas ou moderar debates. A notícia é o ponto de partida para todos os outros géneros. A notícia é o laboratório das principais preocupações que o jornalista deve ter” (Meneses, 2016: 21)

Tal como evidencia Meneses (2016), a notícia é fulcral para o jornalismo radiofónico, tal como para imprensa ou televisão. Porém, a rádio tem características específicas, as quais não partilha com nenhum outro meio e, como tal, a escrita noticiosa será resultado desse mesmo conjunto de características, únicas à rádio.

Para Victor Silva Lopes (1988), a rádio é o meio predileto de uma característica comum a todas as formas de jornalismo: a rapidez (Lopes, 1988: 68). É este imediatismo que diferencia a rádio dos outros meios, tal como evidencia Lopes:

“Mais do que a televisão e, muito mais ainda, do que a imprensa, a rádio transforma uma informação em notícia num instante, pelo simples facto de a publicar. Por isso mesmo, à informação radiofónica se aliam o substantivo ‘rapidez’ e o advérbio ‘imediatamente’. O tempo na rádio é ‘oiro’. A rapidez é preciosa” (Lopes, 1988: 68)

Também para Prado (1985), em rádio, a notícia e a redação da mesma são influenciadas por vários fatores. O imediatismo obriga a uma rapidez na construção das notícias que, no meio radiofónico, é constante, ao passo que na imprensa os jornalistas pensam nas notícias do dia. A efemeridade das notícias em rádio faz com que o jornalista seja forçado a escrever para que seja entendido à primeira, o que marca toda a estrutura da notícia.

Para ambos os autores supracitados, esta urgência em rádio tem consequências na produção noticiosa. Essas consequências são verbalizadas por Lopes (1988) – “o pouco desenvolvimento do texto” (Lopes, 1988: 69). De facto, tendo em conta as características que os autores atribuem à notícia de rádio, estas servem o propósito do imediatismo evidenciado por Lopes (1988) e Prado (1985).

Lopes (1988) atribui preceitos estabelecidos para a informação em rádio que também se aplicam nos restantes meios de comunicação social, como o estilo claro, correto e conciso. A precisão e a concisão na escrita, quando aliadas ao interesse da própria notícia, também constituem a “qualidade de uma boa cobertura” (Lopes, 1988: 71). O autor recomenda, também, que se elimine o supérfluo “para não desvirtuar o significado da mensagem” (Lopes, 1988: 71). O uso de palavras complicadas é desencorajado e, ao invés, a naturalidade de expressão é apontada por Lopes como algo que deve prevalecer no texto radio jornalístico, já que “o ouvinte não paga a taxa de radiodifusão para que o obriguem a esforços superiores à sua compreensão normal” (Lopes, 1988: 71). O autor concretiza remetendo para um trabalho de William L.

Rivers, no qual este último sustenta que “para a rádio se deve escrever como se escreve para os jornais, mas tendo em conta que as palavras serão lidas” (Lopes, 1988: 71).

Barbeiro e Lima (2001) também defendem que o texto radiofónico deve ser simplificado e que as frases longas devem ser desencorajadas. A negatividade afasta o ouvinte de uma notícia, já que “ninguém liga o rádio para saber o que não aconteceu” (Barbeiro e Lima, 2001: 63). A notícia em rádio tem de ser atual, por isso, Barbeiro e Lima não concordam com o uso da expressão “ontem”, por exemplo, já que “envelhece a notícia” (Barbeiro e Lima, 2001: 63). Rimas e repetição de sons idênticos causam ruído e devem ser evitados. O uso de pronomes possessivos também deve ter algum critério já que a utilização de expressões como *seu, sua, seus, suas* “pode confundir quem acompanha o noticiário” (Barbeiro e Lima, 2001: 63).

“Um texto radio jornalístico é construído para ser escutado por uma audiência diversificada, variável e em diferentes situações” (Sousa e Aroso, 2003: 21). Por este facto, o texto em radiojornalismo tem de possibilitar ao ouvinte a sua compreensão imediata. É imperativo que o texto seja claro, conciso e concreto. Para Sousa e Aroso (2003), é importante que o radio jornalista tenha presente o tipo de audiência que o ouve e deve tentar aproximar-se dela, mantendo uma “certa postura e atitude” (Sousa e Aroso, 2003: 21). Como a oralização da linguagem é a protagonista do consumo do texto radiofónico, os autores consideram que a linguagem aplicada ao texto também é fundamental e esta deve ser “clara, concisa, precisa e simples, embora rica e variada, educada e agradável ao ouvido” (Sousa & Aroso, 2003: 22).

“Um radio jornalista não deve ignorar que o principal mandamento para se fazer uma boa notícia de radio é contar bem o que há para contar” (Sousa & Aroso, 2003: 24).

Também Jonathan Kern (2008) defende que um jornalista radiofónico deve valorizar uma escrita simples, tal qual como fala com os que lhes são mais próximos. “Temos de aprender a escrever como falamos, não com milhares ou milhões de pessoas, mas com uma pessoa; temos de comunicar com aquele arquetípico ouvinte da maneira que falamos com os nossos amigos ou família”¹² (Kern, 2008: 27).

Para Sousa e Aroso o texto radio jornalístico “deve ser tematicamente redundante” (Sousa e Aroso, 2003: 39) e a técnica usada pelos jornalistas é a da

¹² Tradução livre. No original: “We have to learn to write as if we were talking not to thousands or millions of people, but to one person; we should communicate to that archetypal listener much the way we actually talk to our friends or family.” (Kern, 2008: 27).

“espiral”, pela qual legitimam a necessidade de recuperarem constantemente a informação veiculada e a recontextualização dos protagonistas.

A necessidade de os jornalistas de rádio recuperarem a informação que veiculam é justificada por Grundy (2008):

“Se as coisas que tem de fazer bem quando escreve notícias para jornais se aplicam porque os leitores não terão de se esforçar com as suas notícias, então aplicar-se-ão ainda mais fortemente às notícias da rádio e da televisão. Ao contrário dos leitores, os ouvintes e os telespetadores não terão a oportunidade de se esforçarem com as suas notícias – vão ouvi-las ou vê-las apenas uma vez. Não podem relê-las.” (Grundy, 2008: 76)

Grundy aponta ainda para a possibilidade de o ouvinte não estar a centrar a totalidade da sua atenção no que o radio jornalista está a transmitir. Para potenciar a atenção do ouvinte, é necessário que o locutor coloque sobre si “a exigência de escrever notícias que possam ser imediatamente compreendidas de uma só vez” (Grundy, 2008: 76).

O autor aponta para a escrita com “clareza” e no desenlace lógico da história que se quer contar. “Demasiadas coisas de uma vez, demasiadas coisas que sejam desconhecidas ou obscuras, e demasiados buracos ou obstáculos na fluidez dos fatos devem ser evitados” (Grundy, 2008: 76).

1.1.1. Um denominador comum: a “pirâmide invertida”

Todas características da escrita jornalística para rádio, evidenciadas pelos autores já mencionados, são consumadas no estilo que, para a maioria destes, é o predileto na hora dos radio jornalistas redigirem as suas peças: a pirâmide invertida, uma prática na construção jornalística. Tal como refere Jorge Pedro Sousa:

“A pirâmide invertida é, provavelmente, o modelo mais conhecido e talvez ainda o mais comum de redação de notícias, particularmente de notícias breves, mas também é um modelo usado em reportagens, particularmente em reportagens de pequena extensão, tal como em pequenas entrevistas redigidas em ‘discurso indireto’” (Sousa, 2001: 317)

Como Sousa refere, no modelo da pirâmide invertida, “o núcleo duro da informação deve figurar no lead” (Sousa, 2001: 317), ou seja, é aí que encontraremos a informação mais importante. Nos restantes parágrafos, a informação decresce por ordem de importância e são estes que compõem o corpo da notícia. Para o autor, esta técnica em vantagens como a imediata compreensão daquela que é a informação mais relevante, por parte do leitor, este pode deixar de ler a notícia a meio porque, mesmo que o faça, já reteve o mais relevante e, por último, o texto é construído em blocos que, caso seja necessário, podem ser retirados da notícia sem que esta perca o essencial da informação, que é sempre o *lead*.

O modelo da pirâmide invertida já vem sendo, mais ou menos, consensual de há uns anos a esta parte. O autor fazia já menção a este modelo como “a forma mais usada na informação radiofónica” (Lopes, 1988: 71) para o desenvolvimento de notícias. O autor defende “um *lead* com factos concretos” (Lopes, 1988: 72) e, para tal, o modelo da pirâmide invertida é recomendada por Lopes.

No sentido contrário, Prado considera que a notícia radiofónica não possui a estrutura da pirâmide invertida, pois em Rádio “a quantidade de informação não é decrescente na sua distribuição”¹³ (Prado, 1985: 47). A entrada, que substitui o *lead* em imprensa, deve ser breve e a sua função é atrair a atenção do ouvinte. Seguem-se parágrafos com estruturas semelhantes, cada um com dados novos e um redundante (Prado, 1985: 48). Finalmente, o fecho da notícia recupera o essencial e, feito de uma forma atrativa, “facilitará a atenção à informação seguinte”¹⁴ (Prado, 1985: 50).

“A pirâmide invertida significa apenas o que é novo, o que acaba de acontecer, o que é mais significativo, o que é mais interessante, vem em primeiro lugar. O menos importante vem no fim” (Grundy, 2008: 23)

Grundy (2008) considera que a pirâmide invertida se tornou o método mais convencional no jornalismo por colocar a notícia no início, talvez por influências dos serviços de notícias ou agências noticiosas e pelo processo de produção. O método obriga a que o cerne da notícia se configure no primeiro parágrafo. Desta forma, reconhece-se a figura do “leitor atarefado” (Grundy, 2008: 23), que dispõe de tempo limitado para consumo de notícias e satisfaz as suas necessidades no início do texto. Os

¹³ Tradução livre. No original: “la cantidad de información no es decreciente en su distribución” (Prado, 1985: 47)

¹⁴ Tradução livre. No original: “facilitará la atención a la siguiente información” (Prado, 1985: 50)

serviços ou agências de notícias distribuem conteúdo a todos os órgãos de comunicação e o seu estilo predileto é o da pirâmide invertida, que acaba por satisfazer as necessidades da multiplicidade dos seus consumidores (Grundy, 2008: 24). Finalmente, este tornou-se o estilo convencional de escrita porque “convém ao próprio processo de produção de notícias” (Grundy, 2008: 24). Para Grundy, uma notícia escrita neste estilo pode ser editada com maior facilidade.

Meneses (2016) também vê na pirâmide invertida um recurso útil, particularmente quando usada em informação radiofónica, destacando-a na sua obra, quando aborda a notícia em rádio. O autor considera que existem razões que justificam o uso deste método, tais como: “suporta mais dados em menos tempo (essencial na rádio) [...] permite à rádio bater-se na ‘luta’ concorrencial pelo mais rápido a noticiar (com os canais de informação da internet) [...] e] satisfaz a necessidade de noticiar um facto sobre o qual não se conhecem ainda todos os detalhes (essencial na atualização da informação)” e, finalmente, “respeita a urgência do relato oral (na informalidade do dia a dia também não contamos o mais importante no fim)” (Meneses, 2016: 21-22).

1.2. O Som

Outro componente importante na rádio é o som. O som é fundamental para o radiojornalismo.

“O som conta uma história. A arte do jornalismo numa rádio pública implica a maior parte das técnicas praticadas por repórteres de televisões ou jornais – encontrar fontes, conduzir entrevistas, ir para a zona de ação, observar cuidadosamente -, mais uma, única no nosso meio: ouvir ou ‘reportar com os ouvidos’. O som certo (...) pode substituir dúzias ou centenas de palavras e pode ser tão descritivo e evocativo com uma fotografia”¹⁵ (Kern, 2008: 3)

“Na gíria das várias rádios em Portugal usam-se expressões como ‘cortar um som’, ‘o que é que diz esse som?’, ‘lançar um som’ ou mesmo ‘fazer um som’” (Meneses, 2016: 53). Som, em rádio, é “informação produzida/fabricada por quem

¹⁵ Tradução livre. No original: “Sound tells a story. The art of public radio journalism entails most off the skills practiced by television or newspaper reporters – finding sources, conducting interviews, digging through documents, getting to the scene of the action, observing carefully – plus one that is unique to our medium: listening, or “reporting with your ears”. The right sound (...) can substitute for dozens or hundreds of words, and can be as descriptive and evocative as a photograph” (Kern, 2008: 3).

trabalha na rádio”, ou seja, “é tudo o que se ouve na rádio, exceto o texto lido/falado pelos que ali trabalham” (Meneses, 2016: 53). Depoimentos ou entrevistas, sons-ambiente, efeitos sonoros ou música entram na jurisdição do que se depreende por som na rádio.

Como já referido anteriormente, na rádio o tempo é fulcral e é exatamente esse o instrumento com que se mede o material sonoro que os jornalistas de rádio produzem.

“(…) Os homens da Rádio (…) trabalham os seus programas, a sua música e as suas reportagens com uma medida (em números complexos): os minutos e segundos. Um telejornal tem, por exemplo, 30 minutos na RTP. Um radio jornal depende da hora do dia. A revista (impressa) Magazine, tem, por seu lado, 86 páginas, ocupando cada página X centímetros de área. A dimensão do áudio caracteriza-se, portanto, pela duração (tempo) que os sons levam a produzir-se e à velocidade que são emitidos” (Lopes, 1988: 53)

Para além da leitura de notícias, os jornalistas munem-se de RM’s (registos magnéticos) que correspondem a uma voz ou qualquer outro som que tenha valor noticioso (Sousa e Aroso, 2003: 49).

Meneses (2016) destaca as funções do som no radiojornalismo, que são, no entender do autor, três: “informar, credibilizar e introduzir ritmo/emotividade” (Meneses, 2016: 53).

Segundo Meneses, um som informa quando adiciona, de facto, novos dados ou elementos aos que o jornalista já partilhou. Aqui “o som tem um real valor noticioso” (Meneses, 2016: 53). Um som credibiliza uma notícia quando, para além de introduzir dados atualizados, “vai para o ar para que não fique qualquer dúvida sobre se determinada situação aconteceu ou determinado protagonista disse realmente aquilo” (Meneses, 2016: 54). Se um som não informa, nem credibiliza, pode apenas introduzir ritmo ou expressividade, com um registo de voz diferente do até então verificado, por exemplo. Como refere Meneses:

“(…) A declaração lacónica do primeiro-ministro anunciando a sua demissão não traz nada de novo face ao que já se conhece do assunto, mas seria uma irresponsabilidade decidir não a pôr no ar! Pela credibilidade, mas também pela emoção que o assunto provoca (no ouvinte e no próprio protagonista)” (Meneses, 2016: 54)

1.3. A Voz

O elemento final do jornalismo radiofónico é a voz. Porém, tal como evidencia Meneses (2016), este ponto podia ter como nome “leitura”, já que “são muitas mais as vezes em que lemos do que aquelas em que falamos na rádio” (Meneses, 2016: 59).

Não há muitos anos, a função de leitura em antena estava reservada a locutores com vozes “típicas” de rádio. A tendência levou um volte face e este já não é recente. Prado (1985) já defendia que a locução deve estar reservada à mesma pessoa que redige as notícias, “rompendo com a expressão fria, impessoal, de máquina falante, que veiculam os locutores profissionais quando leem um texto jornalístico”¹⁶ (Prado, 1985: 15).

Na locução intervêm quatro varáveis fundamentais para Prado: a vocalização, a entoação, o ritmo e a atitude (Prado, 1985: 18).

“Uma vocalização clara facilita a compreensão de um texto”¹⁷ (Prado, 1985: 18), as sílabas têm de ser todas pronunciadas, tal qual o fazemos quando falamos diariamente. Um exercício proposto por Prado passa pelo colocar um lápis entre os dentes, o que permite que se adquira “flexibilidade e concentração na capacidade bucal”¹⁸ (Prado, 1985: 19). A entoação radiofónica é necessariamente diferente da entoação que se aplica nas leituras em voz alta. Para Prado é fundamental que em Rádio se pense em “dizer as coisas e não lê-las”¹⁹ (Prado, 1985: 19). A entoação radiofónica deve ser semelhante à expressão oral quotidiana. O ritmo também tem um papel fundamental na Rádio. Para Prado, este não pode ser constante pois, se assim for, tornar-se-á monótono e entediante. Para combater o tédio de quem os ouve, os jornalistas de rádio devem munir-se de uma combinação de ritmos em função da fluidez das ideias (Prado, 1985: 20). Por último, a atitude que sendo “demasiado seca ou demasiado risonha, terá um resultado negativo na eficácia da mensagem”²⁰ (Prado, 1985: 21).

“A voz é polissémica” (Sousa e Aroso, 2003: 14) e, como tal, a entoação faz o sentido da frase. Esta é usada para realçar palavras, frases ou protagonistas de

¹⁶ Tradução livre. No original: “rompiendo así con la expresión fría, impersonal, de máquina parlante, que vehiculan los locutores profesionales cuando leen un texto periodístico” (Prado, 1985: 15).

¹⁷ Tradução livre. No original: “Una vocalización clara facilita la comprensión de un texto” (Prado, 1985: 18).

¹⁸ Tradução livre. No original: “flexibilidad y resituarse en la capacidad bucal” (Prado, 1985: 19).

¹⁹ Tradução livre. No original: “decir las cosas, no en leerlas” (Prado, 1985: 19).

²⁰ Tradução livre. No original: “demasiado seca o demasiado risueña redundará en sentido negativo com respecto a la eficacia del mensaje” (Prado, 1985: 21).

determinados RM's, por exemplo. Para além da entoação, o radio jornalista também dispõe de valências como o ritmo, o volume e o timbre. Para Sousa e Aroso, o ritmo é o “andamento” dado a determinada locução e as pausas que lhe emprega. O volume dá ênfase e “os níveis de som simbolizam planos de imagem” (Sousa & Aroso, 2003: 15), com o volume baixo o jornalista aproxima a imagem e, pelo contrário, afasta-a quando diminui o nível da sua voz. Por seu turno, o timbre e a tonalidade tornam “a voz mais ou menos agradável para quem a escuta” (Sousa e Aroso, 2003: 15), sendo que, para os autores, a voz pode ser “educada”, mas admitem que existem umas mais adaptadas a rádio do que outras.

Se as vozes podem ser moldadas - e esta é uma questão adjacente à atividade na rádio -, será que todas as vozes servem? Para Meneses (2016), apenas questões técnicas e físicas podem dificultar a entrada de determinada voz em antena. As primeiras são “relativamente fáceis de corrigir” (Meneses, 2016: 60) e dizem respeito a dicção, entoação, respiração e pronúncia. Já as segundas são “difíceis de recuperar” (Meneses, 2016: 60), como gaguez inibidora ou dislexia fonética.

Para o autor, salvo algumas exceções, “todos falam na rádio” (Meneses, 2016: 60) e existem, fundamentalmente, duas características intrínsecas a cada voz: o tom e o timbre. O tom tem que ver com “a altura da voz” (Meneses, 2016: 60) e pode ser mais grave ou agudo, sendo que quando o tom da voz não está alinhado “vão aparecer falhas”, segundo Meneses. O timbre, por seu lado, é aquilo que distingue todas as vozes, o “bilhete de identidade” de cada uma, resultando “de um fenómeno complexo de ressonâncias e vibrações e depende do trabalho que as nossas cordas vocais desenvolvem” (Meneses, 2016: 60).

2. Jornalismo Especializado e o Jornalismo Desportivo

2.1. Jornalismo Especializado: origem e diferentes definições

“Pode-se dizer que o jornalismo especializado (...) está disseminado nos mais diversos produtos jornalísticos e, por isso, permeia as reflexões sobre o campo; mas, muitas vezes, a sua presença se dá mais como lugar de emergência de objetos, do que um objeto ele mesmo” (Tavares, 2009: 115).

O jornalismo especializado é um conceito relativamente recente enquanto objeto de estudo e é influenciado pela existência de normas transversais ao Jornalismo. Para além destas particularidades, no jornalismo especializado e para se pensar neste há-que se ter em conta alguns consensos existentes acerca da especialização jornalística em si:

- Especialização pode estar relacionada a meios de comunicação específicos como imprensa, televisão ou rádio;
- Relacionada com temas como jornalismo desportivo, económico ou político.
- Uma mescla entre os dois primeiros – jornalismo desportivo radiofónico ou jornalismo cultural impresso.

Em Espanha, o jornalismo especializado existe desde a década de 1970 e é por isso que o país vizinho se encontra na “vanguarda das reflexões sobre jornalismo especializado” (Tavares, 2009: 116).

O jornalismo especializado é pensado através de duas perspetivas:

- 1) Normativa – mais direcionada para a produção noticiosa e consiste em textos e pressupostos que sustentem a aplicação prática.
- 2) Concetual – mais teórica, sustenta o conceito de jornalismo especializado. Abarca reflexões sobre o mesmo, métodos de pesquisa e teorias-base para se pensar em jornalismo especializado.

A especialização está associada à evolução dos meios de comunicação e à formação e existência de nichos que procuram informação específica. “A especialização jornalística é fruto, em grande medida, das exigências da audiência, cada vez mais

diversa, que exige conteúdos mais específicos”²¹ (Berganza Conde, 2005: 39). A exigência do público também e a urgência por parte do mesmo em informação mais precisa também precipitou o nascimento do jornalismo especializado: “a atual heterogeneidade das atividades sociais, somada à crescente especialização científica e laboral, fazem com que o público necessite de uma informação completa e exata dos seus núcleos de interesse”²² (Quesada Pérez, 1998: 29-30).

A imprensa, objeto principal deste artigo, abordava “o mundo como um todo, buscando dar conta desse todo” (Tavares, 2009: 117), porém sempre centrada na cobertura dos fatos e em textos puramente informativos. A introdução de outros meios, como a rádio ou a televisão, associados a questões externas ao jornalismo, como crises económicas e sociais, marcaram a busca incessante pela credibilidade informativa. O jornalismo especializado foi, então, a resposta encontrada para reter as audiências.

A especialização jornalística centra-se mais nos conteúdos do que propriamente nos métodos pelos quais é alcançada. Procura responder a questões relacionadas com a existência de determinados fenómenos o que, indiretamente, se reflete na linguagem utilizada. É neste enfoque pelos conteúdos que surge a divisão do jornalismo em editorias, cada uma correspondente ao seu assunto dominante. Elcia Lustosa atribui à especialização no jornalismo como uma “consequência lógica da divisão do trabalho nos veículos de comunicação” (Lustosa, 1996 *apud* Tavares, 2009: 120).

Nilson Lage (2005: 109), por seu turno, questiona-se sobre a possibilidade de se tornarem os especialistas em jornalistas. Porém, logo de seguida, refuta a sua pergunta pois um jornalista deve relatar o mundo do ponto de vista do senso comum, o que é impossível para um especialista já que este tem em conta os seus conhecimentos e não está, à partida, “treinado” para relativizar o seu discurso. Por outro lado, Lage sustenta que é necessário que a cada profissão esteja associada a ética profissional correspondente. O autor aponta ainda para a vantagem económica de se apostar em que um jornalista se especialize, ao invés de treinar os especialistas em jornalistas e que, do ponto de vista produtivo também é uma grande mais-valia.

Lage apoia-se na Teoria da Cognição para justificar o seu pensamento. Segundo esta “para transmitir conhecimento de algo, é preciso entender esse algo – isto é,

²¹ Tradução livre. No original: “La especialización periodística es fruto, en gran medida, de las exigencias de la audiencia, cada vez más diversa, que demanda contenidos específicos” (Berganza Conde, 2005: 39).

²² Tradução livre. No original: “la actual heterogeneidad de las actividades sociales, sumada a la creciente especialización científica y laboral, hacen precisar al público de una información completa y exata de sus núcleos de interés” (Quesada Pérez, 1998: 29-30).

constituir um modelo mental dele”, modelo mental esse que mais não é que uma “estrutura incompleta, aproximada” (Tavares, 2009: 120). O jornalista é, então, um especialista na construção de notícias, munido de informação técnica, concisa e de experiências que sustentam a temática que aborda no seu trabalho.

A escola espanhola, situa o jornalismo especializado no âmbito do conhecimento e do trabalho. A partir deste pensamento afirmam que este jornalismo advém da exigência do público ao qual se reporta e da necessidade dos média alcançarem mais qualidade e profundidade nos seus conteúdos. Do jornalismo especializado espera-se que transmita e continue a noticiar de forma quase coloquial e de fácil compreensão, fatos que requerem outro tipo de conhecimentos.

Apesar de tudo, destaca-se a aparente inexistência de um consenso concetual em volta do jornalismo especializado. Esta falta de consenso é espelhada pela multiplicidade de terminologias anexadas ao conceito. Apesar disto, encontram-se pontos comuns nas várias definições.

Pedro Orive e Concha Fagoaga (1974 *apud* Tavares, 2009) apontam à estrutura do jornalismo especializado, a qual visa analisar a realidade sustentando-a numa interpretação o mais simplificada possível, aprofundando interesses e necessidades dos seus leitores. Maria Teresa Mercado Saéz (2006 *apud* Tavares, 2009) também partilha do mesmo ponto de vista, já que o jornalismo especializado e o seu fim visam a busca por uma estrutura que “abarca todo o processo comunicativo para apresentar a realidade através dos múltiplos âmbitos temáticos” (Tavares, 2009: 124) e que acabam por satisfazer as necessidades de quem o procura.

Podemos afirmar que se espera do jornalismo especializado a junção de uma leitura distintiva daquilo que se observa e da utilização da terminologia adequada a cada temática, sem que se quebrem as fronteiras daquela que é considerada uma linguagem mais informal e acessível.

Outro aspeto evidenciado pelos teóricos prende-se à metodologia desta área em específico. A metodologia destacada é a profissional, na qual existem três matrizes normativas: jornalismo investigativo, jornalismo interpretativo e de explicação e, finalmente, o jornalismo de precisão.

Os jornalistas especializados são diferenciados dos generalistas quanto às temáticas abordadas. A análise das temáticas é mais fácil quando se olha ao género por excelência do jornalismo: a reportagem jornalística, um espaço pródigo num tipo de jornalismo mais profundo e explicativo. Hector Borrat caracteriza o jornalismo

especializado como uma “maneira de produzir textos periodísticos” (Borrat, 1993 apud Tavares, 2009: 126). Segundo este autor, o jornalismo especializado reúne a coerência interna do saber jornalístico e a pertinência teórica. O “bom texto” de um jornalista especializado procura ser o intermediário entre os entendidos e a audiência de determinados media.

O conhecimento jornalístico e as consequências positivas que dele advêm são outras das ideias levantadas para a consecução de um jornalismo especializado. Fernández Del Moral entende que o jornalismo especializado “dá aos meios de comunicação a oportunidade de responder aos desafios do conhecimento em uma sociedade” (Del Moral, 1993-1994 *apud* Tavares, 2009: 127), sociedade esta que não possui as mesmas capacidades interpretativas e de análise que os *experts* detêm. Assim, o conhecimento produzido pelos media “passa a orientar sujeitos e consumidores de uma outra maneira”.

Em jeito de conclusão, Frederico de Mello Brandão Tavares remete-nos para uma questão fundamental, levantada por Néelson Traquina (2004) e que se prende com o porquê de as notícias serem como são. Para o autor, as notícias são o produto acabado da atividade jornalística, que tem como protagonista o acontecimento. No jornalismo especializado o foco vai para além da notícia. Existem diversos universos temáticos que têm de ser tidos em conta e para tal existe o jornalismo especializado.

2.2. O Jornalismo Desportivo

O jornalismo desportivo pode ser considerado como um género de jornalismo especializado pela particularidade da temática sobre a qual incide. O jornalismo desportivo tem como foco o desporto e os acontecimentos que deste advêm.

Raymond Boyle (2005) identifica o jornalismo desportivo como o “*toy department*” do jornalismo em si, “um símbolo de uma vida fácil, jornalismo descuidado e de ‘*soft news*’”²³ (Boyle, 2006: 1). Porém, para o mesmo autor,

²³ Tradução livre. No original: “(...) a bastion of easy living, sloppy journalism and ‘soft’ news” (Boyle, 2006: 1).

“comercialmente, o jornalismo desportivo sempre foi importante para os jornais e para a imprensa popular especificamente”²⁴ (Boyle, 2006: 1).

No jornalismo desportivo podemos encontrar algumas especificidades desta área. É comum utilizarem-se expressões próprias de cada desporto, por exemplo as que advêm das posições dos desportistas ou o “*futebolês*” (Candau, 2004). Ramírez e Moral (1999) apontam outras características diferenciadoras das restantes áreas informativas como a tendência para o sensacionalismo, o facto de se dedicar mais tempo a esta área em concreto do que a outras, a multiplicidade de aspetos que abarcam a informação sobre as atividades desportivas (resultados, jogadas mais importantes, dados estatísticos, entre outras) e, ainda, podemos encontrar nesta área pontes para outras áreas de informação (Ramírez e Moral, 1999: 282).

Existem alguns géneros jornalísticos específicos como a “crónica de jogo, apreciação individual dos jogadores, ‘cabinas’, ‘folclores’ ou ambiente” (Sobral & Magalhães, 1999: 37). A existência destes géneros dita a diferença entre o jornalismo desportivo e o generalista.

A crónica de jogo é um texto que une os factos do jogo com a visão e interpretação do jornalista sobre os mesmos. A apreciação individual, por sua vez diz respeito à avaliação dos representantes de cada equipa. As “cabinas” fazem alusão aos momentos que antecedem ou procedem um jogo, em que o jornalista tem acesso aos intervenientes e constrói uma notícia com base nos acontecimentos observados e/ou declarações proferidas por atletas e dirigentes. Finalmente, dos “folclores” - ou ambiente – fazem parte os acontecimentos referentes ao jogo, mas que não fazem necessariamente parte dele, de entre os quais se destacam descatos entre adeptos, ações de dirigentes, etc.

2.3. O Jornalismo Desportivo Radiofónico

Tendo em conta a natureza do trabalho realizado é também necessário abordar-se o jornalismo desportivo no contexto radiofónico e as especificidades do tema associado ao meio.

²⁴ Tradução livre. No original: “(...) commercially, sports journalism has always mattered to newspapers and the popular press specifically” (Boyle, 2006: 1).

Mariano Cebrián Herreros (1995) entende que a “a rádio encontrou no desporto um dos seus apoios para maior popularidade” (Herreros, 1995, p.522)²⁵. Numa época em que a televisão é o meio primordial da transmissão de eventos desportivos, deparamo-nos com uma “guerra” entre estações para a obtenção dos respetivos direitos de transmissão. Nesta perspetiva de acompanhamento de eventos desportivos, a rádio continua a captar o público que não tem acesso às imagens ou aqueles que, mesmo tendo essa possibilidade, continuam a “escutar simultaneamente a rádio para apreciar a interpretação ou opinião das suas figuras” (Herreros, 1995, p.522)²⁶.

Os programas desportivos na rádio conseguem romper os laços com os generalistas e, em muitos casos, conquistaram posições importantes no que concerne aos horários em que são transmitidos. É comum observarem-se quebras no alinhamento da programação para que os grandes acontecimentos desportivos sejam cobertos, em detrimento dos noticiários generalistas (Herreros, 1995).

Existem três modalidades fundamentais de jornalismo desportivo na programação de rádio, segundo Herreros: a informação desportiva nos noticiários, os noticiários especializados na informação desportiva e, finalmente, transmissões em direto de acontecimentos desportivos desde o local em que se produzem (Herreros, 1995).

Segundo Herreros, o bloco correspondente à informação desportiva nos noticiários generalistas tende a ter uma maior duração, quando comparada com conteúdos políticos ou económicos, por exemplo. Para além da presença de notícias de desporto nos noticiários generalistas, encontramos ainda noticiários especializados na informação desportiva. Estes incorporam e aprofundam notícias expostas nos noticiários generalistas, bem como acrescentam maior contextualização às mesmas. É dado relevo a outros desportos, sem que se deixe de dar destaque aos que são privilegiados pelas audiências. Para além de informação, podemos ainda encontrar “análise e interpretação” (Herreros, 1995, p. 523). Tratam-se de noticiários peculiares, segundo Herreros, nos quais a informação e a opinião podem confundir-se e, ainda mais, com a inclusão de entrevistados nos mesmos, que não escondem as suas preferências. “Sabem que as suas

²⁵ Tradução livre. No original: “La radio há encontrado en el deporte uno de sus apoyos para mayor popularidade” (Herreros, 1995, p. 522).

²⁶ Tradução livre. No original: “escucha simultaneamente la radio para apreciar la interpretación u opinión de las figuras de ésta” (Herreros, 1995, p.522).

palavras, quanto mais polémicas e mórbidas, mais arrastam audiências” (Herreros, 1995, p. 523)²⁷.

Por fim, existem ainda as transmissões em direto de acontecimentos desportivos desde o local que se produzem. “A informação desportiva é a que atrai mais audiência, mas também a que tem um custo mais alto” (Herreros, 1995, p. 523)²⁸ com as coberturas dos eventos desportivos. É aqui que encontramos um dos géneros específicos ao jornalismo desportivo radiofónico. O acontecimento é noticiado em direto, com a presença de narradores e vários repórteres adicionais no local, para além da presença dos comentadores que adicionam uma natureza interpretativa à informativa, dada pelos jornalistas. É esta multiplicação de pontos de vista que, segundo Herreros, “introduz uma riqueza informativa e interpretativa ampla” (Herreros, 1995, p. 524) às transmissões em direto de acontecimentos desportivos na rádio. Outra das especificidades encontradas nesta modalidade de jornalismo desportivo na programação da rádio é a “fonética narrativa” (Herreros, 1995, p. 524) própria da mesma e o ritmo imposto pela natureza dos próprios acontecimentos.

“O ritmo expositivo é imposto pelos próprios acontecimentos. As jogadas próximas do golo ou o seu desenlace provocam uma aceleração do ritmo expositivo, o salto de um aspeto para outro e, ainda que não haja relação sintática como na gramática escrita, existe uma relação comunicativa entre um feito e outro, claramente compreensível para o ouvinte” (Herreros, 1995, p. 524).²⁹

O vocabulário empregue neste tipo de reportagens é “enriquecido com todo o tipo de metáforas, hipérbolos, variedade de sinónimos” (Herreros, 1995, p. 524)³⁰, culminando em expressões exclusivas ao género, onde é comum encontrarem-se alguns estrangeirismos e, de acordo com Herreros, estamos perante uma linguagem especializada.

²⁷ Tradução livre. No original: “Saben que sus palabras cuanto más polémica y más morbo dispierten más audiencia arrastran” (Herreros, 1995, p.523)

²⁸ Tradução livre. No original: “La información deportiva es la que atrae a la gran audiencia, pero también la que tiene un costo más alto” (Herreros, 1995, p. 523)

²⁹ Tradução livre. No original: “El ritmo expositivo está impuesto por los propios acontecimientos. Las jugadas próximas al gol o al desenlace provocan la aceleración del ritmo expositivo, el salto de un aspecto a otro, aunque no haya relación sintática tal como se entiende en la gramática escrita, pero sí existe una relación comunicativa entre un hecho y otro claramente inteligible para el oyente” (Herreros, 1995, p. 524)

³⁰ Tradução livre. No original: “se enriquece con todo tipos de translaciones metafóricas, hipérbiles, variedad de sinónimos” (Herreros, 1995, p. 524)

3. Critérios de Noticiabilidade

A notícia não nasce do resultado da soma da vontade de um jornalista e do um acontecimento inesperado, negativo, entre outros. Esta ideia, preconcebida, sendo quase transversal, descarta a existência de uma base teórica que sustenta critérios para que se contruam notícias e para que estas tenham esse desígnio – valores-notícia. Para Stuart Hall, os valores-notícia “operam como estrutura de retaguarda social, profunda e escondida, e requerem um conhecimento consensual sobre o mundo” (Ponte, 2004: 114).

O pilar que serviu de sustentação para a existência dos tais valores-notícia foi construído por Galtung e Ruge (1965). Os autores estabeleceram uma lista formal de valores-notícia dos “acontecimentos que se sobrepunham à ação pessoal do jornalista, embora sem a eliminar, e que determinariam as possibilidades de uma mensagem passar pelos vários *gates* numa organização noticiosa” (Sousa, 2001: 39). No seu estudo, Galtung e Ruge procuraram responder à questão “como se tornam notícia os acontecimentos” e, como resposta, elaboraram a tal listagem (Sousa, 2001: 39-40):

a) Proximidade: um acontecimento torna-se notícia quanto mais próximo for de quem a compõe e consome. Esta proximidade pode assumir a forma geográfica, cultural, entre outras.

b) Momento do acontecimento: para que se torne notícia, um acontecimento tem de ser o mais recente possível.

c) Significância: quanto mais relevante é um acontecimento no que toca a número de pessoas envolvidas, consequências ou a própria dimensão mediática, mais provável é a sua transformação para notícia.

d) Proeminência social dos sujeitos e nações envolvidas: a presença de elites – pessoas ou grupos de pessoas – torna um acontecimento mais suscetível de interesse e, como tal, potencial material noticioso.

e) Consonância: qualquer acontecimento tem de corresponder às expectativas e mostrar-se capaz de se inserir na agenda noticiosa para que dela faça parte.

f) Imprevisibilidade: quanto mais surpreendente, mais provável é que um acontecimento seja noticiado.

g) Continuidade: determinado acontecimento tem de ser rico em desenvolvimentos contínuos.

h) Composição: para se tornar notícia um acontecimento tem de se mostrar capaz de se inserir num noticiário com diversas temáticas.

i) Negatividade: quanto mais desviado para o lado negativo, mais provável é que o acontecimento se torne notícia.

O primeiro passo foi dado e a lista elaborada por Galtung e Ruge serviu de ponto de partida para autores que também se dedicaram ao estudo dos valores-notícia e critérios de noticiabilidade, fazendo prever novas posições acerca dos conceitos. “Os critérios de noticiabilidade não são rígidos nem universais. Por outro lado, são, frequentemente, de natureza esquiva, opaca e, por vezes, contraditória (...), os critérios de valor-notícia mudam ao longo do tempo (assuntos que há algum tempo não seriam notícia são-no hoje)” (Sousa, 2001: 39). Apesar da ambiguidade dos conceitos e de Stuart Hall ter considerado que os valores-notícia são “mais do que uma lista de atributos das notícias” (Ponte, 2004: 114), certo é que a maior parte dos investigadores que sucederam a Galtung e Ruge seguiram o método de esquematizar o que, para eles, seriam critérios de noticiabilidade.

Os canadianos Richard Ericson, Patricia Baranek e Janet Chan (*apud* Traquina, 2002) elaboraram a sua própria lista de valores-notícia, em 1987. Em muito semelhante à lista pioneira, esta viu reduzido o número de critérios, materializando a volatilidade dos tempos e do que é notícia. O grupo de investigadores teve em conta o valor clareza, apenas mudando o termo para simplificação, ligando-a à “proximidade cultural de um acontecimento” (Traquina, 2002: 182). Os valores-notícia personalização, continuidade, consonância e inesperado mantiveram as suas denominações e respetivos pressupostos. Nesta lista foram incluídos dois novos valores-notícia: dramatização e infração. A dramatização corresponde a todo o envolvimento de uma narrativa, por norma mais mediática quanto mais próxima for, por exemplo. Por seu turno, a infração diz respeito ao não cumprimento das leis ou a todo o mau comportamento por parte de um responsável de qualquer autoridade superior, passível de ser noticiado. Este último está intimamente ligado à ideia de que o jornalista tem um papel ativo no policiamento da sociedade - “policiamento jornalístico” (Ericson, Baranek e Chan, 1987 *apud* Traquina, 2002: 185).

A aceção sobre os valores-notícia toma caminhos mais estreitos com a entrada em cena de Mauro Wolf. O teórico italiano partiu do pensamento de que os valores-notícia estão “espalhados ao longo de todo o processo de produção” (Wolf, 1987: 173).

Wolf distingui valores de notícia de seleção de informação e de construção da mesma. Os primeiros dizem respeito à seleção dos acontecimentos, já os segundos servem de fundições na transformação de acontecimentos em notícias. Esta teoria é corroborada por Nelson Traquina (2002), acrescentando que os valores-notícia de seleção se podem dividir em critérios substantivos e critérios contextuais. Traquina parte da lista elaborada por Galtung e Ruge e constrói aqueles que, para si, são os valores-notícia, tendo em conta o agrupamento de Wolf.

O primeiro subgrupo dos valores-notícia de seleção – critérios substantivos – diz respeito ao momento da “avaliação direta do acontecimento em termos da sua importância ou interesse como notícia” (Traquina, 2002: 186). Para Traquina existem alguns critérios que precipitam a decisão de noticiar determinado acontecimento pelo seu relevo. A morte é um deles, sendo que quanto maior em número, mais noticiável se torna; a notoriedade (presença de elites na lista de Galtung e Ruge) do sujeito que integra a notícia também é relevante, pois “o nome e a posição da pessoa são importantes como fator de noticiabilidade” (Traquina, 2002: 188); outro valor-notícia destacado por Traquina é a proximidade, geográfica e cultural, que os leitores partilharão com determinado acontecimento; a relevância do acontecimento também é fundamental, ou seja, tudo o que impacte a vida das pessoas prevalece na hora de noticiar; intrinsecamente ligado ao jornalismo está o valor-notícia novidade, também destacado por Traquina, mesmo quando se trata de um acontecimento já tratado, pois qualquer dado novo reacende o interesse mediático; o tempo na forma de atualidade ou datas importantes, por exemplo; a notabilidade, e aqui Traquina recorre a Walter Lippmann, justificando a sua escolha e dando o exemplo da greve operária ser mais notória que a monotonia do trabalho dos operários (Traquina, 2002: 190); o inesperado ou um “mega-acontecimento” como o ataque às Torres Gêmeas, no dia 11 de setembro de 2001; finalmente, o conflito ou a violência, facilmente observado nas inúmeras notícias relativas a crimes que são publicadas todos os dias.

O segundo subgrupo de valores-notícia de seleção – critérios contextuais – correspondem ao contexto em que as notícias são produzidas, não estando diretamente ligadas às características do acontecimento em si. O primeiro critério diz respeito à disponibilidade para que determinado acontecimento seja coberto e quais os meios que serão precisos despender para que tal aconteça; o equilíbrio no que toca à quantidade de notícias sobre determinado assunto para que não se esgote; a visualidade no que toca, por exemplo, à qualidade do material existente sobre determinado acontecimento; a

concorrência, aspecto central nesta era digital onde os vários meios se digladiam; finalmente, o dia noticioso, critério ligado à existência ou não de acontecimentos noticiáveis num determinado espaço temporal.

Por fim, para além dos valores-notícia de seleção, Traquina evidencia os valores-notícia de construção, que correspondem “aos critérios de seleção dos elementos dentro do acontecimento dignos de serem incluídos na elaboração da notícia” (Traquina, 2002: 198). O primeiro valor-notícia de construção destacado é a simplificação, tal como fizeram Ericson, Baranek e Chan, pois quanto mais despojada de complexidade, maior é a probabilidade de determinada notícia ter destaque; a amplificação do acontecimento, ato, intervenientes ou consequências que provêm do mesmo também contribuem na construção da notícia; a relevância de uma notícia para quem a vai ler; a personalização, valorizando as pessoas envolvidas, positiva ou negativamente, pois “quanto mais personalizado é o acontecimento mais possibilidade tem a notícia de ser notada” (Traquina, 2002: 199); a dramatização dos aspetos mais importantes de determinado acontecimento e, finalmente, a consonância de determinada notícia com um contexto já conhecido.

Stig Hjarvard (2012), por seu turno, numa perspetiva mais contemporânea, ao reconhecer as várias perspetivas de autores sobre os critérios de noticiabilidade, faz uma compilação daqueles que, para ele, são os valores-notícia mais referenciados (Hjarvard, 2012: 89): a significância, a intensidade, o momento do acontecimento e a proximidade. A definição destes critérios não difere das utilizadas por outros autores. Para Hjarvard, significância diz respeito ao facto do público ter interesse num determinado acontecimento; a intensidade refere-se à maior noticiabilidade de acontecimentos inesperados; o momento do acontecimento deve ser o presente ou o futuro imediato e, por fim, quando mais próximo for da audiência, mais noticiável um acontecimento se torna.

Quando aplicados ao desporto, Critcher (1987) considera que são quatro os valores-notícia relevantes para o tema e o trabalho jornalístico que dele advém. A imprevisibilidade, o chamariz por excelência de qualquer desporto sendo que, por mais previsível que seja determinado acontecimento desportivo, um desfecho imprevisível torna-se “a notícia perfeita” (Critcher, 1987: 135). No desporto também a presença de elites é um fator determinante para que um acontecimento se torne notícia. Se num cenário de política internacional os holofotes se viram para Rússia ou Estados Unidos da América, por exemplo, no desporto estes iluminam países como Itália, Inglaterra,

Espanha e Alemanha. A presença de elites também é notória no que toca à diferenciação latente entre modalidades pois tudo o que seja relativo a futebol será mais noticiado do que algum acontecimento originado por ténis, por exemplo. Finalmente, outro valor-notícia é a negatividade e é este que, segundo Critcher, dita a diferença entre o jornalismo desportivo e o restante. No desporto é comum que os heróis superem os vilões, mesmo quando se relato determinado acontecimento e é exatamente essa alta de negatividade que caracteriza o jornalismo desportivo.

Capítulo IV: O Estágio em Bola Branca

O estágio teve a duração de três meses (16 de abril a 13 de julho) e serve este capítulo para descrever as várias áreas de atuação dos membros de Bola Branca, bem como o trabalho desenvolvido nesse período de tempo.

Da produção noticiosa para o *online*, aos noticiários e passando ainda pelo relato desportivo, a observação e participação nos trabalhos da equipa foram preponderantes para o acumular de conhecimentos sobre o funcionamento da redação de desporto da Rádio Renascença.

1. O relato

“É impossível imaginar o planeta da rádio sem a magia do futebol radiofonicamente cantado!” – (Garcia *in* Lopes e Pereira, 2006: 62)

Durante o período de estágio foi possível observar uma das partes integrantes do trabalho em Bola Branca, um estilo de reportagem em direto, exclusivo à editoria do desporto: o relato de um jogo de futebol, mais concretamente de jogos dos três grandes (Sport Lisboa e Benfica, Futebol Clube do Porto e Sporting Clube de Portugal) e da Seleção Nacional. Neste subcapítulo, ajudaram as presenças em três jogos de futebol (Sporting Clube de Portugal x Benfica, Sporting Clube de Portugal x Desportivo das Aves e Portugal x Argélia) para que pudesse ser testemunhado, ao vivo, o trabalho de Bola Branca. Este exercício é tão relevante que nas escalas dos horários dos membros da equipa são tidos em conta os jogos que terão a cobertura da Renascença.

Um jogo, seja de que desporto for, é a fonte primária das notícias desportivas. Rob Steen (2015), na vertente da imprensa, considera o relato do jogo fundamental para a imprensa desportiva escrita. A grande maioria das notícias desportivas giram em torno da órbita dos acontecimentos desportivos, mesmo as que dizem respeito a extra-jogo.

“O relato do jogo é a essência da escrita desportiva e, simultaneamente, a área mais negligenciada. Com efeito, muito da escrita desportiva atual gira à volta do jogo: a antevisão, o rescaldo, a notícia que o segue, a notícia da transferência, a notícia da lesão, a notícia da disciplina, a notícia do José [Mourinho] a falar mal de Arséne [Wenger], a

notícia da corrupção, a notícia da droga, a notícia sobre o escândalo sexual, a notícia dos ‘que têm livros para vender e, por isso, contam qualquer coisa’³¹. (Steen, 2015: 82).

Para a consecução do relato de um jogo de futebol, os membros de Bola Branca dividem-se em coordenador de emissão, relator e repórter de campo. Na equipa existem cinco relatores – Carlos Dias, João Paulo Ribeiro e José Pedro Pinto, em Lisboa e Luís Aresta e Pedro Azevedo, no Porto – e quatro repórteres de campo – João Fonseca, José Barata e Rui Viegas, em Lisboa e Sílvio Pereira, no Porto - e qualquer um dos membros da equipa pode coordenar a emissão de um relato. Para além destes, fazem também parte da equipa um comentador externo convidado e um técnico da Renascença para assegurar o funcionamento do material de suporte à emissão.

A coordenação de emissão fica a cargo de um membro de Bola Branca que, em estúdio, tem a função de coadjuvar os colegas destacados para o jogo, sendo uma extensão destes. A sua influência é notória em variadas situações como, por exemplo, em casos de dúvidas relativamente a determinados lances do jogo, com recurso à transmissão televisiva, ou ainda o lançamento dos *spots* publicitários durante o jogo.

O relator, por seu turno, ocupa-se do relato propriamente dito e é ele o principal responsável pela condução deste tipo de reportagem, o que tem mais tempo de antena ou, como João Fonseca refere, “o número 10” (Anexo 1.2., página 100, 12), remetendo para o papel desempenhado pelo jogador que conduz o jogo ofensivo da sua equipa de futebol.

Por último, o repórter de campo tem a função de coadjuvar o relator no relato. Para tal, o repórter de campo posiciona-se no terreno de jogo e descreve os factos de uma perspetiva necessariamente mais próxima que a do relator. Em suma, os repórteres de campo, ou de pista, podem ser considerados como “muletas do relator” (Anexo 1.2., página 100, 12).

Paulo Garcia (2006), jornalista da SIC e antigo relator desportivo da Antena 1, vê o relato como “uma das áreas mais nobres” (Garcia, 2006: 61) no meio da rádio, pela capacidade de concentrar sentimentos e emoções de e pela transmissão das mesmas sensações a quem ouve, correspondendo com a missão que a rádio tem para com os

³¹ Tradução livre. No original: “The match report is both the essence of sportswriting and its area of sorest neglect. After all, so much sportswriting now revolves around the match: the preview, the post-mortem, the follow-up story, the transfer story, the injury story, the discipline story, the José-slag-soff-Arsène story, the corruption story, the drugs story, the sex-scandal story, the Bloggs-has-a- book-to-sell-so- he’ll-say- anything story” (Steen, 2015: 82).

ouvintes. O relato é de tal forma importante para Garcia que “será impossível falar da rádio enquanto fenómeno sociocultural do século XX sem referir os relatos de futebol” (Garcia, 2006: 62). De facto, o relevo deste género para a rádio é facilmente perceptível pelas longas emissões que antecedem, acompanham e sucedem aos próprios jogos. O relato não se esgota na duração do jogo em si, já que começa horas antes da partida e alarga-se até depois das conferências de imprensa aos treinadores e das considerações finais do comentador convidado.

António Ribeiro Cristóvão (1988), antigo chefe da redação de desporto da Rádio Renascença e um dos criadores de Bola Branca, entende que “para se chegar a um direto (...) há que passar por várias etapas” (Cristóvão, 1988: 87). Assim, antes da realização de um relato, importam algumas etapas como formalização de um pedido junto à entidade responsável (no caso, ao clube que joga no seu estádio) para a reserva de lugares com alguma antecedência temporal, definir a escala dos técnicos e membros Bola Branca necessários para a realização do relato e, finalmente, “providenciar quanto ao transporte e ao seguro da equipa que se encarrega da transmissão” (Cristóvão, 1988: 87). Ao longo dos meses de estágio foi possível observar que as etapas continuam a ser escrupulosamente cumpridas.

Os relatores também preparam os jogos em que participam ao longo da semana que os antecede. José Pedro Pinto refere que recolhe “todos os dados possíveis” (Anexo 1.3., página 105, 14) e que estes são “muletas muito importantes” (Anexo 1.3., página 105, 14) em momentos de menor intensidade no jogo. Dados estatísticos ou curiosidades são importantes para “pintar a história ao ouvinte” (Anexo 1.3., página 103, 15). Segundo Steen (2015), um bom relato de jogo escrito assenta na pesquisa prévia e o mesmo se aplica ao relato radiofónico. “[A pesquisa] permite contextualizar o jogo, o que significa que terás o manuseio total do valor notícia do mesmo”³² (Steen, 2015: 89).

“É preciso saber, quando um jogador como o Daniel Podence - que tem 1,66 metros - consegue ganhar um lance de cabeça a um central com 2 metros, que esse central tem essa altura” (Anexo 1.3., página 105, 14)

³² Tradução livre. No original: “This will enable you to place the game in its full context, which in turn means that you will have a full grasp of the game’s newsworthiness” (Steen, 2015: 89).

A referência a pormenores estatísticos é característica de uma vertente do jornalismo que privilegia dados, ao invés de acontecimentos concretos. Esta valorização de dados, muito visível neste tipo de reportagem desportiva é característica do jornalismo desportivo, tal como evidenciam Thomas Horkey e Phillip Pelka (2017), no seu estudo sobre o jornalismo de dados no futebol alemão:

“Quantas calorias tem o meu almoço? Quantos passos deu na loja de mobílias, hoje? Um olhar sobre o teu *smartphone* é suficiente: os dados são omnipresentes e estão a tornar-se mais importantes no dia-a-dia das pessoas. Contudo, não é só no dia-a-dia, mas também no desporto se nota a presença e os efeitos dos dados. A performance dos atletas nos treinos e em competição são monitorizadas pelo aumento da recolha de dados e são usados como guia para treino e análise. Os jornalistas desportivos profissionais exploram estes dados, tornando-os uma componente das suas notícias”³³ (Horkey & Pelka, 2017: 587).

Esta preparação é também seguida pelos repórteres de campo. Para Rui Viegas “a melhor preparação é conhecer a atualidade” (Anexo 1.4., página 111, 13), ou seja, a retenção da informação noticiosa referente aos dois clubes em jogo é fulcral para que o relato seja feito. João Fonseca, por seu turno, considera que um jogo entre as denominadas equipas grandes não tem a mesma preparação de um outro, devido à “componente emocional das tribos que giram à volta desses dois clubes” (Anexo 1.2., página 100, 11).

Como se pôde concluir, todos os envolvidos numa reportagem como o relato desportivo preparam, com alguma antecedência, o seu trabalho, tal como qualquer outra peça jornalística. Desde o assegurar dos lugares no recinto desportivo para os jornalistas, técnico e comentador, até à coleta de factos variados e perceção da atualidade que rodeia os clubes, tudo conta para que o jogo chegue a quem os ouve.

Como Prado (1985) refere, a vocalização, a entoação, o ritmo e a atitude são as varáveis que intervêm na voz e na locução em rádio, porém, nos relatos, todas elas estão exponencialmente amplificadas, nem que seja pelo simples facto de ser um exercício em

³³ Tradução livre. No original: “How many calories does my lunch have? How many steps have I taken in the furniture store today? A glance at your smartphone is enough: data are omnipresent and are becoming increasingly important in people’s everyday lives. Yet it is not just in everyday life, but also in sport that the presence and effect of data is intensifying. Athletes’ performance in training or in competition is monitored by the increased gathering of data, and it is used to guide training and analyse contests. Professional sports journalists exploit this where they make data into a component of their reporting” (Horkey e Pelka, 2017: 587).

que os intervenientes não têm a leitura como suporte do seu trabalho. Assim, a voz e todas as suas variáveis têm influência no relato. João Fonseca entende que “a voz é importante e na rádio tem de ser importante”, apesar de reconhecer que a voz já não é o único fator necessário à rádio e ao relato, em específico (Anexo 1.2., página 100, 13). Rui Viegas também partilha da mesma visão do seu colega:

“Em tempos longínquos, quem ia a antena apresentar ia, sobretudo pela voz. Muitas vezes nem eram jornalistas. Hoje, a voz ainda é importante, mas não só. A dicção e o léxico também são fatores a ter em conta” (Anexo 1.4., página 112, 16)

Remetendo para aquelas que são as características do meio radiofónico - descritas no capítulo referente ao enquadramento teórico -, encontramos algumas bem visíveis no relato desportivo. Autores como Prado (1985) ou Victor Lopes Silva (1988) apontaram a rapidez e o imediatismo como condições necessárias para a produção de conteúdo em rádio, tendo o segundo destacado a rádio, relativamente aos outros meios, como a área onde é mais visível.

Também no relato esta velocidade de processamento é visível. Barbeiro e Lima (2001) referem que “a rapidez dos acontecimentos no esporte exige do jornalista a improvisação constante” (Barbeiro e Lima, 2001: 76) e a exposição rítmica desses mesmos acontecimentos origina um discurso, por norma, acelerado de quem relata um jogo. Herreros (1995) fala num ritmo expositivo associado aos vários acontecimentos de um jogo e José Pedro Pinto justifica o ritmo e essa variação da velocidade do relato com os vários momentos de jogo: “se há um pontapé de baliza não estás com a emoção ao rubro. Vais tendo um crescendo de emoção até ao clímax, que é o golo” (Anexo 1.2., página 106, 17).

A velocidade empregue no relato pode ter consequências, tal como se verifica na produção de notícias para rádio. Se na escrita de notícias a velocidade pode afetar o desenvolvimento do conteúdo da mesma, no relato verifica-se o uso de linguagem *sui generis* ao jornalismo desportivo ou “futebolês”, como Candau (2004) refere, e exemplificado por Rui Viegas:

“Tem a ver com a rapidez de raciocínio e já há termos, quase institucionalizados para o relato. Comecei a usar o termo ‘redondinha’ para não dizer sempre bola ou esférico, por exemplo” (Anexo 1.4., página 112, 17).

Assim, também no jornalismo desportivo radiofónico e nos relatos em concreto, encontram-se algumas especificidades discursivas, como metáforas, hipérboles, um vasto leque de sinónimos (Herrerros, 1995) ou o uso da adjetivação, tudo usado pelo relator, em prol da transmissão de emoção do jogo. Esta coexistência de linguagem própria e o transporte da emoção para quem ouve pode remeter-nos para aquela que “deverá ser, seguramente, a pergunta mais repetida, quando se fala em relatos de futebol” (Garcia, 2006: 61): o relato de futebol corresponde a um momento de informação desportiva ou entretenimento?

Para ajudar na resposta à questão há-que esclarecer que existem dois modelos de relato, segundo Paulo Garcia (2006): o modelo inglês e o modelo sul-americano (Garcia, 2006: 64). O primeiro é, nas palavras do autor, “mais sóbrio, por vezes algo inócuo, discreto, sem compromissos opinativos” e na América do Sul, por seu turno, o relato tende a ser “mais vivo, mais agressivo, mais sentimental, mais opinativo, mais colorido”. Dada a existência destas duas escolas, o autor entende que em Portugal, o relato oscila entre as duas, não havendo um estilo “tipicamente português”, mas reconhecendo a existência de um terceiro “grupo”:

“A par destes dois grupos, sempre existiu um terceiro, formado pelos ‘outros’ relatores, que procuram a qualidade do seu trabalho no justo equilíbrio entre o espetáculo e a informação, cultivando um registo adaptado à sua voz, ao seu ritmo e ao *medium* onde trabalham, de forma a que o produto final seja credível e sugestivo para os ouvidos de quem gosta de escutar um grande relato de futebol” (Garcia *in* Lopes & Pereira, 2006: 64).

Paulo Garcia (2006) defende que ao relator estarão associados alguns direitos e obrigações, decorrentes da sua atividade, como a transmissão das emoções que provêm de um jogo para quem o escuta ou envolver-se emocionalmente no jogo. Mas para o jornalista, um relator também tem um dever intrínseco à atividade jornalística:

“Não terá também o relator a obrigação de ser rigoroso, de ser isento e de contribuir para que o seu relato traduza a verdade do espetáculo que chega a milhões de ouvintes, que sentem e veem o jogo, muitas vezes só através daquilo que o relator lhe é capaz de transmitir? É evidente que sim!” (Garcia *in* Lopes & Pereira, 2006: 65)

Quando expostos à mesma questão, os entrevistados no âmbito deste trabalho foram consensuais e entendem que o relato é jornalismo, embora reconheçam, também, que é o produto onde misturam mais o jornalismo com o entretenimento (Anexo 1.4., página 110, 18). Para João Fonseca, o relato é jornalismo porque nele “relatam-se factos” (Anexo 1.2., página 100, 14). José Pedro Pinto vai mais longe e compara um relato a uma reportagem sobre um debate parlamentar:

“Em bruto, qual a diferença de um relato entre um Benfica - Sporting e de um debate parlamentar para decidir o orçamento do Estado? Quando tens uma emissão de rádio em direto estás a ouvir as pessoas, mas estás também a complementar. Se o António Costa estiver a falar e o líder parlamentar do PSD estiver a gesticular, tens de o descrever. Fazes exatamente a mesma coisa num relato de futebol, se pensares bem. Descreves o fenómeno” (Anexo 1.3., página 106, 18).

2. Jornalismo Online e Bola Branca

No dia 18 de janeiro de 1998, Matt Drudge deu início à história do ciberjornalismo. O jornalista norte-americano “divulgou o nome de Monica Lewinsky, uma desconhecida estagiária da Casa Branca, com quem o presidente Bill Clinton teria uma relação amorosa” (Castanheira, 2004: 25). Drudge utilizou o seu *site* na Internet para denunciar a relação extraconjugal de Clinton, antecipando-se à revista norte-americana Newsweek e à investigação levada a cabo pelo jornalista Michael Isikoff. A Newsweek tentou minimizar o “furo”, publicando a notícia no seu *site*, mas Drudge conseguira antecipar-se a toda imprensa norte-americana, que “atordoada e surpreendida” (Castanheira, 2004: 25), viria a publicar a história três dias depois.

“As primeiras experiências de jornalismo eletrónico em Portugal datam de 1995” (Castanheira, 2004: 29). O Jornal de Notícias foi o primeiro órgão a aventurar-se no mundo digital, seguido do Público e, finalmente, do Diário de Notícias³⁴. Em 1998, Hélder Bastos, afirma que “metade dos media noticiosos de informação geral portugueses já tinham uma edição eletrónica” (Castanheira, 2004: 29). A rádio

³⁴Cf A. Granado, Os media portugueses na Internet, em: <http://ciberjornalismo.com/mediaportugueses.htm>. Acedido em: 20/8/2018.

Renascença marcou presença no mundo digital em outubro de 1997 ³⁵ e, por inerência, Bola Branca também vê aberta a possibilidade de se estender para o mesmo.

A internet tornou-se, também ela, parte integrante do jornalismo. Como refere Luckie (2010):

“Com os computadores a ficarem mais baratos e a velocidade da internet mais rápida, o número de pessoas que vê a internet como fonte primária de notícias está a aumentar. (...) Quase todas as principais organizações noticiosas têm uma presença *online* que acompanha a sua publicação tradicional”³⁶ (Luckie, 2010: 9)

A Renascença e a Bola Branca, em concreto, não foram indiferentes a esta mudança de paradigma e, como refere um dos editores *online*, José Pedro Pinto, a internet tornou-se fulcral para o programa:

“A Bola Branca é uma marca com 40 anos. Se não se moderniza e acompanha os tempos, acaba por morrer na rádio. Tem de haver um apêndice ou um braço na ‘*net*’. A internet é muito importante para divulgar aquilo que é o trabalho da Bola Branca” (Anexo 1.3., página 104, 10).

O aparecimento da internet e a entrada em cena no jornalismo também originou mudanças na forma como se estuda e investiga a área. Juliette De Maeyer e Florence Le Cam (2015), apontam para a “pluralidade de formatos, as diversas condições de produção e meios de disseminação de meios” que “confundiram os investigadores, forçaram o desenho de linhas arbitrárias e imaginárias entre *sites* noticiosos, *blogs*, agregadores, etc.”³⁷ (De Maeyer & Le Cam, 2015: 86). A questão central, para as autoras, é se o jornalismo está, de facto, em mudança, ou se se trata apenas de uma descentralização da perspectiva dos investigadores que, hoje em dia, passam a ter que dar atenção a plataformas noticiosas que antes não entravam na equação.

³⁵Informação consultada em: http://rr.sapo.pt/especial/80687/renascenca_a_historia_de_80_anos_de_radio. Acedido em:

³⁶Tradução livre. No original: “As computers become cheaper and internet connection speeds become faster, the number of people who look to the internet as a primary source of news is growing. (...) Nearly every major news organization has an online presence that accompanies its traditional publication” (Luckie, 2010: 9)

³⁷ Tradução livre. No original: “The plurality of formats, the diverse conditions of production and means of news dissemination confuse researchers, forced to draw imaginary and arbitrary lines between news sites, blogs, aggregators, etc.” (De Maeyer & Le Cam, 2015: 86).

Steen Steensen e Laura Ahva (2015) referem que, nos passados 15 anos, a investigação em jornalismo esteve tão centrada no aparecimento da era digital e em eventuais alterações às práticas e fundamentos do jornalismo, que se questionam se essas alterações possam ter, de facto provocado “mudanças radicais ou pequenas variações ao jornalismo”³⁸ (Steensen & Ahva, 2015: 1).

Também o jornalismo desportivo foi afetado com o surgimento da internet, especialmente no que concerne às tarefas diárias dos jornalistas, segundo Brian Moritz (2015). O autor dá conta de uma transformação faseada, que viu o último estágio no início da presente década:

“Antes dos anos 2000, os media desportivos estavam bem definidos – haviam repórteres de impressão e transmissão, que representavam jornais, rádios e canais de televisão e revistas. No início dos anos 2010, os media desportivos incluíam todos esses repórteres, mas também publicações, exclusivamente, *online*, *bloggers* e fãs que usam redes sociais como *Twitter* para dar voz às suas opiniões e interagir com os repórteres e os atletas”³⁹ (Moritz, 2015: 398).

A redação *online* de Bola Branca é composta por, essencialmente, três pessoas: Sílvio Vieira e Inês Sampaio, na redação do Porto e José Pedro Pinto, em Lisboa. Em Lisboa, o editor *online* de Bola Branca posiciona-se juntamente com os restantes jornalistas que se ocupam do *site* da Renascença, numa “ilha” no centro da redação. Sendo o turno da manhã da responsabilidade da equipa das instalações do Porto, José Pedro Pinto, quando está encarregue de noticiar para Bola Branca no *site*, inicia o seu trabalho no segundo turno, da parte da tarde. Esta distribuição de turnos por Lisboa e Porto segue o inverso dos noticiários, que também se encontram divididos pelas duas redações. Se os noticiários até às 13h são da responsabilidade da equipa em Lisboa, os que os sucedem cabem à equipa do Porto e a jurisdição sobre o *site* segue ordem inversa. Salvo raras exceções, como períodos de férias ou reportagens no local, este planeamento manteve-se ao longo do período de estágio.

³⁸ Tradução livre. No original: “Early discussions revolved around the question of whether digitisation was bringing about radical changes or minor variations to journalism” (Steensen e Ahva, 2015: 1).

³⁹ Tradução livre. No original: “Before the 2000s, the daily sports-media landscape was easily defined—there were print and broadcast reporters representing newspapers, radio and TV stations, and magazines. By the early 2010s, the sports-media landscape included all of those reporters but also included online-only publications, bloggers (for both corporate-owned companies and independent fan-driven sites), and fans using social networks like Twitter to voice their opinions and interact with reporters and athletes themselves.” (Moritz, 2015: 398).

Apesar das notícias que compõem o *site* serem da inteira responsabilidade dos três membros supramencionados, os restantes jornalistas da equipa também desempenham um papel quando, por exemplo, fazem chegar determinada notícia para que o responsável pelo *online* possa redigi-la.

João Fonseca e Rui Viegas, integrantes da equipa Bola Branca há 21 e 15 anos respetivamente, admitem que a presença na internet é fundamental para o programa. João Fonseca já integrava a equipa aquando do surgimento da internet e a criação do espaço de Bola Branca no mundo digital. Para o jornalista, o programa e o *site* “complementam-se” e são “igualmente importantes” (Anexo 1.2., página 99, 9). Se o jornalista, antes da internet, apenas se tinha de preocupar com o seu contributo para o noticiário, com o surgimento houve uma necessidade de adaptação das suas funções, como refere:

“A internet mudou a forma como trabalho. Não me limito a entrevistar alguém e a cortar os sons para o programa. Temos de fazer as transcrições das entrevistas e transformar a notícia para o *site* e, por vezes, mesmo que não as utilize no programa, faço perguntas porque sei que vou ter mais espaço no site” (Anexo 1.2., página 99, 9).

Para os jornalistas que dão apoio aos noticiários Bola Branca, o trabalho não se esgota na seleção e corte de sons para o programa. Aquando da realização de uma qualquer entrevista – tal como João Fonseca refere – é necessário que se proceda à construção de uma notícia sobre esta, para que integre a página de internet e esta tarefa cabe ao jornalista que realizou a mesma entrevista.

Além de servir de complemento ao noticiário, “a internet tem também a função de potenciar o que se diz em antena” (Anexo 1.4., página 111, 11), como realça Rui Viegas. O autor José Pedro Castanheira (2004) refere que a internet disponibiliza uma quantidade imensurável de recursos e “alguns destes recursos transformaram-se em novos e preciosos utensílios de trabalho à disposição dos jornalistas e das redações” (Castanheira, 2004: 87). De facto, a existência de uma extensão de Bola Branca na internet permite que o editor remeta o ouvinte para o *site* e, dessa forma, maximize o tempo útil de que dispõe no noticiário. Como exemplifica José Pedro Pinto:

“Se tiveres pouco tempo numa Bola Branca num dia em que há pré-eliminatória da Liga dos Campeões e em que o Benfica tem 15 adversários que lhe podem servir para essa

eliminatória, vais mencionar os principais e remetes os restantes para o *site*” (Anexo 1.3., página 104, 11).

Apesar de todas as mudanças, Moritz considera que os jornalistas desportivos não viram o seu trabalho totalmente alterado. No estudo conduzido pelo autor, “existem áreas onde o jornalismo desportivo parece exatamente como era antes da emergência da era digital”⁴⁰ (Moritz, 2015: 398). Os membros de Bola Branca continuam a desempenhar as mesmas funções que até agora tinham, apenas tiveram – também eles - que prestar atenção à internet.

A relação entre Bola Branca e a internet, ou “*joint venture*”, como José Pedro Pinto a apelida (Anexo 1.3., página 104, 11), não é exclusiva da rádio. É um claro sinal de que os órgãos noticiosos tradicionais tiveram a necessidade de migrar para o digital por forma a responder aos hábitos de consumo de leitores e ouvintes cada vez mais ligados à internet. “No ciberespaço, o rádio encontra atributos que contribuem para a construção de uma nova relação com os ouvintes-internautas, proporcionando uma imersão mais dinâmica no conteúdo e uma inserção de novas narrativas digitais” (Viana e Lopez, 2015: 519).

2.1. O imediatismo e a escrita para o *site*

Tal como evidenciado no capítulo no capítulo referente ao enquadramento teórico, uma das características da rádio, segundo vários autores, é o imediatismo ou a velocidade na construção das notícias, por parte dos jornalistas. Estas características são também comuns ao meio digital e ainda mais exponenciadas pela instantaneidade do meio, “outra das pequenas revoluções causadas pela Internet”, segundo Fernando Zamith (2008). Esta característica do *online* diz respeito à “capacidade de publicar instantaneamente qualquer conteúdo jornalístico (mesmo o menos relevante e/ou urgente) sem ter de esperar pela hora do noticiário radiofónico ou televisivo ou pelo momento em que o jornal impresso começa a ser distribuído” (Zamith, 2008: 32).

A instantaneidade da internet, aliada à velocidade e imediatismo do jornalismo resultam na produção acelerada de notícias. É visível o esforço por se produzir o mais rapidamente, quanto possível, quando se escreve para o *online*. Ao longo da minha

⁴⁰ Tradução livre. No original: “Despite this expansion of the landscape, there are many ways in which sports journalism looks exactly like it did before the emergence of digital media” (Moritz, 2015: 298).

experiência de estágio foi notório o ritmo apressado e o volume de notícias que são publicadas na plataforma digital. No início da minha experiência fui alertado para que fosse mais rápido na escrita das notícias para que fosse possível que o *site* de Bola Branca fosse dos primeiros a noticiar determinado acontecimento, uma das premissas de quem trabalha no digital.

Enquanto a rádio tem os limites associados à grelha da programação, na internet não existe esse obstáculo e as notícias são publicadas antes de serem lidas em antena, o que não significa que a primeira seja mais importante que o noticiário de Bola Branca. O fenómeno é transversal aos vários meios, tal como José Pedro Pinto explica:

“Acontece em todo o lado. Os *sites* dos jornais suportam-se na produção diária e no que são as notícias apuradas pelos seus jornalistas. O Record dá a notícia de que o Nani está a ser negociado pelo Sporting às 20h30, poucas horas antes do jornal ir para impressão, mas sai no *site*. O que não quer dizer que o *site* seja mais importante, porque o jornal continua a ser a grande referência. O mesmo acontece com Bola Branca” (Anexo 1.3., página 104, 11).

O imediatismo e a velocidade com que se trabalha quando se produz conteúdo noticioso para a internet pode representar um risco, no que diz respeito à qualidade do mesmo, como evidencia José Pedro Castanheira (2004):

“A velocidade é também um desafio acrescido para os jornalistas, obrigando-os a acelerar a recolha e o tratamento da informação. O que significa que tenderão a ser menos escrupulosos no cumprimento das normas deontológicas. Daí os riscos de derrapagem, existentes em todos os media, mas ainda mais no jornalismo *online*” (Castanheira, 2004: 174)

A maior arma contra os perigos deste género jornalístico é a escrita empregue na redação das notícias. Desde o primeiro dia que me foi incutido uma estrutura simplificada quando escrevia para o *site*. Sílvio Vieira, Inês Sampaio e José Pedro Pinto reforçaram a importância de não massacrar os leitores com extensos pormenores, já que “o internauta é avesso a textos longos e consultas excessivamente prolongadas” (Castanheira, 2004: 179). O título tem de ser sugestivo, mas não demasiado sensacionalista e o *lead* deve conter informação adicional ao título, resumizando “o que

a audiência vai ler e ser cativante o suficiente para fazer com queiram ler”⁴¹ (Luckie, 2010:19) a notícia. No primeiro parágrafo deve estar referido aquilo que é mais importante na notícia. Nos seguintes parágrafos dão-se alguns pormenores, com ordem decrescente de importância. Uma notícia em Bola Branca *online* terá, aproximadamente, quatro parágrafos, sendo o último reservado para dados de contexto ou referência a algo que vá acontecer como, por exemplo, o próximo jogo da equipa à qual a notícia diz respeito. O guia estilístico dos jornalistas de Bola Branca é consonante com as recomendações de Mark S. Luckie (2010):

“Para ajudar os leitores na leitura de uma história *online*, os parágrafos devem ser formatados para que sejam relativamente curtos e não incluam mais do que duas ou três frases. Cada parágrafo deve conter uma única ideia e esse deve ser apresentada no início de cada bloco de texto”⁴² (Luckie, 2010: 15)

A melhor estrutura para a redação das notícias é, tal como na escrita para rádio, a “pirâmide invertida”, uma técnica “usada no jornalismo impresso, onde a informação mais importante e interessante aparece no topo da história, no primeiro parágrafo”⁴³ (Luckie, 2010: 14-15).

Existem, essencialmente, dois tipos de notícia mais comuns no *site* de Bola Branca: as entrevistas transpostas do noticiário para o *online* (Anexo 3.2., páginas 115-116 e Anexo 3.4., páginas 118-119) e a notícia clássica (Anexo 3.1, página 114 e Anexo 3.3., página 117), mais breve.

Começando pela última, uma notícia clássica segue toda a estrutura e estilo acima descritos e as fontes são, predominantemente, agências de notícias, outros órgãos de comunicação social e, claro está, fontes dos membros de Bola Branca, quando se trata de um “exclusivo”. O mais comum será a redação de notícias a partir de outros

⁴¹ Tradução livre. No original: “A web headline should accurately summarize what the audience will read and be captivating enough to make them want to read it” (Luckie, 2010: 19).

⁴² Tradução livre. No original: “To help readers better scan an online story, paragraphs should be formatted so they are relatively short and include no more than two to three sentences. Each paragraph should contain a single idea and that idea should be presented at the beginning of the block of text” (Luckie, 2010: 15).

⁴³ Tradução livre. No original: “(...) used in print journalism where the most important and interesting information appears at the top of the story in the very first paragraph” (Luckie, 2010: 14-15).

órgãos de comunicação, sejam outros *sites* ou canais televisivos informativos, e agências de notícias. A responsabilidade do editor *online* passa por “varrer” todos órgãos de comunicação na internet, manter as televisões sintonizadas nos canais afetos a desporto e munir a página de Bola Branca com conteúdo.

No que diz respeito às entrevistas, estas são, habitualmente, responsabilidade do jornalista que as faz. Tal como referido anteriormente, esta é a novidade, originada pela internet, do trabalho dos restantes membros de Bola Branca. A estrutura é um pouco menos rígida e a notícia tende a ser mais extensa. O autor da notícia tem de a ter finalizada antes da hora do noticiário, para que o editor *online* possa publicar. Todas as entrevistas emitidas em antena têm uma versão digital publicada exatamente no minuto em que começa o programa.

Para o *site*, os jornalistas utilizam um *backoffice*, bastante intuitivo e minimalista, sediado na *intranet* na Renascença. É aqui que as notícias são redigidas, as imagens associadas e onde os editores controlam a publicação das notícias.

2.2. O *Online* e o espaço dado a outras notícias

No espaço digital encontramos uma arena ideal para que outros temas sejam abordados, ou que tenham mais atenção, dadas as características da internet. No *site* de Bola Branca existe mais espaço para que outros temas surjam e, conseqüentemente, o critério noticioso é mais alargado.

Como será demonstrado mais adiante neste trabalho, o noticiário ocupa grande parte do tempo com futebol e, especificamente, a atualidade dos três maiores clubes portugueses - Sport Lisboa e Benfica, Futebol Clube do Porto e Sporting Clube de Portugal – e o pouco tempo que resta é distribuído pela restante atualidade. Se o noticiário tem um limite físico dado à duração fixa do mesmo, no *site* existem limites no espaço e no tempo e abrem-se as portas a outras notícias e, em concreto, às restantes modalidades, que não o futebol.

Existe, no *site*, uma compensação ao tempo despendido no noticiário com futebol? José Pedro Pinto responde com a premissa de que existe uma “missão pedagógica”, enquanto jornalistas desportivos:

“Remeto para a nossa missão pedagógica. Enquanto jornalistas de desporto tentamos fazer isso. Se eu souber que o Pedro Azevedo está a editar o noticiário das 18h15 e que

não vai tocar na Volta a França ou no Wimbledon, tento fazer com que esses eventos entrem no *site*. O João Sousa já foi eliminado, mas se tivesse chegado aos quartos-de-final não ia abrir a Bola Branca, mas estava no topo do *site*. Temos a consciência que os grandes feitos têm de ser noticiados” (Anexo 1.3., página 105, 13).

Quando comparado com outros órgãos desportivos, o *site* de Bola Branca não possui o mesmo volume noticioso que os primeiros. O critério parece mais apertado e nem tudo o que é noticiado por outros órgãos figura em Bola Branca. Este facto, por si só, deveria ser um presságio de que o editor *online* segue critérios de noticiabilidade mais rígidos, mas na verdade evidencia o maior desafio da redação *net* e, especificamente, da Bola Branca.

Também o extra-jogo ganha notoriedade no *online* de Bola Branca. À parte de pequenas notícias relativas a resultados desportivos, por exemplo, é dado eco a notícias que transcendem o jogo jogado. O caso de violência na Academia de Alcochete, no dia 15 de maio, mereceu um separador no *site* de Bola Branca, atualizado sempre que fossem conhecidos novos fatos. Também o caso de suspeitas de viciação de resultados – *Cashball* -, que envolveria dirigentes do Sporting Clube de Portugal, mereceu igual destaque na página. Como veremos mais à frente - no capítulo referente à investigação -, também na internet se multiplicaram as notícias que davam conta de transferências (possíveis ou confirmadas) de jogadores.

Enquanto nas outras editorias existem vários jornalistas ocupados do *site* da rádio Renascença e com a produção de conteúdos noticiosos para o mesmo, Bola Branca vê-se em desvantagem numérica. A ilha destinada aos jornalistas que se ocupam da internet, em Lisboa, é composta por vários profissionais, mas apenas um deles se ocupa de desporto e não tem o seu trabalho limitado ao *site*, tal como evidencia Rui Viegas:

“A Bola Branca não tem uma redação afeta apenas ao *site*. Nós temos pessoas que trabalham para antena e, que de vez em quando, trabalham para o *site* e temos uma pessoa de manhã e outra à noite afetas ao *site*. Isso não nos permite ter uma grande quantidade de conteúdos próprios” (Anexo 1.4., página 111, 12).

Para o editor *online* em Lisboa, o critério do *site* segue o mesmo do noticiário. “Se há uma notícia que, para a Bola Branca, não é importante, o mais provável é que,

quem esteja a editar na ‘net’, siga esse critério” (Anexo 1.3., página 105, 12). José Pedro Pinto explica a não tão volumosa produção de conteúdo com a falta de pessoal, já que os outros órgãos desportivos possuem, por norma, redações exclusivamente dedicadas à internet. “Agora vamos ter uma reformulação e vão entrar mais pessoas, mas até há dois anos, a ‘net’ da Bola Branca era feita por duas pessoas, em dois horários. Não podem haver milagres” (Anexo 1.3., página 105, 12).

O adiamento da reformulação referida por José Pedro Pinto é motivado pela falta de verbas, resultado da baixa de audiências e receitas provenientes da publicidade, algo com que o jornalismo mais tradicional se tem debatido. “Nos últimos tempos a rádio teve de se reinventar. Mas existem vários problemas. A falta de dinheiro, a quebra nas audiências e na publicidade, o que nos paga os salários, mas não nos permite fazer o reforço efetivo” (Anexo 1.3., página 105, 12).

3. O noticiário

“(…) um dos momentos informativos mais importantes do meio radiofónico” (Bonixe, 2012: 81)

Bola Branca conta com vários espaços na antena diária da Rádio Renascença. Os primeiros momentos que contam com o “patrocínio” da editoria de desporto são os noticiários generalistas, com a parte do desporto a ser, muitas vezes, lidas pelo editor Bola Branca de serviço. Nestes, o noticiário de desporto é necessariamente mais curto e composto por notícias breves que, nas palavras de Andrew Boyd (2001), são “notícias imediatas, que destacam a tarefa que a rádio desempenha de forma superior – colocar notícias no ar, tão rápido quanto acontecem e, por vezes, quando ainda estão a acontecer”⁴⁴ (Boyd, 2001: 235). Para além destes, destacam-se mais três noticiários: os noticiários das 12h45m e das 18h15m e, o último do dia, o das 22h30m. Os primeiros têm a duração aproximada de 12 a 13 minutos e neles inserem-se as notícias de desporto consideradas relevantes nas partes do dia correspondentes e o noticiário da noite, com uma duração de, aproximadamente, 30 minutos, serve de compêndio do que se passou no dia.

⁴⁴ Tradução livre. Do original: “The newflash is news at its most immediate, and highlights the task that radio does supremely well – getting news on air almost as quickly as it happens, and sometimes whilst it is happening.” (Boyd, 2001: 235)

Serve o destaque destes três espaços informativos para evidenciar o facto de serem os que se dedicam exclusivamente a notícias desportivas e, sem as amarras da circunscrição aos noticiários generalistas, têm mais espaço para desenvolver os títulos que introduzem nos últimos, ao longo do dia, tal como evidenciam Barbeiro e Lima (2001):

“Os programas em uma emissora *all-news* podem ser jornais ou programas jornalísticos propriamente ditos. Estes têm como características uma abrangência maior, com o aprofundamento dos temas, e sem preocupação com a concisão que caracteriza o jornal de rádio. O programa também está comprometido com o caráter instantâneo da notícia, mas, por sua característica, tem espaço para mais reportagens, entrevistas, debates, mesas-redondas, etc. É o espaço reflexivo da programação” (Barbeiro e Lima, 2001: 54)

As rotinas dos jornalistas da redação de Bola Branca prendem-se com a leitura dos jornais desportivos diários, a construção de notícias indicadas pelo editor, o acompanhamento da atualidade desportiva, no geral, para a elaboração de alguma peça que seja precisa e, caso existam, a deslocação e cobertura de acontecimentos no exterior. Pamela J. Shoemaker e Tim P. Vos (2009), consideram as rotinas “cruciais” na seleção dos acontecimentos noticiados. Os autores defendem a funcionalidade das rotinas da redação “porque tornam controlável o incontrolável”⁴⁵ (Shoemaker e Vos, 2009: 57).

No centro da construção dos noticiários estão, evidentemente, os seus editores. Jonathan Kern (2008), refere que os editores são “responsáveis por garantir que as peças são precisas e justas”⁴⁶ (Kern, 2008: 92). O mesmo autor considera a colaboração entre editor e repórter fundamental para a construção de uma notícia, já que uma “conversa prévia entre repórter e editor pode poupar tempo quando se fazem entrevistas ou se tentam reunir factos”⁴⁷ (Kern, 2008: 93). Era esta a ordem de trabalhos, aquando da chegada dos repórteres à redação, que viam o editor delegar trabalho e, juntos, planeavam a forma como determinado acontecimento ia ser noticiado e quem deveria ser entrevistado.

⁴⁵ Tradução livre. No original: “Routines are functional in communication organizations because they make manageable the unmanageable” (Shoemaker e Vos, 2009: 57).

⁴⁶ Tradução livre. No original: “Above all, public radio editors are responsible for making sure that reports are accurate and fair” (Kern, 2008: 92).

⁴⁷ Tradução livre. No original: “a reporter-editor conversation early can save time when it comes to doing interviews and tracking down facts” (Kern, 2008: 93)

Os editores não vêm o seu trabalho findar na edição dos noticiários. Carlos Dias, um dos editores Bola Branca e, por norma, o que se ocupa do noticiário das 12h45m, tem no seu espaço de trabalho – inserido na “ilha” dos editores – o centro da construção do primeiro espaço noticioso, da antena da Rádio Renascença, dedicado a desporto e, tal como partilha, desdobra-se em múltiplas tarefas:

“No que diz respeito ao trabalho jornalístico, tenho que entrar em alguns noticiários. Tenho edições de Bola Branca curtas em todos os noticiários e a maior das 12h45m. Tenho de preparar essas edições, com vários blocos de texto curtos, tentando aglomerar o que interessa a quem nos ouve e o posicionamento do canal no mercado radiofónico. (...) Ao mesmo tempo leio os jornais, confiro a agenda e tenho de ter em conta possíveis serviços no exterior e confirmá-los.” (Anexo 1.1., página 92, 3).

Carlos Dias e os editores de uma forma geral também planeiam algum do trabalho “com antecedência” (Anexo 1.1., página 92, 3), por forma a aliarem a presença de jornalistas nos locais de interesse noticioso e assegurar a logística necessária para que aconteça, como o transporte e o equipamento necessários. “É preciso ter, pelo menos, algum conhecimento de uma variedade de notícias”⁴⁸ (Kern, 2008: 267).

Os editores do turno da manhã são os primeiros a chegar à redação e, como tal, a agenda noticiosa é necessariamente diferente dos restantes turnos. A consulta dos diários desportivos na redação de Bola Branca é religiosa, tal como Carlos Dias referiu, porém pode representar um perigo, decorrente de alguma “importação” de notícias das primeiras páginas dos jornais:

“Enquanto jornais e revistas podem fornecer algumas ideias para histórias, não pode ser muito influenciado pelo que outras organizações noticiosas fazem. (...) Tentamos sempre antecipar, mesmo em histórias que ainda acontecem”⁴⁹ (Kern, 2008: 267-268).

Em Bola Branca, o editor também delega notícias a “atacar” e serviços exteriores a serem atendidos. Posteriormente, todo o material é descarregado para o programa usado na Rádio Renascença – *RCS News* -, que reúne todos os sons

⁴⁸ Tradução livre. No original: “(...) you need to have at least a passing knowledge of a wide variety of news stories” (Kern, 2008: 267).

⁴⁹ Tradução livre. No original: “While newspapers and magazines can give you some ideas for stories, you don’t want to be influenced too much by what other news organizations are doing. (...) So we’re always trying to anticipate, even on ongoing stories” (Kern, 2008: 267-268).

disponíveis para que o editor os ordene e, já em antena, reproduza de acordo com o alinhamento do programa.

3.1. A Estrutura

Tal como evidenciado no capítulo do Enquadramento Teórico, a escrita em rádio pressupõe frases curtas e uma linguagem descomplexada para que se maximize a compreensão de quem ouve. Ora, com base nesta ideia, a forma de escrita para rádio tem o condão de maximizar, por sua vez, o número de notícias a integrar um noticiário e, mais concretamente, um de Bola Branca. O típico noticiário é uma mescla de texto e som, sendo que o último suporta o primeiro. As notícias podem ser curtas ou mais alongadas, dependendo da hipótese de e fazerem acompanhar de som, ou não. A estrutura de Bola Branca está em linha com o que é prática nos noticiários de rádio portugueses, em geral, explicados por Luís Bonixe (2012):

“Os noticiários das rádios Antena 1, TSF e Renascença estão organizados de forma muito idêntica quanto à estrutura do seu alinhamento (...) feita seguindo uma lógica de importância editorial, e por isso atribuída pelos jornalistas em função de critérios jornalísticos, e não seguindo uma lógica de blocos temáticos rígidos. (...) A norma parece ser a disposição das notícias de acordo com a sua importância sem que haja qualquer separação entre temas” (Bonixe, 2012: 85-86)

A estrutura de um noticiário existe por vários motivos, conforme refere Herbert J. Gans (1980):

“Concretizam as considerações dos *media* e fornecem à audiência uma estrutura familiar, possibilitando que estas decidam quando e como prestam atenção às notícias. Para os seletores de histórias, o formato é outro dispositivo que facilita e acelera a escolha das histórias e permite lidar com o excesso de oferta das notícias, já que dita determinadas decisões antes das histórias serem, efetivamente, selecionadas”⁵⁰ (Gans: 1980: 160)

⁵⁰ Tradução livre. No original: “They concretize médium considerations and provide the audience with a familiar structure, enabling it in advance to decide whether, when, and how to pay attention to the news. For story selectors, the format is yet another device to facilitate and speed up story choice, and to cope with the oversupply of news, since it dictates certain decisions even before stories are actually selected.” (Gans, 1980: 160)

O conhecimento prévio da existência de um formato constitui uma vantagem para os jornalistas, como afirma Mauro Wolf (1987):

“A fase de preparação e apresentação dos acontecimentos dentro do formato e da duração dos noticiários, consiste, precisamente, em anular os efeitos das limitações provocadas pela organização produtiva, para ‘restituir’ à informação o seu aspeto de espelho do que acontece na realidade exterior, independentemente do órgão informativo” (Wolf, 1987: 217).

Outro dos pressupostos na estrutura do noticiário Bola Branca é a presença de espaços de comentário e entrevista. Aquando do começo da definição que vão figurar no noticiário e com cada jornalista a ter definido o acontecimento que tem de “atacar”, começa a corrida às listas de contatos, para que a notícia se faça acompanhar de uma ilustração sonora de uma pessoa ligada, direta ou indiretamente, ao tema ou ao protagonista. Esta presença constante de entrevistas é justificada por Rui Viegas:

“Em rádio temos o suporte do áudio. Pode haver um noticiário com apenas um jornalista a ler as notícias, mas isso não faria muito sentido. Seria maçador. Tentamos ter sempre uma pessoa a ilustrar cada tema” (Anexo 1.4., página 110, 6)

Estas entrevistas são gravadas numa das cabines, localizadas fora da redação. Aí, munidos de equipamento que lhes permite a gravação das conversas com os entrevistados, os jornalistas conduzem as conversas que, posteriormente, serão filtradas, mediante os excertos considerados essenciais para a ilustração da notícia. O critério para a escolha dos entrevistados segue uma “ordem de importância”, pois “quanto mais próximos forem da notícia, melhor” (Anexo 1.2., página 98, 6). Aqui encontramos uma limitação na atuação dos membros Bola Branca, associada ao panorama do desporto em Portugal: “o facto de os clubes terem canais próprios leva a um estrangulamento do teu trabalho e faz com que ouças repetidamente as mesmas pessoas” (Anexo 1.2., página 98, 6). Ainda assim, a repetição de entrevistados é evitada, ao máximo e é outro dos critérios de escolha destes. O percurso segue então a ordem de proximidade à notícia, tal como ilustra José Pedro Pinto:

“Tentas sempre uma perspetiva próxima do tema que estás interessado em desenvolver. Se estás a falar do Rafa Silva, do Benfica, a primeira coisa que vou tentar é falar com o empresário dele. Se o empresário do Rafa não atender ou não quiser falar, passamos para um antigo jogador do Benfica. Se ontem já falou o Vítor Paneira, hoje não vai falar outra vez. É um exercício difícil, atenção! Temos um espaço para encher e muitas vezes as pessoas não atendem o telefone, ou não querem falar. Temos de nos entregar à disponibilidade das pessoas para falar” (Anexo 1.3., página 103, 6)

A coexistência de notícia e ilustração sonora da mesma, por parte de entrevistados “advém do peso que o desporto tem na sociedade portuguesa e, como tal, entrevistas e comentários estão presentes em todos os noticiários de rádio e jornais desportivos portugueses e em todos os quadrantes” (Anexo 1.1., página 93, 5). Carlos Dias considera que a diferença está no ângulo utilizado na condução da entrevista:

“Quando um jogador marca um golo é quase óbvio falarmos com um antigo treinador. Mas o quase óbvio obriga-nos a tentar fazer algo diferente. Perde-se um bocado mais de tempo, fazem-se mais alguns contatos e descobre-se alguém que sabe alguma coisa interessante, uma história curiosa ou consiga transmitir algo do jogador que não é muito conhecido” (Anexo 1.1., página 93, 5).

3.2. O Conteúdo

Exposta que está a forma dos noticiários de Bola Branca, o foco passa agora para o conteúdo dos mesmos.

“Temos que falar do Benfica, do Sporting, do Porto, da seleção, do Cristiano Ronaldo e estar atentos a tudo resto, como outros clubes, outras modalidades, notícias do estrangeiro” (Anexo 1.1., página 92, 3).

Tal como evidencia a frase de Carlos Dias, as prioridades, no que ao conteúdo diz respeito, estão bem definidas. É um noticiário de desporto, logo é natural que o tema se encontre retratado, mas a ordem escolhida na composição da frase do editor espelha bem a escala de importância atribuída: o futebol também é o desporto-rei em Bola Branca. À margem da investigação que se seguirá no capítulo seguinte – sobre o extra-jogo no noticiário -, das 641 notícias analisadas ao longo dos três meses de estágio, 38

diziam respeito a outros desportos, que não o futebol. Esta prevalência da noticiabilidade do futebol também é testemunhada na própria rotina dos membros da equipa, já que, no planeamento das notícias mais relevantes, aos jornalistas cabem sempre acontecimentos relacionados com este desporto, sendo as notícias sobre outras modalidades relegadas para o fundo do noticiário.

O domínio deste desporto, face a outros, no noticiário é reconhecido pelos membros da equipa e Rui Viegas admite que tem de se “preencher a maior parte do tempo com o futebol” (Anexo 1.4., página 111, 9). A justificação está, segundo a equipa, naquilo que é a vontade dos ouvintes. “As modalidades têm sempre espaço, mas não podem ter o mesmo espaço que o futebol, porque é o que as pessoas querem ouvir” (Anexo 1.2., página 99, 8). José Pinto também aponta para as preferências de quem ouve e para a necessidade de concorrer com as outras rádios – TSF e Antena 1 -, quando os noticiários de desporto são emitidos, quase em simultâneo:

“Por mais que as pessoas queiram ouvir notícias sobre outros desportos, são nichos. Existe um grande grupo de pessoas apaixonadas e doentes por futebol. Podes - e deves -, como jornalista, ter a função pedagógica e tentar, pouco a pouco, eliminar esse grande fosso entre os ouvintes que gostam de futebol e os que gostam de modalidades. Não é fácil. Às 12h30 há um jornal de desporto na Antena 1 e outro na TSF. Se o jornal de desporto da Antena 1 abrir com uma entrevista ao presidente da Federação Portuguesa de Atletismo e a TSF der a notícia de que o Nani é, oficialmente, jogador do Sporting, as pessoas ouvem a TSF” (Anexo 1.3., página 104, 9).

Esta dicotomia entre futebol e outras modalidades não é única. O mesmo acontece quando se isolam as notícias sobre futebol. Remetendo para a frase de Carlos Dias, com que se iniciou a exposição do conteúdo do noticiário, as prioridades neste desporto estão, também elas, bem definidas: Benfica, Porto, Sporting, seleção portuguesa e Cristiano Ronaldo.

Os clubes que não pertencem a este grupo – os chamados “pequenos” – não fruem do mesmo espaço no alinhamento noticioso, que as categorias supramencionadas. Estes tendem a ter uma exposição maior quando jogam com um dos três maiores clubes portugueses e, tal como as modalidades, trata-se de uma questão de preferência dos ouvintes. “O Braga pode ser líder do campeonato e, apesar da cidade de Braga ter

muitas pessoas, existem ainda mais pessoas que seguem o Benfica, Sporting e Porto” (Anexo 1.1., página 93, 7).

Tudo isto evidencia um dos critérios de noticiabilidade mais usado em Bola Branca, partindo da lista elaborada por Galtung e Ruge (1965): a “proeminência social dos sujeitos e nações envolvidas”. A presença de elites motiva a transformação de um acontecimento em notícia. No noticiário, existe um desporto mais reportado que outros – o futebol – e nesse desporto, equipas e jogadores com mais atenção mediática que outras – Benfica, Porto, Sporting, seleção nacional e Cristiano Ronaldo. A equipa Bola Branca aglomera os acontecimentos que, mais tarde, noticiam consoante critérios próprios, também. Para todos os entrevistados no âmbito deste trabalho, as notícias são-no por corresponderem à atualidade, ou seja, o que se passa no dia do noticiário e, para além do que é atual, “uma agenda física e às vezes uma agenda pessoal” (Anexo 1.4., página 110, 5), nas quais constam o que está previsto acontecer nesse dia. Atualidade e a existência de uma agenda, como critérios de noticiabilidade, são confirmados por José Pedro Pinto que acrescenta a possibilidade de ser uma notícia avançada por Bola Branca e, neste caso, sobrepõe-se a todos os outros:

“Outro critério é ser uma notícia Bola Branca. Por exemplo, hoje o Bruno Fernandes foi apresentado no Sporting. Se às 12h45 o Pedro Azevedo tivesse a informação de que vem um jogador para o Benfica ou para o Porto, o Bruno Fernandes e o Sporting teriam que cair para segundo plano. Portanto, agenda, o que está na atualidade e, depois, notícias e conteúdos próprios” (Anexo 1.3., página 103, 5).

Numa perspetiva mais técnica, também se encontra uma das limitações no conteúdo do noticiário, só observada de perto. Apesar dos sons que compõem o programa provirem das entrevistas dos jornalistas e, também, das saídas a campo dos mesmos, alguns dos sons são “aproveitados” dos canais de televisão noticiosos. Este fenómeno deve-se à coexistência de três fatores: o imediatismo do jornalismo, limitações financeiras e de pessoal e, por fim, barreiras impostas pelos próprios clubes de futebol, em Portugal.

O imediatismo do jornalismo, exponenciado pela rapidez tão característica da rádio, faz com que a produção de notícias seja constante. Há sempre um novo acontecimento que tem de ser noticiado e, para que tal aconteça, existe a necessidade de fazer com que um jornalista se desloque ao local para que o mesmo seja coberto.

“Se as finanças o permitirem, as publicações [ou empresas de media] querem estar em todos os eventos que importem para os seus leitores: tem que ver com ser visto para estar lá, de representar os leitores, de orgulho, princípios e profissionalismo. Existe um contrato tácito que tem eco na canção de abertura da série *Friends*: não te preocupes se não conseguires comprar bilhete, ou se não chegares a casa a tempo de ver o jogo, ou se se der um corte de energia elétrica – nós estaremos lá por ti”⁵¹ (Steen, 2015: 82).

E é aqui que coabitam os dois primeiros fatores, com especial incidência nas limitações da equipa, como evidencia João Fonseca: “ou não há dinheiro para ir a determinado sítio e não se vai, ou porque há pouco pessoal e não se pode contratar mais ninguém” (Anexo 1.2., página 89, 7). A área do jornalismo tem caminha de mãos dadas com questões relacionadas com a “capacidade financeira e as dificuldades que cada empresa da área tem em Portugal” (Anexo 1.1., página 93, 6) e, a rádio, em particular, não consegue competir com os meios das estações de televisão, no entender de José Pedro Pinto:

“Por incrível que pareça é mais fácil colocar dois carros de exterior, quatro jornalistas, cinco operadores de câmara, três assistentes de produção, um produtor e mais uma panóplia de meios no Estádio de Alvalade daqui a cinco minutos, do que um jornalista com um carro de rádio. A partir do momento em que os diretos passaram a ser o *core business* das televisões e, sobretudo dos canais de notícias, esvaziou-se um pouco o efeito da rádio. A rádio estava sempre primeiro porque bastava deslocar uma pessoa, com um telefone, um gravador e entrava. Podes gostar muito de ouvir rádio, mas se estiveres em casa e às 14h45 o Bruno Fernandes for apresentado no Sporting, não vais ouvir a Bola Branca. Vais ligar a televisão para o veres” (Anexo 1.3., página 103-104, 8).

O último fator diz respeito à comunicação dos próprios clubes de futebol, em Portugal que, a determinada altura, se fecharam em si mesmos e preferem “passar o produto pelos canais próprios” (Anexo 1.4., página 110, 7). Com o aparecimento de

⁵¹ Tradução livre. No original: “For one thing, finances permitting, publications want to be at every event that matters to their readers: it is a matter of being seen to be there, of representing those readers, of pride, principle and professionalism. There is an unwritten contract between publication and reader that echoes the sentiments of the *Friends* theme song: don’t worry if you cannot purchase a ticket, or fail to get home in time to watch the game on the box, or a power surge knocks your electricity out – we’ll be there for you” (Steen, 2015: 82).

canais de televisão de clubes, o jornalista vê-se relegado para segundo plano já que toda a comunicação dos primeiros é feita pelos seus próprios órgãos que, assim sendo, não deixa outra alternativa aos jornalistas de Bola Branca se não aproveitarem o som dos mesmos.

Este não é um fenómeno único à Renascença e a Bola Branca, no entender de Carlos Dias que, em última análise, socorre-se daquelas que são as prioridades e do facto dos acontecimentos mais importantes terem que ser noticiados:

“Apesar destas limitações, continuamos a ter trabalhos nossos citados na imprensa escrita, mas também nas televisões. E não esquecer que todos fazem o mesmo. Quando o Primeiro-Ministro ou o Presidente da República vão ao estrangeiro, uma vez vão uns jornalistas, noutras vezes vão outros, mas as imagens e os sons aparecem em todos os lados. Nesta profissão, às vezes, é o que há. Se temos quatro serviços na rua e na minha equipa apenas está uma pessoa, só a posso mandar para um determinado trabalho” (Anexo 1.1., página 93, 6).

4. Trabalho realizado

Desde o primeiro dia, durante a visita guiada pelas instalações da Rádio Renascença, que as expectativas para o que teria de ser o meu contributo ficaram definidas. A equipa Bola Branca esperava que o meu contributo se estendesse pelos noticiários e na ajuda à produção de conteúdo para o *site* e, finalmente, que tudo culminasse com saídas, para além da redação, sem acompanhamento.

É na colaboração com a redação *online* que começa a minha experiência de estágio e, sobretudo, o primeiro contato com o mundo do jornalismo. Desde o dia inicial que uma das primeiras tarefas a fazer, quando se é um estagiário de Bola Branca em Lisboa, é entrar em contato com o editor *online* que, da parte da manhã, se encontra no Porto, não sem antes vistoriar os jornais desportivos do dia. No fundo, trata-se de um “picar de ponto” e nessa primeira chamada telefónica fazia saber que havia mais uma pessoa disponível para ajudar com a redação de notícias para o *site*.

Tal como descrito no subcapítulo referente ao jornalismo *online* em Bola Branca, o conteúdo produzido para o *site* divide-se em produção de notícias clássicas, mais curtas, e das entrevistas concedidas ao noticiário em rádio.

Enquanto não dominava a estrutura pretendida, limitava-me a enviar as notícias que redigia para o endereço de *e-mail* do editor *online* em serviço que, posteriormente, publicava na página, com as devidas alterações. No dia 19 de abril, uma vez alcançada a automatização de procedimentos, passei a redigir as notícias diretamente no *BackOffice* da Renascença. A primeira notícia dizia respeito a uma lesão que impediria Nick Kyrgios, um tenista australiano, de participar no Estoril Open (Anexo 3.1., página 114). A produção das notícias clássicas, a curva evolutiva atinge o seu pico cedo, visto que, para além da assimilação da estrutura empregue no género, não há muito mais que apreender. Os assuntos foram dos mais variados, mas essencialmente notícias “pescadas” da imprensa internacional, já que o panorama nacional estava controlado pelo editor *online* em serviço. Para além da pro-atividade na procura incessante por notícias, por vezes era também necessário “libertar” o editor *online* de algumas das suas notícias e, nestes casos, o trabalho era proposto pelo próprio editor. No total, 78 notícias foram redigidas ao longo do estágio em Bola Branca.

Já no que diz respeito ao transporte das entrevistas do noticiário para o *site*, sendo um trabalho destinado aos jornalistas que realizam as próprias entrevistas, são estes que se ocupam das mesmas. Estando a estrutura dependente da extensão da entrevista, é um trabalho mais exigente e que requer consonância com o destaque dado pelo editor do noticiário no mesmo para que o conteúdo deste e do *site* estejam em sintonia. Encarreguei-me, então, de entrevistas realizadas pelo editor de noticiário em Lisboa, por sugestão do mesmo. A primeira entrevista que redigi para o *site* data do dia 1 de maio, realizada a Bruno Caires, jogador do Benfica na década de 1990, a propósito do dérbi entre Benfica e Sporting, que havia de se realizar nessa semana (Anexo 3.2., páginas 115-116). Esta entrevista teve a particularidade de ter que ser dividida em duas notícias, já que o entrevistado, tendo ligações ao Benfica, comentou o momento do clube e da eventual responsabilização do treinador pelo momento desportivo. Por decisão do editor *online*, seria mais proveitoso que se separasse a antevisão do jogo e o comentário, quando só é feito relativamente a apenas uma das equipas. Ao longo do estágio, foram 16 as entrevistas que transpuseram do noticiário para o *site*.

Se no *site* o trabalho resulta na relação com o editor *online* e a curva de evolução menor, o contributo para os noticiários já requer alguma aprendizagem e curva evolutiva para que, com o passar do tempo, as responsabilidades cresçam. O meu contributo para os noticiários foi proporcionalmente inverso ao do *site*, visto que, a

partir do momento em que comecei a dar apoio à construção dos primeiros, o meu contributo para o *site* decresceu.

Sendo a matéria-prima de um noticiário o som, foi com o domínio do programa *Audacity*, usado para o manuseio dos sons, que iniciei o contributo para os noticiários Bola Branca. De início, as rotinas implementadas para o *online* foram proveitosas para o noticiário já que, com as vistorias à imprensa internacional, por vezes era possível encontrar um som associado a determinada notícia e esse material já seria equacionado para que figurasse no noticiário. Tudo o que fosse discurso direto por parte dos protagonistas das notícias ou alguém ligado aos mesmos era cortado e descarregado para o programa RCS News, para que fosse escutado pelo editor. Depois de algum contributo por iniciativa própria, no início do mês de junho era o próprio editor a “encomendar” declarações para que figurassem no noticiário. O desfalque na equipa de Bola Branca, devido a períodos de férias e ausência, precipitaram a minha “promoção”. De conferências de imprensa do Mundial de futebol, declarações de jogadores a órgãos dos seus próprios clubes ou a órgãos de comunicação estrangeiros, foram vários os sons com que contribuí para os noticiários, sendo que também me competia a tradução dos mesmos, caso necessário.

Com o passar do tempo e o corresponder de expectativas da equipa de Bola Branca, foi possível realizar as minhas próprias entrevistas e selecionar os sons para os noticiários. No dia 25 de junho entrevistei André Matos, presidente da Associação de Wakeboard de Portugal, a propósito da realização de uma etapa do mundial da competição, em Tomar. O propósito da entrevista, segundo o editor, seria fazer com que André Matos explicasse um pouco sobre a modalidade e a logística empregue na realização da prova. No dia seguinte, foi selecionado o som em que o presidente da Associação de Wakeboard de Portugal explica os básicos da modalidade e inserido no noticiário das 12h45m. No dia 28, do mesmo mês, conduzi, nos mesmos moldes da anterior, uma entrevista a Guilherme Cabral, presidente do Clube Naval de Sesimbra, a propósito da realização do Campeonato Europeu de Vela Júnior, na vila. Como a primeira, o propósito seria aferir a logística da prova, bem como os pressupostos fundamentais da modalidade. Tal como a primeira, no dia seguinte o som em que a modalidade é descrita figura no noticiário das 12h45m. Finalmente, no dia 4 de julho, numa altura em que a saída de Cristiano Ronaldo do Real Madrid era notícia, foi-me pedido que contactasse um jornalista espanhol, da Cadena COPE, a propósito do assunto. Com um prazo mais curto, já que o som figuraria no noticiário das 12h45m, as

declarações do jornalista foram selecionadas, traduzidas e incluídas no mesmo noticiário.

Finalmente, outra das partes integrantes do contributo para os noticiários são as saídas de campo. A primeira seria logo no segundo dia de estágio, com João Paulo Ribeiro, ao aeroporto de Lisboa, por forma a cobrir a partida da equipa de futsal do Sporting para a UEFA Futsal Cup. Foram várias as ocasiões em que acompanhei e observei os membros de Bola Branca em conferências de imprensa e acontecimentos diversos e, com essa experiência, havia a expectativa de que, eu próprio, saísse sem acompanhamento e recolhesse material para os noticiários.

A primeira oportunidade saiu frustrada, porém nem sempre a saída de um jornalista significa a recolha de material noticioso, como é sabido. O acontecimento em voga era a crise diretiva do Sporting Clube de Portugal e, no dia 1 de junho, Jaime Marta Soares, presidente da Mesa da Assembleia-Geral do clube, estaria presente numa apresentação de um livro, em associação com a Liga Nacional dos Bombeiros, a qual também presidia. O objetivo seria fazer com que Jaime Marta Soares comentasse a situação atual do clube, algo que não aconteceu, visto que o interveniente fez saber aos jornalistas presentes que o propósito daquela data seria a promoção do livro em questão e não discutir futebol. No entanto, foi a primeira experiência de uma saída de campo sem acompanhamento e com, ou sem material recolhido, a primeira é sempre marcante.

A segunda e derradeira saída foi no dia 9 de julho, à apresentação da sede de campanha de Frederico Varandas, à data candidato à presidência do Sporting. O objetivo era recolher os sons das intervenções do candidato e de Rogério Alves, apresentado como candidato da lista a presidente da Mesa da Assembleia-Geral. O objetivo foi cumprido com o recurso ao aparelho Marantz que, ligado ao sistema sonoro central do evento, captou todas as intervenções desejadas. Finda a apresentação da sede de campanha seria hora de voltar à redação e comunicar ao editor do noticiário que tinha recolhido som, o que tinha recolhido e se intencionava aproveitar algum deles. Apesar do acontecimento já ter sido noticiado às 18h15m, alguns dos sons que recolhi não figuraram nesse noticiário, pelo que foram aproveitados para o noticiário das 22h30s, por Pedro Azevedo.

Apesar de limitado pela impossibilidade de assinar ou dar voz a peças ou dobragens de sons, o estágio foi rico e as atividades desempenhadas atravessaram a maior parte do espectro de influência de Bola Branca. A responsabilidade cresceu com a

minha própria evolução e, no final, as expectativas e metas propostas por Carlos Dias, no dia em que fui recebido, foram cumpridas na íntegra.

Capítulo V: As notícias extra-jogo no noticiário

Outro dos objetivos deste estágio foi a aferição do peso das notícias que extrapolam o desporto jogado, nos noticiários Bola Branca. Para tal, foram tidos em conta apenas os noticiários das 12h45m, realizados de segunda a sexta, durante os três meses. O estudo debruça-se sobre 64 noticiários⁵² e foram analisadas, no total, 652 notícias, que se distribuíram pelas categorias de análise já enunciadas. Fora desta análise ficaram os momentos de conversa e comentário, comuns na estrutura dos noticiários de Bola Branca, visto que, para a consecução deste estudo, apenas interessaram as notícias e o seu tratamento jornalístico.

Antes das notícias extra-jogo, foi necessário categorizar-se as notícias que, efetivamente, diziam respeito aos acontecimentos decorrentes de jogo. Apesar de não se encontrar nesta análise um olhar mais aprofundado sobre estas, serve o seu encaixe em categorias para que se tenha uma ideia – ainda que superficial – dos tipos de notícias de jogo.

Rescaldo	Quando vai para além da informação de um resultado de determinado jogo. Acompanhado de entrevistas e comentários sobre o jogo.
Antevisão	Quando se lança uma partida que ainda será jogada. Também é acompanhada de entrevistas e/ou sons de conferências de imprensa pré-jogo.
Agenda	Referências a treinos, estágios, conferências de imprensa de jogadores ou treinadores a propósito de um jogo.
Boletim Clínico	Referências a jogadores lesionados ou que regressam de lesões decorrentes da prática desportiva.
Arbitragem e Disciplina	Referência a árbitros, arbitragem ou castigos aplicados por factos ocorridos em campo.
Resultados	Referências a resultados de jogos.
Calendário de Jogos	Referência a horários de jogos por realizar.
Outras	Temas que não se enquadram em nenhuma das categorias acima descritas, ainda que se relacionem com o jogo e efemérides.

Figura 1 - Categorias de notícia relativas a jogo.

⁵² O noticiário de dia 20 de junho deu lugar a uma emissão especial Bola Branca, para o relato do jogo Portugal x Marrocos, do Mundial 2018, na Rússia.

Já sobre as notícias extra-jogo, também estas foram agrupadas em categorias para que, com recurso às mesmas, fosse feita uma análise mais aprofundada quanto à distribuição dos acontecimentos que extrapolam os campos.

CATEGORIA TEMÁTICA	DEFINIÇÃO
Transferências	Referências a possibilidade de alterações ou mudanças na composição de plantéis e equipas técnicas de equipas ou seleções. Compras, vendas, empréstimos ou renovações de jogadores e entradas ou saídas de treinadores.
Eleições e Assembleias	Referências a momentos eleitorais e Assembleias em clubes desportivos.
Sanções	Quando organismos que tutelam o desporto aplicam sanções a clubes.
Direção e Administração	Sempre que haja referências a decisões tomadas por membros ou órgãos que administrem clubes, que também podem assumir a forma de sanções ou castigos, alterações entre membros que as compõem e ainda demissões de cargos.
Finanças	Referências a questões relacionadas com a vida financeira dos clubes.
Justiça	Referências a processos judiciais a decorrer, crimes cometidos ou alegadamente cometidos.
Academia de Alcochete (a partir do mês de maio)	Notícias relacionadas com a invasão do complexo de treino do Sporting Clube de Portugal. O acontecimento remonta ao dia 15 de maio e, a partir daí, multiplicaram-se as notícias relativas ao caso. Desta categoria também fazem parte as detenções e processos a suspeitos do caso.
Agenda	Referências a eventos ou conferências de imprensa sobre algo que extrapola os terrenos de jogo.
Outras	Temas que não se enquadram em nenhuma das categorias acima descritas, ainda que sejam referentes a acontecimentos extra-jogo.

Figura 2 - Categorias de notícias relativas a extra-jogo.

O facto dos noticiários deste estudo serem os das 12h45m, justifica-se pelo facto de terem sido editados na redação de Lisboa, o local do estágio. Por este facto, também houve a possibilidade de observação da sua construção, por se inserir no intervalo de

tempo no qual me encontrava na Renascença, tendo acompanhado todo o trabalho dos jornalistas na construção deste, tal como explicado no capítulo referente à metodologia.

1. Abril de 2018 (de dia 16 a 30)

RESCALDO	ANTEVISÃO	AGENDA	BOLETIM CLÍNICO	ARBITRAGEM E DISCIPLINA	RESULTADOS	CALENDÁRIO DE JOGOS	OUTRAS	TOTAL
13	16	13	11	6	4	19	1	83

Figura 3 - Notícias relativas a jogo de 16 a 30 de abril

TRANSFERÊNCIAS	ELEIÇÕES E ASSEMBLEIAS	SANÇÕES	DIREÇÃO E ADMINISTRAÇÃO	FINANÇAS	JUSTIÇA	AGENDA	OUTRAS	TOTAL
11	1	1	0	1	3	2	5	24

Figura 4 - Notícias relativas a extra-jogo de 16 a 30 de abril

Durante este intervalo, de duas semanas, do mês de abril ainda decorriam os campeonatos nacionais de futebol e as principais competições de clubes e, por esse fator, a diferença entre notícias relativas a jogo (83) e as que não dizem respeito ao que acontece dentro das arenas desportivas (24), é tão elevada.

Nos noticiários de Bola Branca destacaram-se as antevisões e os rescaldos de jogos de futebol, especialmente aqueles nos quais se envolvem os três principais clubes de Portugal – Benfica, Porto e Sporting. A única notícia que não se enquadrou nas categorias que encaixam no jogo – que data do dia 18 de abril - foi a da premiação de Nuno Espírito Santo, Rúben Neves e Willy Boly, por parte da *English Football League Championship* – segunda divisão inglesa. Nuno Espírito Santo foi considerado o treinador do ano e, no que diz respeito a Rúben Neves e Willy Boly – jogador com passagem por Portugal -, integraram a equipa do ano. Esta notícia enquadra-se na categoria de jogo porque os prémios foram atribuídos pela performance desportiva de treinador e atletas.

No que diz respeito às notícias extra-jogo, houve um domínio da categoria das transferências que, como se observará nesta análise, será um denominador comum ao longo dos meses.

Neste período foram noticiados três acontecimentos relacionados com justiça, sendo a segunda categoria mais representativa nas notícias extra-jogo. No dia 20 de abril, Cristiano Ronaldo consta no noticiário de Bola Branca, acusando o fisco espanhol de perseguição, no seguimento da investigação fiscal ao jogador, levada a cabo pela mesma instância. No dia 25 de abril, é noticiado o pedido de indemnização ao Porto, por parte do Benfica, pela divulgação de *e-mails* do segundo. Finalmente, uma denúncia anónima na Procuradoria-Geral da República, que remetia para suspeitas de aliciamento de um jogador do Marítimo, antes do clube madeirense jogar com o Porto.

No dia 19 de abril foram noticiadas as multas impostas pela FIFA – organismo que tutela o futebol internacional – ao Benfica e Sporting, pelo incumprimento de regras de transferências de jogadores, sendo a única notícia referente à categoria das sanções aplicadas a clubes por parte de organismos que tutelam o desporto. No mesmo dia, houve lugar a uma notícia curta relativa a eleições no Portimonense Sporting Clube e aos candidatos. No dia seguinte – 20 de abril – foi noticiada a lista de clubes de futebol que procederam à inscrição de equipas no campeonato sub-23, que arrancaria na época seguinte e, no dia 24, outra notícia de agenda, referente ao controlo anti-*doping*, levado a cabo nos complexos de treino de Benfica, Sporting e Porto.

Na categoria “outros”, de destacar a renúncia de um jogador à sua seleção (17 de abril); uma alteração entre Benfica e Estoril, pelo preço dos bilhetes para o jogo entre os clubes (19 de abril); a divulgação de mensagens telefónicas do presidente do Sporting para os jogadores da equipa de futebol (24 de abril); a morte de Henry Mitchel, antigo jogador de futebol e seleccionador francês (24 de abril) e, finalmente, a única notícia de outras modalidades, a da suspensão do campeonato nacional de rãguebi, por cenas de violência num jogo que opôs o Instituto Superior de Agronomia e o Grupo Desportivo Direito (30 de abril).

2. Maio de 2018

RESCALDO	ANTEVISÃO	AGENDA	BOLETIM CLÍNICO	ARBITRAGEM E DISCIPLINA	RESULTADOS	CALENDÁRIO DE JOGOS	OUTRAS	TOTAL
2	13	35	10	9	6	38	7	120

Figura 5 - Notícias relativas a jogo no mês de maio

TRANSFERÊNCIAS	ELEIÇÕES E ASSEMBLEIAS	SANÇÕES	DIREÇÃO E ADMINISTRAÇÃO	FINANÇAS	JUSTIÇA	ACADEMIA DE ALCOCHETE	AGENDA	OUTRAS	TOTAL
59	4	6	11	3	6	6	3	6	104

Figura 6 - Notícias relativas a extra-jogo no mês de maio

O presente mês foi o primeiro a ser estudado na íntegra. O mês de maio marcou o final das competições entre clubes de futebol e, posteriormente, iniciou-se a preparação do Mundial de 2018, na Rússia, com a seleção portuguesa a iniciar os trabalhos no dia 22. Serve esta breve introdução para justificar o – ainda elevado – volume de notícias referentes a jogos (120). Não obstante, é de salientar o crescimento do número de notícias extra-jogo deste mês (104), que possibilitou uma aproximação às notícias que apenas concernem acontecimentos relacionados com o jogo.

Tal como no mês anterior, as notícias relacionadas com transferências correspondem à maior fatia da cobertura do extra-jogo no noticiário de Bola Branca. O número elevado (59) destas notícias está diretamente relacionado com o fim da época para os clubes de futebol e, fundamentalmente, com o facto de, no mês de junho, se iniciar o período em que são permitidas trocas de jogadores entre clube. O período mais conhecido por “mercado de defeso”, tem início a 1 de junho e, em Portugal, as inscrições de novos jogadores são permitidas até ao dia 31 de agosto.

Iniciar a análise às notícias extra-jogo do mês de maio sem referenciar o acontecimento que catapultou uma série de outras notícias seria um erro e, por este motivo, será mais proveitoso começar com a categoria “Academia de Alcochete”. No dia 15 de maio, o complexo de treinos do Sporting Clube de Portugal foi invadido por cerca de 50 pessoas que, depois de se acercarem da zona dos balneários da equipa de

futebol sénior, agrediram alguns jogadores e membros da equipa técnica. O acontecimento teve lugar na parte da tarde, sendo que não foi noticiado na edição das 12h45m de Bola Branca. No dia seguinte, o noticiário foi dominado por acontecimentos extra-jogo, tendo sido aberto com a detenção de André Geraldes, diretor da equipa de futebol do Sporting, por suspeitas de envolvimento em viciação de resultados de futebol e andebol⁵³ e, de seguida, foram noticiados dados novos relativamente à tarde do dia anterior, em Alcochete. No que diz respeito ao jogo, nesta edição houve apenas espaço à antevisão do jogo da final da Taça de Portugal – entre Sporting e Desportivo das Aves -, sempre com as eventuais repercussões que o que acontecera poderia ter na equipa do Sporting. Por fim, espaço para a referência à hora do jogo da final da Liga Europa. O editor, Carlos Dias, justifica o alinhamento da edição desse dia com o desencadear de novos acontecimentos ao longo do mesmo:

“Era o mais importante naquele dia e àquela hora. Temos de ter em atenção que ocorreram outros factos ao longo do dia e, inclusive, da noite, como os depoimentos dos jogadores do Sporting na esquadra do Barreiro. Temos de ter a noção que muitas pessoas deitam-se cedo ou estão ocupadas com outras tarefas e, quando se deitam, fazem-no sem saber tudo o que aconteceu. Foi um assunto que se prolongou por muito tempo e no dia seguinte era notícia, obviamente.” (Anexo 1.1., página 96, 18).

Na sequência deste acontecimento, desencadearam-se mais cinco notícias relacionadas com o mesmo. No mesmo dia, uma das claques do Sporting demarcou-se da violência na Academia de Alcochete; no dia seguinte - 17 de maio -, a notícia refere-se à ronda de interrogatórios dos detidos no processo; no dia 21 de maio, em Bola Branca, é notícia a retirada de benefícios à mesma claque, por parte do clube e, finalmente as duas últimas notícias – datadas de 21 de maio – davam a conhecer a partida para férias dos jogadores e a possibilidade de alguns deles rescindirem os respetivos contratos com o clube.

A categoria mais representada neste mês, se retirarmos as notícias que dizem respeito a movimentações de jogadores e treinadores) é “Direção e Administração” e todas, sem exceção, dizem respeito ao Sporting. O volume de notícias relacionadas com

⁵³ Este caso distribuiu-se em quatro notícias, que integram a categoria “Justiça”. No dia 15 de maio, a Procuradoria-Geral da República confirma a investigação; no dia seguinte, a notícia que dava a conhecer a primeira detenção resultante do caso; no dia 17, a notícia foi a detenção de mais três suspeitos e, finalmente, no dia 22 de maio, a apreensão de 60 mil euros, no gabinete de André Geraldes, diretor da equipa do Sporting.

questões que dizem respeito às direções e administrações de clubes desportivos é justificado pela ligação indireta com o acontecimento acima descrito. Das 11 notícias que concernem o dirigismo desportivo, 8 têm relação com o ataque à Academia de Alcochete, com os focos das notícias a estenderem-se entre pedidos de audiências, por parte da direção do Sporting, para discutir a violência no desporto, a demissões na estrutura diretiva e, finalmente, as movimentações para tentar afastar o presidente do clube.

Também nas “Assembleias e Eleições” encontramos relação entre as notícias de outras categorias, já que todas elas dizem respeito à instabilidade diretiva no Sporting e, mais concretamente, à Assembleia-Geral do Sporting, que tinha como propósito aferir se os sócios do clube desejavam ver o presidente destituído e, inerentes a esta, os primeiros candidatos à presidência, caso os resultados da reunião motivassem eleições.

Na categoria “Sanções”, destaque para a suspensão aplicada ao presidente do Sporting, à data, Bruno de Carvalho, por declarações à imprensa em que critica o Presidente do Conselho de Disciplina, José Manuel Meirim (3 de maio), o impedimento de inscrever atletas até julho, imposto pela UEFA ao FC Porto, por incumprimento de metas financeiras (28 de maio) e, finalmente, duas notícias relativas ao afastamento do Desportivo das Aves nas competições europeias da época seguinte por atraso na inscrição para as mesmas (21 e 22 de maio).

Como já referido anteriormente, parte das notícias que integram questões judiciais tiveram que ver com as suspeitas de viciação de resultados no futebol e andebol. As únicas que “escaparam” a este caso foram a constituição de dois novos arguidos num processo que envolve um assessor jurídico do Benfica e funcionários judiciais do Ministério Público, indiciados de crimes como corrupção ativa, oferta ou recebimento indevido de vantagens e violação do segredo de justiça (11 de maio) e, por último, uma notícia motivada por uma reportagem de canal televisivo, que denunciava um esquema de corrupção por parte de um agente desportivo que, alegadamente e a designado pelo Benfica, aliciava jogadores para que manipulassem os resultados dos jogos contra o mesmo (31 de maio).

Das notícias extra-jogo, também fizeram parte 3 relativa à vida financeira de clubes, mais concretamente FC Porto e Sporting. Sobre o primeiro, acusações de concorrência desleal, por parte de outros clubes, no que toca ao perdão de dívidas bancárias (11 de maio) e, quanto ao Sporting, uma solicitação de dados sobre a amortização da dívida, por parte da Comissão de Mercado de Valores Mobiliários (3 de

maio) e o adiamento do pagamento do empréstimo obrigacionista, contraído pelo mesmo clube (14 de maio).

No que toca à categoria “Agenda” foram noticiadas duas conferências de imprensa da Polícia de Segurança Pública, nos dias 4 e 18 de maio, relativamente às condições de segurança a ser implementadas no Estádio do Jamor e imediações, no dia do jogo da final da Taça de Portugal e, para além destas, no dia 9 de maio, foi noticiada a realização da segunda Cimeira de Presidentes dos Clubes da Liga, onde foi discutido o alargamento da primeira divisão de futebol para vinte equipas.

Finalmente, da categoria “Outras”, há a destacar notícias como a possibilidade do União da Madeira poder ter falhado a comparência ao seu jogo da última jornada devido ao atraso na divulgação dos horários dos jogos, o que comprometeria a ligação aérea do clube insular com o continente (10 de maio); o décimo aniversário do final da carreira do antigo futebolista Rui Costa (11 de maio); a renovação do contrato da Federação Portuguesa de Futebol com o seu principal patrocinador (15 de maio); o anúncio de medidas para o combate à violência no desporto, por parte do Secretário de Estado da Juventude e do Desporto, João Paulo Rebelo (17 de maio); a confirmação política, por parte do Primeiro-ministro, António Costa, para que o jogo da final da Taça de Portugal se pudesse realizar (18 de maio) e, por fim, uma notícia que dava conta de que Rui Patrício, guarda-redes da equipa de futebol do Sporting à data, viajara sozinho para Frankfurt, na Alemanha (22 de maio).

3. Junho de 2018

RESCALDO	ANTEVISÃO	AGENDA	BOLETIM CLÍNICO	ARBITRAGEM E DISCIPLINA	RESULTADOS	CALENDÁRIO DE JOGOS	OUTRAS	TOTAL
2	14	17	7	3	2	28	6	79

Figura 7 - Notícias relativas a jogo no mês de junho

TRANSFERÊNCIAS	ELEIÇÕES E ASSEMBLEIAS	SANÇÕES	DIREÇÃO E ADMINISTRAÇÃO	FINANÇAS	JUSTIÇA	ACADEMIA DE ALCOCHETE	AGENDA	OUTRAS	TOTAL
50	15	0	12	4	6	4	6	9	106

Figura 8 - Notícias relativas a extra-jogo no mês de junho

O mês de junho regista o maior número de notícias referentes a acontecimentos fora do âmbito do jogo, face às notícias relativas ao que aconteceu dentro de campo. Isto apesar de ser o mês que marca o início do Campeonato do Mundo de futebol, na Rússia. Com efeito, todas as notícias de jogo das categorias “Rescaldo”, “Antevisão”, “Arbitragem e Disciplina” e “Boletim Clínico” dizem respeito a jogos do Mundial de futebol, com especial enfoque naqueles em que a seleção portuguesa participou. No final de junho começa, também, a pré-temporada, em que os clubes da primeira liga de futebol se concentram, depois de um período de férias. De notar, também, que em junho não se registaram notícias relativas a sanções aplicadas por parte de organismos que tutelem o desporto.

Tal como no mês anterior, o número de notícias que registaram movimentações de jogadores e treinadores (50) ultrapassou, em larga escala, a quantidade de notícias de cada uma das outras categorias de extra-jogo. O período no qual os clubes podem efetuar inscrições de novos jogadores teve início no primeiro dia deste mês e, como tal, as notícias que davam conta destes acontecimentos foi, uma vez mais, elevada.

A categoria “Academia de Alcochete” continua a marcar presença nos noticiários Bola Branca de junho, com 4 notícias. No dia 5 junho foi noticiada a entrevista a Rodrigo Battaglia, jogador do Sporting, a um canal televisivo argentino, onde manifestou vontade de sair do clube, face ao que aconteceu no dia 15 de maio; nos dias 7 e 8 de junho, respetivamente, foram noticiadas a inclusão de um antigo líder de uma claque afeta ao Sporting na lista de suspeitos do ataque, pela Procuradoria-Geral da República e a continuação do interrogatório judicial aos detidos por suspeita de participação no mesmo.

A categoria “Eleições e Assembleias” foi a segunda mais representada (15 notícias), quando se trata do extra-jogo. Para este número contribuíram a Assembleia-Geral do Sporting, do dia 23 de junho, que resultou na destituição do presidente do clube (6 notícias) e, por via do vazio deixado no cargo, o aparecimento de candidatos à

presidência e a sua noticiabilidade (6 notícias). Para além destes acontecimentos, de destacar também as notícias que deram conta da pretensão do antigo presidente do Sporting, Bruno de Carvalho, em realizar uma Assembleia-Geral no dia 27 de junho (11 de junho) e o cancelamento desta (27 junho) e, finalmente, uma notícia referente à Assembleia-Geral Ordinária do Benfica (11 de junho).

A terceira categoria com mais notícias foi “Direção e Administração” e, mais uma vez, o foco foi para instabilidade diretiva vigente, à data, no Sporting Clube de Portugal, que preencheu toda a categoria. O mês começa com a notícia da criação de uma Comissão Transitória por parte do Conselho Diretivo, para suprir a demissão em bloco da Mesa da Assembleia-Geral (1 de junho); no dia 6 de junho, a direção comunica a demissão de um administrador; nos dias 13 e 14, respetivamente, é noticiada a suspensão do presidente pela Comissão de Fiscalização, por violação dos estatutos e o não acatamento da decisão por parte do primeiro; no dia 14, foi também noticiada a criação de uma Comissão de Gestão para colmatar a suspensão do ex-presidente; no dia 15 e 18, registaram-se, respetivamente, a rejeição de Pedro Santana Lopes em liderar essa mesma Comissão e a ausência de data para o início de funções; no dia 19 de junho, um dos vogais da direção suspensa, refere-se a pressões para abandonar o cargo; no dia 25 de junho, já depois da Assembleia-Geral destitutiva, o presidente de um dos maiores acionistas da Sociedade Anónima Desportiva do Sporting, é notícia depois de alegar que o presidente destituído teria receio de uma eventual auditoria forense às contas do clube; no mesmo dia, Sousa Cintra é designado como líder da Comissão de Gestão; finalmente, no dia 26, as notícias que encaixam nesta categoria, dão conta da data limite para a resposta do presidente destituído, Bruno de Carvalho, a uma nota de culpa, enviada pela Comissão de Gestão e o início de funções desta.

Da categoria “Justiça” fazem parte 6 notícias, três relacionadas com o Sporting, duas com o Benfica e uma com o Vitória de Guimarães. Sobre o primeiro, foram noticiados o avanço para a via judicial do Presidente da Mesa da Assembleia-Geral, contra Bruno de Carvalho (1 de junho), a decisão do Tribunal que obrigou o antigo presidente do Sporting a cobrir as despesas relacionadas com a realização da Assembleia-Geral de 23 de junho (15 de junho) e o indeferimento do Tribunal Judicial da Comarca de Lisboa de um pedido da Holdimo, acionista do Sporting, para a destituição do então líder do clube. No que concerne ao Benfica, no dia 6 junho a notícia deu conta da constituição de seis arguidos por suspeitas de fraude fiscal, depois de buscas levadas a cabo pela Polícia Judiciária e pelo Ministério Público, às instalações

do clube e, no dia 25 de junho, uma vez mais, foram notícia as buscas da Polícia Judiciária no Estádio do Benfica e em instalações de outros quatro clubes. Finalmente, no dia 7 de junho, o Vitória de Guimarães retirou a queixa registada, relativa à invasão do seu complexo de treinos por parte de adeptos.

Também neste mês se registaram notícias relativas às contas de clubes. No dia 4 junho, o FC Porto apresenta o resultado da emissão de obrigações, no dia 6, a Comissão de Mercado de Valores Mobiliários comunica que a emissão obrigacionista do Sporting não será aprovada até que aconteçam sinais de estabilidade no clube e, no dia 15, é noticiada a queda do valor das ações da Sociedade Anónima Desportiva do mesmo. No dia 7 de junho, é noticiado um acontecimento que envolve contas, mas o protagonista foi, desta feita, Cristiano Ronaldo e o que representaria uma eventual mudança de clube, na vida do mesmo e para o país onde o jogador prosseguiria a sua carreira.

Das notícias da categoria “Agenda”, fizeram parte duas conferências de imprensa, marcadas por Bruno de Carvalho, nos dias 1 e 6 de junho; uma manifestação contra o mesmo, organizada por adeptos do Sporting, no Estádio de Alvalade (4 de junho); no dia 6 de junho foi, também, noticiada uma conferência de imprensa da Polícia de Segurança Pública sobre o corpo de segurança que acompanharia a seleção portuguesa de futebol na Rússia; no dia 13, foi notícia a realização de uma Assembleia-Geral da Liga Portuguesa de Futebol Profissional para discutir e votar alterações ao regulamento disciplinar e de arbitragem nas competições profissionais e, no dia 29, deu-se conta de uma reunião da Liga de Clubes para aprovação do orçamento para a época 2018/2019. Neste mês registou-se, também, uma colaboração entre a equipa Bola Branca e outro jornalista da Rádio Renascença, Celso Paiva, com uma reportagem sobre a equipa policial que acompanhou a comitiva da seleção portuguesa de futebol até ao Mundial da Rússia.

As colaborações entre a editoria do desporto e outros jornalistas foram relativamente comuns, durante o mês de junho. Nomeadamente, no que diz respeito às notícias que davam conta da instabilidade diretiva do Sporting e a possibilidade de queda da direção do clube, por perde de quórum. Na ajuda à interpretação dos dados relativos ao tema, foi possível observar a estreita colaboração com Marina Pimentel, jornalista especializada na área do Direito, também forneceu contatos da área da Justiça, para a melhor interpretação de algumas das notícias veiculadas, tal como afirmou João Fonseca: “Temos aqui a Marina Pimental que, em termos de legislação, é das melhores jornalistas que conheço e nestes casos de problemas jurídicos de pessoas ligadas ao

futebol é-nos muito útil” (Anexo 1.2., página 97, 4). Rui Viegas aponta para a necessidade de, em determinados assuntos, “procurar uma visão mais especializada” (Anexo 1.4., página 109, 4), referindo-se diretamente ao recurso à ajuda de colegas jornalistas de outras editorias.

Por fim, no que diz respeito à categoria “Outras”, as notícias foram da índole mais diversa. Foi noticiado, no dia 6, que os jogadores da seleção mexicana de futebol não seriam castigados, após terem organizado uma festa, por estarem a gozar de um dia de folga; no dia 7, é notícia a disponibilidade de Mário Machado, ex-líder da Frente Nacional, para a liderança de uma claque afeta ao Sporting; O início do Mundial e a falta de comparência dos governantes do mundo ocidental foi notícia no dia 14; uma estátua, junto ao Estádio de Alvalade foi vandalizada (15 de junho); Fábio Coentrão, antigo jogador do Sporting, publicou nas redes sociais um esclarecimento acerca da troca de mensagens com o antigo presidente (21 de junho); foi divulgada uma troca de mensagens entre Diego Simeone, treinador do Atlético de Madrid, e o seu adjunto, sobre Cristiano Ronaldo e Messi; Sousa Cintra terá sido impedido de entrar nas instalações do Sporting (25 de junho) e Patrick Morais de Carvalho, presidente do Clube Futebol “Os Belenenses”, prometeu a refundação da equipa de futebol (29 de junho).

4. Julho de 2018 (até dia 13)

RESCALDO	ANTEVISÃO	AGENDA	BOLETIM CLÍNICO	ARBITRAGEM E DISCIPLINA	RESULTADOS	CALENDÁRIO DE JOGOS	OUTRAS	TOTAL
2	0	28	3	1	2	8	0	44

Figura 9 - Notícias relativas a jogo no mês de julho

TRANSFERÊNCIAS	ELEIÇÕES E ASSEMBLEIAS	SANÇÕES	DIREÇÃO E ADMINISTRAÇÃO	FINANÇAS	JUSTIÇA	ACADEMIA DE ALCOCHETE	AGENDA	OUTRAS	TOTAL
62	14	0	6	1	2	0	1	6	92

Figura 10 - Notícias relativas a extra-jogo no mês de julho

Foram analisados os noticiários das duas primeiras semanas de julho, pelo facto de corresponder com as últimas semanas de estágio. Na primeira metade deste mês, as notícias que extrapolaram os terrenos de jogo (92) mais que dobraram a quantidade de notícias que se referiram a jogo (44). No que concerne às últimas, em muito contribuiu a eliminação da seleção portuguesa do Mundial de futebol, ainda no mês anterior, logo, a atenção noticiosa centrou-se nos trabalhos de pré-época dos clubes de futebol portugueses e nas referências aos restantes jogos do Campeonato do Mundo.

Denominador comum de todos os meses em análise, as notícias da categoria “Transferências” representam a maior fatia (62) da cobertura do extra-jogo pelos noticiários Bola Branca.

Nestas duas semanas, a categoria “Eleições e Assembleias” foi a que mais se destacou, a seguir à anteriormente mencionada, com 14 notícias. Todas elas relativas às eleições para o Sporting, com novos candidatos e referências para programas dos que já haviam formalizado candidaturas.

Em “Direção e Administração” cabem a notícia de que Jaime Marta Soares, antigo Presidente da Mesa da Assembleia-Geral do Sporting, foi ouvido pela Comissão de Fiscalização do clube, a propósito de uma queixa de um grupo de apoiantes de Bruno de Carvalho que, segundo a qual, o primeiro não teria competências para convocar a Assembleia de 23 de junho (4 de julho); Augusto Inácio nega o afastamento do corpo técnico do futebol do Sporting, por parte da direção (9 de julho); Paulo Mendes Salsa demite-se do cargo de Administrador da Sociedade Anónima Desportiva do Sporting (9 de julho); o Belenenses anuncia a presença da equipa de futebol nos campeonatos distritais (9 de julho); a Comissão de Fiscalização do Sporting garante a decisão quanto aos processos de suspensão dos membros que integravam a antiga direção para o dia 8 de agosto, data limite para a entrega das candidaturas para as eleições no clube (12 de julho) e, por fim, Bruno de Carvalho e Carlos Vieira, antigo presidente e vice-presidente do Sporting, respetivamente, são suspensos de sócios do clube (12 de julho).

Da categoria “Justiça”, as notícias que a integraram foram a apresentação de uma providência cautelar, imposta pelo Académico de Viseu, para impedir o arranque dos campeonatos nacionais, na sequência da rejeição do recurso do União da Madeira, que permitiu a subida do Santa Clara para a Primeira Liga de futebol (4 de julho) e a saída em liberdade condicional de Rúben Semedo, jogador de futebol, depois de ter estado preso por agressão e sequestro, em Espanha (13 de julho).

A única notícia relativa às contas de clubes, neste mês de julho, teve que ver com o facto de o Benfica não ter estudado o impacto financeiro que decorreria de eventuais contratações de jogadores do Sporting, depois de alguns destes terem rescindido com o clube (2 de julho).

Por fim, na categoria “Outros”, em Bola Branca, noticiou-se, no dia 2 de julho, a garantia do presidente da Federação Uruguaia de Futebol, de que a instabilidade do Sporting não afetava o internacional uruguaio Sebastian Coates, jogador do clube português; Marcelo Rebelo de Sousa felicitou a missão portuguesa que participou nos Jogos do Mediterrâneo, em Tarragona, Espanha e o ciclista Chris Froome fora ilibado de acusações de *doping*. No dia 4 de julho, mais duas notícias, desta feita a procura de casa em Turim, por parte de Cristiano Ronaldo e o apelo do presidente da União Ciclista Internacional, para que os espetadores da Volta a França zelassem pela segurança dos ciclistas e, em particular, de Chris Froome. Por último, no dia 13 de julho, o presidente da FIFA, Giani Infantino e a sua garantia de que o Mundial da Rússia foi o melhor Campeonato do Mundo de sempre, foi noticiado.

Conclusões Finais

Nestas conclusões pretende-se fazer um balanço sobre as aprendizagens concretizadas no processo de estágio e, porventura de forma mais alongada, realizar um balanço sobre o processo de análise de conteúdo, cuja leitura terá – passo a passo - ganho uma maior acuidade com a contribuição das entrevistas.

Grande parte da experiência obtida decorre (e ficou já relatada) da vivência do quotidiano na Redação. As indicações recebidas testemunham os próprios critérios editoriais (de seleção e organização dos noticiários) e técnicos (de redação e locução), que no decurso do estágio marcaram uma maior sensibilidade para identificar os elementos que se tornaram o fulcro de análise deste trabalho. Importa recordar, para além da rotina da redação, alguns dos momentos-charneira da minha experiência em estágio,

Ao longo do estágio, foram 16 as entrevistas que transpus do noticiário para o *site*, foi destacada a primeira, realizada a Bruno Caires (1 de Maio), jogador do Benfica na década de 1990, a propósito do dérbi entre Benfica e Sporting, (Anexo 3.2., páginas 115-116). O meu contributo para os noticiários foi, como ficou dito, proporcionalmente inverso ao do *site*, visto que, a partir do momento em que comecei a dar apoio à sua construção, o meu contributo para o *site* decresceu.

Com a aprendizagem do programa *Audacity*, usado para o manuseio dos sons, iniciei o contributo para os noticiários Bola Branca, adquirindo deste modo os detalhes da transferência dos conteúdos para o noticiário em antena. As férias e pontuais ausências, proporcionaram a oportunidade de tratar conferências de imprensa do Mundial de futebol, declarações de jogadores a órgãos dos seus próprios clubes ou a órgãos de comunicação estrangeiros, experiência cuja utilidade se revelou não só na compreensão do seu desempenho técnico como na delimitação das categorias que se vieram a aplicar no processo de análise.

A construção de uma relação de confiança com a equipa tornou possível a realização das minhas próprias entrevistas e a seleção dos sons para os noticiários. Como ficou dito, entrevistei André Matos (25 de Junho), presidente da Associação de Wakeboard de Portugal, a propósito da realização de uma etapa do mundial da competição, em Tomar, saindo, assim, fora do universo predominante do Futebol. No dia seguinte, foi selecionado o som com que este explica os princípios básicos da

modalidade (inserido no noticiário das 12h45m). Três dias mais tarde, recapitulei a experiência da condução de uma entrevista com o presidente do Clube Naval de Sesimbra, Guilherme Cabral, a propósito da realização do Campeonato Europeu de Vela Júnior; tratava-se de aferir a logística da prova, bem como, uma vez mais, os pressupostos fundamentais da modalidade, captação que veio a integrar noticiário das 12h45m e que me permitiu ter uma visão mais clara do ciclo de obtenção, tratamento e edição de notícias.

Finalmente, no dia 4 de julho, quando a saída de Cristiano Ronaldo do Real Madrid foi noticiada, foi com um jornalista espanhol da Cadena COPE que concretizei a recolha de declarações, mais tarde traduzidas e incluídas no noticiário.

Destacaria três experiências de saída de campo: no segundo dia de estágio, com João Paulo Ribeiro, ao aeroporto de Lisboa, para cobrir a partida da equipa de Futsal do Sporting para a UEFA Futsal Cup; uma segunda saída, esta com resultados frustrados, no dia 1 de junho, Jaime Marta Soares, presidente da Mesa da Assembleia-Geral do Sporting (a propósito da crise diretiva do clube) e, na senda desta, a 9 de Junho, a apresentação da sede de campanha de Frederico Varandas, para a recolha de sons com o candidato e com Rogério Alves, o candidato da lista a presidente da Mesa da Assembleia-Geral, esta com resultados mais gratificantes; os sons que recolhi foram aproveitados para o noticiário das 22h30s, por Pedro Azevedo. Foi, pois, um conjunto de experiências que me aproximou da necessidade de distinguir um plano estrito – do *jogo*, pertinente no Futebol como noutra modalidades – de um âmbito mais alargado, que tento designar por extra-jogo, e que revela a abrangência sociológica e simbólica, também, política e financeira, que o Desporto – privilegiadamente o Futebol – adquiriu (não só) em Portugal.

Retomando o trabalho de análise de noticiários: os acontecimentos que, tal como definimos, transcendem o contexto específico do jogo, granjearam grande destaque durante os três meses de estágio, na Bola Branca. Das 652 notícias analisadas, 326 foram relativas a extra-jogo, exatamente metade do total de notícias. Os assuntos foram dos mais variados, derivando das finanças, à justiça ou a ações nos bastidores do desporto, como se pôde verificar pelos resultados à análise dos 64 noticiários.

A Bola Branca, como ficou claro, baseia muita da sua produção noticiosa no futebol e estes números podem estar associados ao final de época de clubes, no início do mês de maio. Porém, apesar do período de análise cobrir o último mês de competição, o

ano de 2018 ficou marcado também pela realização do Mundial de futebol o que significa que, apesar da época de clubes ter acabado, a época do desporto de que mais se fala estava longe de terminar. “Este ano foi daqueles casos em que a época acabou, mas não acabou porque, feliz ou infelizmente, de dois em dois anos, existem competições de seleções” (Anexo 1.1., página 96, 19).

A categoria que mais contribuiu para os resultados finais foi a relativa a “Transferências”, notícias, por norma curtas, fáceis de integrar num noticiário com tempo contado. Das 326 notícias, referentes a acontecimentos extra-jogo, 182 noticiaram entradas e saídas de jogadores e treinadores, equivalendo a uma percentagem de, aproximadamente, 55,9% do total das notícias que extrapolaram os campos. Tal como foi referido, o período no qual os clubes estão autorizados a inscrever novos jogadores – mercado – esteve “aberto” durante cerca de metade do tempo de estágio e, para além desse fator, as transferências estão sempre, mais ou menos, presentes no panorama do futebol e estas começam a ser cogitadas bem antes da abertura oficial da sua época. Carlos Dias, entende que a questão das transferências é “tenebrosa”, já que “todos os dias aparecem dez novos jogadores associados a cada clube” (Anexo 1.1., página 94, 19).

Muitos dos acontecimentos noticiados podem, à primeira vista, desviar do que se depreende ser desporto. Porém, o ângulo que se procura privilegiar, com a cobertura destas notícias no noticiário Bola Branca é, efetivamente, o desporto. Para o editor da maior parte destes noticiários, o que importa quando se noticia o extra-jogo é “fazer um tratamento noticioso, do ponto de vista desportivo, desses mesmos acontecimentos” (Anexo 1.1., página 95, 15):

“Quando o desporto se cruza com política, religião ou justiça, procuramos sempre puxar uma ponta que vá ao encontro daquele que é o nosso auditório particular” (Anexo 1.4., página 112, 20).

De facto, foi o que aconteceu na cobertura do assunto que mais se prolongou no tempo, ao longo dos meses de análise – a Academia de Alcochete. A notícia, na sua génese, apontava para a violência e as consequências do ato para aqueles que o cometeram, sempre com o microfone a apontar para fora dos campos. No calor do momento ou, se preferirmos, nos dias imediatamente seguintes, os parágrafos que sucederam à descrição das agressões aos jogadores e membros da equipa técnica do

Sporting e às detenções dos suspeitos, o ângulo voltou-se para o eventual estado da equipa, dias antes do último jogo da sua época, a final da Taça de Portugal.

“Se há detenções, falamos na mesma e, no seguimento da notícia, em vez de falarmos com advogados, tentamos perceber como a equipa pode jogar no dia seguinte e, dessa forma, continuamos a falar do assunto” (Anexo 1.1., página 95, 15).

Os principais critérios de noticiabilidade aplicados na cobertura do extra-jogo não diferem muito daqueles que se verificam nas notícias referentes a jogo, tal como referiram os membros entrevistados. Mesmo aplicando os critérios definidos por Galtung e Ruge (1965) e, mais tarde, aplicados por Critcher (1987) à área do desporto, o que salta à vista continua a ser a presença de elites, seja no facto do futebol ser o desporto mais noticiado ou, porque mesmo dentro deste, acontecimentos que digam respeito a Benfica, Sporting, Porto, seleção nacional e Cristiano Ronaldo, também têm mais tempo em Bola Branca. Por fim, é impossível dissociar a presença do critério da negatividade - que segundo Critcher é aquele que pode ditar entre o jornalismo desportivo e o restante - e do facto desta ter tendência a ser noticiada, daqueles que são os acontecimentos mais noticiados no extra-jogo. De facto, ao longo da análise, a presença da negatividade nos acontecimentos noticiados no noticiário Bola Branca é notória em todas as categorias.

Quando os acontecimentos extravasam os terrenos de jogo é comum encontrarmos colaboração entre redações e jornalistas e Bola Branca não foi exceção. A evolução do espaço físico redatorial da Rádio Renascença contribuiu para que as colaborações se tornassem comuns já que, antes de se efetivar a mudança para as instalações na Buraca, os membros de Bola Branca encontravam-se confinados a um gabinete na antiga sede, no Chiado. A existência de vários pontos de contato entre o desporto e outros assuntos precipita a que, por vezes, se tenha de “procurar uma visão mais especializada” (Anexo 1.4., página 107, 4), até porque, como Carlos Dias afirma, “ninguém está preparado para dominar todos os temas, até quando somos especialistas em algo” (Anexo 1.1., Página 92, 1).

“Não tenho problema nenhum em recorrer a jornalistas de justiça ou economia quando estou a escrever um texto para a "net" ou a fazer uma edição da Bola Branca, em que me está a faltar o enquadramento daquela área. Somos todos vulneráveis, não nascemos

ensinados e não sabemos tudo sobre tudo. Se tens esse “à vontade”, tens meio caminho andado. As pessoas não te dizem "não", tal como nós não dizemos "não" aos outros” (Anexo 1.3., página 102-103, 4).

Estas colaborações apenas servem um propósito comum entre os jornalistas da Rádio Renascença. “Somos todos jornalistas e trabalhamos todos para a mesma rádio” (Anexo 1.1., página 92, 2).

O extra-jogo não é um fenómeno novo, apesar de ter sido propulsado pela nova postura comunicacional dos clubes, mais fechada e virada para dentro. Para além da influência das equipas de comunicação, a cobertura noticiosa, em geral, também aumentou. “Antes não havia uma cobertura tão exaustiva, como há hoje. Havendo isso, as coisas acabam por se misturar” (Anexo 1.4., página 112, 19). José Pedro Pinto ilustra o facto da cobertura do extra-jogo não ser um fenómeno exclusivo dos anos atuais:

“O desporto sempre viveu disso e não só em Portugal. Há uma grande figura da história do futebol mundial, o George Best, que era tão conhecido pelos dribles e golos que fazia pelo Manchester United, como pelas bebedeiras e por ser encontrado em valetas. Portanto, o que é que mudou? Nada. Há histórias de campeonatos do mundo, campeonatos da Europa em que as coisas correram mal, como as greves da seleção da França no Mundial de 2010, por exemplo. Tudo tem de ser noticiado. E falando de futebol, um desporto com pessoas fanáticas e lunáticas é normal que tenha de ser coberto” (Anexo 1.3., página 107, 20).

Nos tempos que correm, em “cada vez mais se joga fora do campo” (Anexo 1.2., página 100, 15), torna-se impossível dissociar o golo - ou o ponto - da suspeita de manipulação de resultados desportivos, julgada nas instâncias para o fim. Hoje, o desporto em Portugal não se faz apenas de atletas, treinadores e árbitros e a influência de atores externos ao campo de ação dos primeiros é, cada vez, um fator a ter em conta. No fundo, “tudo isto pinta o que é o desporto português” (Anexo 1.1., página 96, 20) e, como tal, há-que ser noticiado.

Bibliografia

BARBEIRO, Hérodoto e LIMA, Paulo Ribeiro de (2001). *Manual de Radiojornalismo*. Rio de Janeiro, Editora Campus.

BERGANZA CONDE, Maria Rosa (2005). *Periodismo Especializado*. Madrid, Ediciones Internacionales Universitarias.

BONIXE, Luís (2012). *A Informação Radiofónica – Rotinas e valores-notícia da reprodução da realidade na rádio portuguesa*. Lisboa, Livros Horizonte.

BOYD, Andrew (2001). *Broadcast Journalism – Techniques of Radio and Television News*. Oxford, Focal Press.

BOYLE, Raymond (2006). *Sports Journalism – Context and Issues*. Londres, SAGE Publications Ltd.

CASTANHEIRA, José Pedro (2004). *No Reino do Anonimato – Estudo Sobre o Jornalismo Online*. Coimbra, Edições MinervaCoimbra.

CRITCHER, Chas (1987). “Media spectacles: sport and mass communication”. In Cashdan, Asher e Jordin, Martin (Org.) *Studies in Communication*. Nova Iorque, Basil Blackwell Ltd.

CANDAU, Julián Garcia (2004). “La crónica deportiva”. In: Moral, Javier Fernández del (coord.). *Periodismo especializado*, Barcelona, Editorial Ariel, pp. 453-478.

DAVIES, Charlotte Aull (2008). *Reflexive Ethnography: a guide to researching selves and others*. (2ª ed.). Nova Iorque. Routledge.

DE MAEYER, Juliette e LE CAM, Florence (2015). “The Material Traces of Journalism - A socio-historical approach to online journalism”. In *Digital Journalism, Vol. 3 (2015)*. Routledge, pp. 85-100.

- FLICK, U. (2005). *Métodos qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa: Monitor.
- GANS, Herbert J. (1980). *Deciding What's News – A study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time*. Nova Iorque, Vintage Book.
- GUERRA, I. C. (2010). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: Sentidos e formas de uso*. Cascais: Príncipeia.
- GRUNDY, Bruce (2008). *Então, quer ser jornalista?*. Lisboa, Bizâncio.
- HERREROS, Mariano Cebrián (1995) *Información Radiofónica. Mediación técnica, tratamiento y programación*. Madrid, Editorial Síntesis.
- HJARVARD, Stig (2012). “The study of news production”. In Jensen, K. B. (2012). *A Handbook of Media and Communication Research: Qualitative and Quantitative Methodologies*. (2ª ed.). London: Routledge, pp. 87-105.
- HORKY, Thomas e PELKA, Philipp (2017). “Data Visualisations in Sports Journalism – Opportunities and challenges of data-driven journalism in German football”. In *Digital Journalism, Vol. 5* (2017). Routledge, pp. 587-606.
- JENSEN, K.B. (2012). “The Qualitative Research Process”. In Jensen, K. B. (2012). *A Handbook of Media and Communication Research: Qualitative and Quantitative Methodologies*. (2ª ed.). London: Routledge, pp. 265-282.
- KERN, Jonathan (2008). *Sound reporting the NPR guide to audio journalism and production*. Chicago, University of Chicago Press.
- LAGE, Nilson (2005). *A Reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro, Record.
- LOPES, Victor Silva (1988). *Iniciação ao Jornalismo Audiovisual*. Lisboa, Dinalivro.

LUCKIE, Mark S. (2010). *The Digital Journalist's Handbook*. Estados Unidos da América, [s.n.].

MEDITSCH, Eduardo (1999). *A Rádio na Era da Informação*. Coimbra, Minerva.

MENESES, João Paulo (2016). *Jornalismo Radiofónico*. Braga, CECS – Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho. Disponível no seguinte website: <http://www.cecs.uminho.pt>. Consultado a 02/08/2018.

MORITZ, Brian (2015). “The Story Versus the Stream: Digital Media’s Influence on Newspaper Sports Journalism”. In *International Journal of Sports Communication*, Vol. 8 (2015). Human Kinetics Journals, pp. 397-410.

MUSANTE (DeWalt), K. (2014). “Participant Observation”. In *Handbook of Methods in Cultural Anthropology*, ed. Bernard, H. & Gravlee, C., Lanham: Rowman & Littlefield, pp. 251-292.

PONTE, Cristina (2004) *Leitura das Notícias – Contributo para uma análise do discurso jornalístico*. Lisboa, Livros Horizonte.

PRADO, E. (1985) *Estructura de la información radiofónica*. Barcelona, Mitre.

QUESADA PÉREZ, Montserrat (1998). *Periodismo Especializado*. Madrid, Ediciones Internacionales Universitarias.

RAMÍREZ, Francisco Esteve e MORAL, Javier Fernández (1999). *Áreas de Especialización Periodística*. Madrid, Editorial Fragua.

SHOEMAKER, Pamela J. e VOS, Tim P. (2009). *Gatekeeping Theory*. Nova Iorque, Routledge.

SOBRAL, Luís e MAGALHÃES, Pedro (1999) *Introdução ao Jornalismo Desportivo*. Lisboa, Cenjor.

SOUSA, Jorge Pedro e AROSO, Inês (2003) *Técnicas Jornalísticas nos Meios Eletrónicos (princípios de radiojornalismo, telejornalismo e jornalismo on-line)*. Porto, Edições Universidade Fernando Pessoa.

SOUSA, Jorge Pedro (2001) *Elementos do Jornalismo Impresso*. Porto, [s.n.]. Disponível no seguinte website: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>. Consultado a 03/08/2018.

STEEN, Rob (2015). *Sports Journalism – A Multimedia Primer*. (2ª ed.) Nova Iorque. Routledge.

STEENSEN, Steen e AHVA, Laura (2015). “Theories of Journalism in a Digital Age – An exploration and introduction”. In *Digital Journalism, Vol. 3* (2015). Routledge, pp. 1-18.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão (2009). “O jornalismo especializado e a especialização periodística”. *Revista Estudos em Comunicações*, nº5, maio de 2009, pp. 115-133.

TRAQUINA, Nelson (2002) *Jornalismo*. [s.l.], Quimera.

VIANA, Luana e LOPEZ, Debora Cristina (2015). “A utilização de recursos hipermediáticos no rádio expandido: um estudo de caso da Rádio Renascença”. In *Comunicação e Transformações Sociais, Vol. 3* (2015). SOPCOM, pp. 509-521

WOLF, Mauro (1987). *Teorias da Comunicação*. Lisboa, Editorial Presença

ZAMITH, Fernando (2008). *Ciberjornalismo – As potencialidades da Internet nos sites noticiosos portugueses*. Porto, Edições Afrontamento.

Webgrafia

“Renascença. A história de 80 anos de rádio”. Renascença. Data de acesso: 08/09/2018.

“Transparência”. Renascença. <https://rr.sapo.pt/transparencia>. Data de acesso: 08/09/2018.

“Treino do Sporting invadido por 50 *hooligans*. Jogadores e equipa técnica agredidos”. (2018, 15 de maio). Renascença. <https://rr.sapo.pt/noticia/113307/treino-do-sporting-invadido-por-50-hooligans-jogadores-e-equipa-tecnica-agredidos>. Data de acesso: 06/10/2018.

ANEXOS

Anexo 1 – Declaração de Estágio



DECLARAÇÃO

Para efeitos curriculares declara-se que **João Filipe Velhinha Rodrigues Amaro Cruz** realizou um estágio curricular na Direção de Informação da Rádio Renascença Lda., Departamento de Desporto em Lisboa entre 16 de abril a 13 de julho de 2018 realizando um total de 450 horas.

Por ser verdade e a pedido do interessado passamos a presente declaração.

Lisboa, 09 de agosto de 2018

A DIRECÇÃO DE RECURSOS HUMANOS

Flávia Velho



Anexo 2: Entrevistas

1.1. Carlos Dias, editor, jornalista, relator

1) João Cruz (J) - Enquanto jornalista dedicado ao desporto sentes-te à vontade quando a notícia descola do jogo?

Carlos Dias (C) - Ninguém está preparado para dominar todos os temas, até quando somos especialistas em algo. Obviamente que se me aparece um relatório de contas das SAD de um dos três grandes, claro que tem de haver um cuidado, mas vamos adquirindo experiência e apercebemo-nos quais os dados mais importantes.

2) J - Existe colaboração entre jornalistas de Bola Branca e outras editorias?

C - Somos todos jornalistas e trabalhamos todos para a mesma rádio. Nós, porque mudámos de espaço físico também permite a que isso aconteça. Hoje estamos todos numa sala enorme, com 70 pessoas e ainda é como antigamente: levantamo-nos e vamos tirar uma dúvida 5 ou 10 metros à frente. Para a maior parte dos jornalistas que trabalham na Renascença a notícia tem de ser trabalhada para entrar no noticiário e na Bola Branca e vice-versa.

3) J - Qual é a rotina de um editor?

C - Para além de editor, sou coordenador da equipa em Lisboa e, por isso, para além de fazer trabalho jornalístico, estou também a fazer um trabalho burocrático. Faço um planeamento com antecedência de vários eventos, por motivos de logística e, com esse trabalho feito, preocupo-me com a questão editorial. No que diz respeito ao trabalho jornalístico, tenho que entrar em alguns noticiários. Tenho edições de Bola Branca curtas em todos os noticiários e a maior das 12h45m. Tenho de preparar essas edições, com vários blocos de texto curtos, tentando aglomerar o que interessa a quem nos ouve e o posicionamento do canal no mercado radiofónico. Temos que falar do Benfica, do Sporting, do Porto, da seleção, do Cristiano Ronaldo e estar atentos a tudo resto, como outros clubes, outras modalidades, notícias do estrangeiro, etc. Ao mesmo tempo leio os jornais, confiro a agenda, ter em conta possíveis serviços no exterior e confirmá-los.

4) J - Também distribuis trabalho pelos colegas que estão no apoio ao editor.

C - Sim.

5) J - Na estrutura de Bola Branca o espaço de comentário e entrevista está presente. A escolha desses entrevistados obedece a critérios?

C - Esta estrutura advém do peso que o desporto tem na sociedade portuguesa e, como tal, entrevistas e comentários estão presentes em todos os noticiários de rádio e jornais desportivos portugueses e em todos os quadrantes. Quando um jogador marca um golo é quase óbvio falarmos com um antigo treinador. Mas o quase óbvio obriga-nos a tentar fazer algo diferente. Perde-se um bocado mais de tempo, fazem-se mais alguns contatos e descobre-se alguém que sabe alguma coisa interessante, uma história curiosa ou consiga transmitir algo do jogador que não é muito conhecido.

6) J - Alguns dos sons presentes nos noticiários são retirados da televisão. É o espelho do imediatismo no jornalismo ou limitações?

C - O que acontece é que cada vez temos mais para fazer e também tem que ver com a capacidade financeira e as dificuldades que cada empresa da área tem em Portugal. Por outro lado, atualmente os clubes fazem uma conferência por semana e não há mais comunicação. Por último, também temos de fazer opções e não podemos ir a todos os lados. Temos que ir aos sítios que achamos mais importantes e que mobilizam mais pessoas. É o que é. Apesar destas limitações, continuamos a ter trabalhos nossos citados na imprensa escrita, mas também nas televisões. E não esquecer que todos fazem o mesmo. Quando o Primeiro-Ministro ou o Presidente da República vão ao estrangeiro, uma vez vão uns jornalistas, noutras vezes vão outros, mas as imagens e os sons aparecem em todos os lados. Nesta profissão, às vezes, é o que há. Se temos quatro serviços na rua e na minha equipa apenas está uma pessoa, só a posso mandar para um determinado trabalho.

7) J - O futebol ocupa grande parte dos noticiários. É a resposta dada ao que os ouvintes pedem?

C - Até 1996, antes de chegar à Renascença, fiz relatos de andebol, basquetebol, voleibol, hóquei, provas de ciclismo e futebol. A partir de 1998, quando entrei na Bola Branca, ainda fazíamos alguma coisa porque os meios eram maiores. Tinhas mais pessoas, o que permitia que pudessem ser distribuídas de uma outra forma. Com o decorrer dos tempo, fomos nós a centrarmo-nos no futebol. A verdade é que adoro modalidades, mas as pessoas ficam atentas se é uma notícia da seleção nacional, do Sporting, Benfica ou do Porto e se há uma notícia do Cristiano Ronaldo ficam ainda mais atentas. O grau de atenção vai diminuindo quando as notícias são outras. O mesmo acontece dentro das notícias relativas ao futebol. O Braga pode ser líder do campeonato

e, apesar da cidade de Braga ter muitas pessoas, existem ainda mais pessoas que seguem o Benfica, Sporting e Porto.

8) J - Sendo o noticiário maioritariamente ocupado por notícias relativas a futebol, é obrigatório ter algumas de outras modalidades?

C - Há esse cuidado, sabendo que o noticiário é quase só futebol, como as pessoas dizem - e assumimos isso.

9) J - Enquanto editor, que critérios utilizas na seleção das notícias?

C - Se tiver uma notícia para dar, tenho que a dar, seja ela qual for, ou seja, em primeiro está a atualidade e o que é mediático. A atualidade dos três grandes, sim, mas também falamos dos outros clubes, apesar de, normalmente, aparecerem quando jogam com os primeiros. Quando se edita Bola Branca, temos um estilo enraizado e é este o nosso. Claro que também estamos sujeitos à agenda mediática desportiva e do futebol, em particular e, finalmente, as fonte da notícia. Temos de ter o cuidado de citar sempre a origem da notícia ou confirmar a veracidade dos factos.

10) J - Relativamente ao relato. Sendo relator, como preparas um relato?

C - Preparo os relatos com alguma antecedência. Vou tirando notas no meu caderno de trabalho diário, tiro notas de notícias dos clubes dessa semana, tenho atenção às conferências de imprensa de antevisão, aos lesionados e castigados. Há também um trabalho estatístico que, no meu caso, considero obrigatório, mesmo que se utilize só 5% da informação. Na rádio temos que relatar o jogo e passar a emoção a quem não está a ver o jogo e, como tal, há-que reunir o máximo de informação, mesmo que, tal como já disse, se utilize muito pouco do que se reuniu.

11) J - Também fazes relatos para televisão. Quais são as diferenças, para um relator, entre um relato radiofónico e televisivo.

C - Faço relatos na SportTV há dez anos e pouco e, quando comecei, a minha interrogação era exatamente essa. Tal como me disseram, na altura, a partir do momento em que me sento num estúdio para fazer um relato para televisão, o *chip* muda. Na televisão não existe a necessidade de partilhar tantos dados, porque as pessoas estão a ver o jogo. Também temos que empregar emoção, mas não com a mesma intensidade que na rádio, porque existem imagem e, quando a bola está fora e aparece um treinador a dar instruções, é o momento para respirar, beber um pouco de água e deixar as pessoas descansar da nossa voz.

12) J - Portanto, em rádio é importante o trabalho descritivo e a transmissão de emoção.

C - Em rádio sim, claro. Para mim é fundamental. Quando era miúdo e ouvia relatos, ficava irritado quando não sabia onde estava a bola. Tinha que saber se estava à esquerda, à direita ou na área e é isso que faço. Enquanto relator descrevo onde está a bola.

13) J - A voz é um fator importante quando se faz um relato?

C - Em rádio também já foi assim. Antigamente, para se fazer rádio, tinha que se ter um "vozeirão". O relato não tem a ver com voz. Se o Ronaldo não trabalhasse tanto, continuaria a ser um dos melhores do mundo, mas não seria o melhor tantas vezes. Para se fazer um relato, tal como para se ser jogador de futebol, tem de se ter nascido para tal e depois é uma questão de trabalho. Um relator pode ter uma voz tremenda e o relato não ter ritmo. O relato tem de ser melodioso e descritivo. O ouvinte tem de se sentir dentro do estádio.

14) J - Relato é jornalismo?

C - Para mim é. Eu sou jornalista e faço relatos. Tenho os mesmos cuidados a fazer um relato ou quando edito a Bola Branca. Os jornalistas não andam pelo ar, nós temos carteira profissional e estamos associados a um organismo regulado pelo Estado. Quando faço um relato, faço-o como jornalista, não faço um intervalo na minha profissão. Não vou, porém, discutir se o relato só pode ser feito por jornalistas, porque não vale a pena. Na Renascença são feitos por jornalistas, com carteira profissional, ponto.

15) J - Relativamente às noções de notícias referentes a jogo e notícias que dizem respeito a acontecimentos extra-jogo, concorda com a distinção?

C - Claro. Há o jogo, o pré-jogo, o pós-jogo e a semana de trabalho das equipas e, depois, obviamente, existem notícias como transferências ou todos os acontecimentos que decorreram do episódio das agressões na Academia de Alcochete, que fazem parte de uma outra categoria. Porém, no fundo, na minha opinião, tem tudo que ver com a atividade desportiva. Há-que haver algum cuidado no tratamento desses temas. Posso, por exemplo, passar os 15 minutos da Bola Branca a falar sobre o que aconteceu em Alcochete, mas nunca sem relatar os factos, apurar novos factos e, finalmente, fazer um tratamento noticioso, do ponto de vista desportivo, desses mesmos acontecimentos. Se há detenções, falamos na mesma e, no seguimento da notícia, em vez de falarmos com advogados, tentamos perceber como a equipa pode jogar no dia seguinte e, dessa forma, continuamos a falar do assunto.

16) J - As notícias extra-jogo têm cada vez mais espaço no noticiário desportivo e isso verificou-se ao longo dos três meses do meu estágio.

C - Têm, mas tem que ver com o tal mediatismo. Em Portugal, as pessoas criticam muito aqueles programas televisivos de debate e comentário, mas depois vão vê-los. As pessoas queixam-se do facto de determinado jornal noticiar muitas notícias desse grupo, mas depois é o jornal mais vendido do país. As pessoas consomem essas notícias e se o fazem temos que as noticiar. Também se joga fora de campo e isso sempre aconteceu. Isto, aliado ao facto de termos mais noticiários desportivos, os noticiários generalistas abrirem, cada vez mais, com desporto, os jornais generalistas fazem cada vez mais capas com desporto e as pessoas consomem. Se as pessoas tomam tanta atenção ao 3-2 ou ao 2-2, como tomam ao "diz que disse", à corrupção e a questões de justiça, como jornalista, tenho que falar para quem me ouve.

17) J - A cobertura das notícias extra-jogo segue critérios de noticiabilidade diferentes?

C - Não, são exatamente os mesmos que são aplicados às notícias referentes ao jogo.

18) J - O noticiário do dia 16 de maio foi dominado pelo que aconteceu na Academia de Alcochete no dia anterior, tendo havida apenas uma curta antevisão do jogo da final da Taça de Portugal e uma referência para o jogo da final da Liga Europa, que se realizava nesse dia. Enquanto editor, o noticiário tinha de ser assim?

C - Sim. Era o mais importante naquele dia e àquela hora. Temos de ter em atenção que ocorreram outros factos ao longo do dia e, inclusive, da noite, como os depoimentos dos jogadores do Sporting na esquadra do Barreiro. Temos de ter a noção que muitas pessoas deitam-se cedo ou estão ocupadas com outras tarefas e quando se deitam, fazem-no sem saber tudo o que aconteceu. Foi um assunto que se prolongou por muito tempo e no dia seguinte era notícia, obviamente.

19) J - O volume de notícias extra-jogo foi superior quando o campeonato acabou. A ausência de competição é propícia à noticiabilidade deste tipo de acontecimentos...

C - Sim, claro. Mas este ano foi daqueles casos em que a época acabou, mas não acabou porque, feliz ou infelizmente, de dois em dois anos, existem competições de seleções. Relativamente à questão das transferências, é tenebroso, porque todos os dias aparecem dez novos jogadores associados a cada clube. Esta é, talvez a questão mais

complicada de gerir. Independentemente de haver, ou não, competição, essas notícias são atualidades e, como tal, têm de ser noticiadas, seja em que altura for. Se existem suspeitas de corrupção em véspera de um clássico, o assunto é a corrupção.

20) J - É tão importante noticiar notícias extra-jogo como as que se referem ao jogo?

C - Todo o fenómeno desportivo em Portugal é muito rico. Nós, enquanto latinos, consumimos emoção e, portanto, tudo isto pinta o que é o desporto português.

1.2. João Fonseca, jornalista, repórter de campo

1) João Cruz (J) - Na tua opinião, quais são as características únicas ao jornalismo desportivo?

João Fonseca (JF) - Em princípio não haverá diferenças. Jornalismo é jornalismo. Temos que ser credíveis e não sou mais credível no desporto ou em sociedade. Do meu ponto de vista, mudam os temas, mas o princípio mantém-se.

2) J - E o jornalismo na rádio?

JF - Hoje em dia há uma aproximação muito grande entre o jornalismo que se faz em rádio e o que se faz em televisão. A televisão é tão imediata como a rádio. Não há muito tempo, as televisões tinham que esperar pela chegada de um carro para fazer um direto e atualmente isso não acontece. Com os recursos que eles têm à disposição, entram no momento, tal como a rádio. Enquanto na televisão tens a imagem, a rádio tem uma componente mágica. A pessoa que te está a falar é os teus olhos, aquela que transmite as imagens. A rádio está a perder pontos relativamente à televisão, porque não consegue ser diferente, a televisão está a esmagar a rádio, porque faz o que a última sempre fez: tem o mesmo imediatismo e está em todo o lado.

3) J - Enquanto jornalista desportivo, sentes-te à vontade quando a notícia descola do desporto?

JF - Acho que ninguém se sente completamente à vontade, porque não é o seu meio e não o domina por completo. Existem pessoas muito bem preparadas, mas eu estou mais vocacionado para o desporto. Sob pena de ser desmentido por algum colega meu, continuo a achar que o jornalista de desporto faz mais facilmente outros assuntos que outro jornalista. Hoje em dia, todas as áreas tocam no desporto. Nós contactamos mais facilmente com outras pessoas e os outros já não. Antigamente havia muito a ideia de que o jornalista de desporto era de segundo plano e as gerações foram filtrando esse

espartilho. As redações já funcionam de forma diferente, no mesmo espaço. As diferenças ainda existem, mas não são tão fraturantes.

4) J - Alguma vez sentiste necessidade de recorrer a um colega de outra editoria para determinada notícia que descolasse do desporto?

JF - Sim, claro. Temos aqui a Marina Pimental que, em termos de legislação, é das melhores jornalistas que conheço e nestes casos de problemas jurídicos de pessoas ligadas ao futebol é-nos muito útil. Ninguém sabe tudo e no mal de nós se nos fecharmos num quarto e acharmos que sabemos. As colaborações fazem todo o sentido e o outro jornalista, que não de desporto, nos vem perguntar coisas. Antes o desporto estava fechado numa divisão à parte e hoje, numa redação aberta é mais fácil comunicar com os colegas. Seremos todos mais ignorantes no dia em que acharmos que não devemos perguntar nada.

5) J - Relativamente ao noticiário de Bola Branca, quais são os critérios para a seleção das notícias?

JF - A prioridade é sempre a atualidade e a importância da mesma. Atualidade sem importância não. Imagina que a atualidade é banal - o Benfica treinou, o Sporting também e o Porto seguiu viagem para determinado local -, o aniversário da conquista do título europeu, por parte da seleção portuguesa, tem mais peso editorial do que todas as outras banalidades.

6) J - Na Bola Branca há uma estrutura de conversa com entrevistados. A escolha dos entrevistados obedece a critérios específicos?

JF - Quanto mais próximos forem da notícia, melhor. Se não forem os protagonistas, segue a ordem de importância. O Ronaldo vai para Juventus, se pudeses falar com o próprio é ótimo, se não falas com o Jorge Mendes, se este também não estiver disponível, há o Florentino Pérez e acabas por chegar a um ponto em que pensas porque é que não deverás de falar com o Miguel Paixão, que é amigo pessoal do Ronaldo. O facto de os clubes terem canais próprios leva a um estrangulamento do teu trabalho e faz com que ouças repetidamente as mesmas pessoas.

7) J - Alguns sons são retirados da televisão. É espelho do imediatismo do jornalismo ou limitações?

JF - Do meu ponto de vista são limitações, sejam económicas ou de pessoal. Ou não há dinheiro para ir a determinado sítio e não se vai, ou porque há pouco pessoal e não se pode contratar mais ninguém. Mas quem nos ouve não tem culpa disso e temos de chegar lá, de qualquer forma. Mesmo que signifique retirar sons de um canal que

esteja no local. As limitações não podem estrangular o nosso trabalho. Não podes roubar sons. Se os utilizares, tens de referir a fonte. Mas quando estou no local tenho de intervir. Este é o meu ponto de vista e aprendi com o Ribeiro Cristóvão, quando entrei neste departamento. As pessoas têm de perceber que a Bola Branca está lá e temos que manter essa dinâmica.

8) J - O futebol ocupa a maioria do noticiário. É a resposta para o que os ouvintes pedem?

JF - Hoje em dia em consegues ver uma capa de jornal com o Miguel Oliveira, do motociclismo ou um destaque a uma medalha de ouro do Nelson Évora. Mas vivemos num país que respira futebol. Com todo o respeito e carinho pelas pessoas de outras modalidades, não há volta a dar. Se fizer um programa só sobre atletismo no dia em que o Bruno Fernandes fala sobre o que aconteceu na Academia do Sporting, ninguém ouve. As modalidades têm sempre espaço, mas não podem ter o mesmo espaço que o futebol, porque é o que as pessoas querem ouvir.

9) J - Sobre a internet, esta serve de suporte ao noticiário ou o contrário?

JF - É um erro pensarmos que um é o complemento do outro. Todos têm o seu espaço e o seu público. Complementam-se, mas são igualmente importantes. A internet mudou a forma como trabalho. Não me limito a entrevistar alguém e a cortar os sons para o programa. Temos de fazer as transcrições das entrevistas e transformar a notícia para o *site* e, por vezes, mesmo que não as utilize no programa, faço perguntas porque sei que vou ter mais espaço no *site*.

10) J - No relato, ser repórter de campo está inerente à função de um jornalista desportivo?

JF - Nem por isso. Como na engenharia, um é engenheiro mecânico, outro é engenheiro agrícola. É uma questão de gosto e é um pouco intuitivo, até. Se queres ser jornalista no desporto, podes ter uma atividade paralela num jogo de futebol. Como é que podes participar num jogo de futebol, como jornalista? Fazes relato ou reportagem de campo. Antes as pessoas pensavam que os bons iam para relatores e os outros para repórteres de campo. Nada mais errado. Há grandes relatores de futebol que nunca conseguiram ser grandes repórteres de campo e vice-versa. Ninguém é muito bom em tudo. É uma questão de intuição e de gosto ou paixão. Não há uma escola, ninguém forma relatores ou repórteres de campo.

11) J - Enquanto repórter de campo, como preparas um jogo?

JF - Depende dos jogos. Muita gente pode dizer que prepara todos os jogos da mesma forma, mas eu tenho muitas dúvidas disso. Não há nada que seja mais difícil de preparar do que um dérbi ou um clássico entre Benfica, Sporting e Porto. Num jogo entre grandes há uma componente emocional das tribos que giram à volta desses dois clubes. Durante a semana vão surgindo factos e guardo os mais importantes para o jogo e, num determinado momento, introduzo algo que me apreça relevante. Tenho que saber a nacionalidade dos jogadores, os clubes anteriores, as funções que têm em campo. Não é fácil e há uma série de fatores. Sou um repórter muito instintivo e emocional. Gosto de entrar num estádio, senti-lo e falar do que sinto. Acho que é isso que as pessoas esperam ouvir. Mais do que dizer as formações táticas. Já os relatores preocupam-se mais com o jogo e com as componentes técnicas e táticas do jogo. Eu sou um auxiliar do relator porque consigo, muitas vezes, ver coisas que eles não veem. Sou o indivíduo do pormenor.

12) J - Em rádio, os repórteres cumprem a função da repetição de um lance.

JF - Exatamente. Somos sempre as muletas do relator. Há algum tempo, o Carlos Dias estava aflito da garganta e, percebendo isso, entrava porque ele precisava de tossir. Em futebol, há o número 10 e o carregador do piano. Eles são o número 10 e nós os carregadores do piano. Somos todos importantes, se não estávamos lá. Como repórter há-que perceber que há uma figura naquele jogo, que é o relator. Nenhum repórter de campo pode colocar-se acima do relator. Ele é que faz o jogo e nós temos que coadjuvarmos, quando é preciso. Por trás de um grande homem há sempre uma grande mulher e por trás de um grande relator há sempre um grande repórter de campo.

13) J - O repórter também tem de ter voz?

JF - Se não a tiver pode aprender com o tempo. A voz é importante e na rádio tem de ser importante. Já não tanto como foi, mas continua a ser, como a imagem é importante na televisão.

14) J - O relato é jornalismo?

JF - É jornalismo porque relatam-se factos. Também é entretenimento, mas não deixa de ser jornalismo.

15) J - O extra-jogo tem dominado os noticiários desportivos. Cada vez mais se joga fora do campo?

JF - Hoje está mais amplificado e cada vez mais se joga fora do campo porque é tudo mais organizado. A organização não é só uma coisa boa. Como jornalista, quando quero abordar determinado assunto e procuro um ex-dirigente ou jogador de um

determinado, ele não quer falar e, depois, venho a saber que o clube pediu às pessoas para não falarem sobre esses assuntos. É um sinal claro de que a organização nem sempre é boa. Cada vez mais se dá importância ao que não é importante.

16) J - Mas pode haver notícias extra-jogo relevantes como, por exemplo, o ataque à Academia?

JF - Isso é notícia, é importante e tem de se cobrir. Nesse exemplo, o que não acho que seja importante - nem relevante - é que andemos três semanas a discutir se entraram pela porta "x" ou se iam em bando ou não... Se é um facto, noticia-se.

17) J - A cobertura deste tipo de acontecimentos obedece a algum critério específico?

JF - Os critérios são sempre os mesmos: relevância e atualidade.

18) J - Como estas notícias extrapolam o que se passa no campo, têm algum cuidado quando as cobrem?

JF - Tem de haver. Eu vejo os jogos, mas nestes casos falo de algo que não presenciei. O uso da palavra "alegadamente", por exemplo, é uma proteção jurídica. Até que chegue a foto do Bas Dost ensanguentado e aí já podes dizer que um jogador foi, de facto, agredido na Academia. Esta é a grande diferença entre noticiar algo que presenciaste e que não presenciaste.

1.3. José Pedro Pinto, jornalista, editor, editor *online* e relator

1) João Cruz (J) – Quais são as características únicas ao jornalismo desportivo, se é que as há?

José Pedro Pinto (JP) - O jornalismo desportivo é um género jornalístico no qual é preciso ter um conhecimento quase enciclopédico, porque é uma área muito volátil e, citando um antigo presidente do Vitória de Guimarães, Pimenta Machado, "o que hoje é verdade, amanhã é mentira" e nós temos de ter sempre esse cuidado. Para além desse conhecimento, também é preciso um grande espírito de sacrifício, porque não é uma área fácil. Assemelho o jornalismo desportivo ao jornalismo político, porque os interesses são muitos, temos de saber filtrar aquilo que nos estão a tentar dizer sejam fontes, sejam comunicações oficiais de clubes, dirigentes, árbitros ou jogadores.

2) J – E no jornalismo desportivo na rádio, em concreto?

JP – Em rádio é importante uma boa voz e dicção mas, mais do que qualquer outro meio, tens de saber vender bem a tua história, para "prenderes" o ouvinte. Há que de perceber onde está o ângulo para conseguires ter um bom destaque. Não podes ter uma entrevista com alguém relevante no desporto e escapar-te aquilo que é importante, o que tem de ser o destaque. Mesmo quando passas a entrevista a quem está a editar a Bola Branca tens de ressaltar o que é importante.

3) J - Enquanto jornalista desportivo, sentes-te à vontade quando a notícia descola do desporto?

JP - O desporto, sendo um negócio, está intrinsecamente ligado à economia ou às finanças e tens de ter um conhecimento, pelo menos básico, do que querem dizer os termos "receitas", "receitas operacionais", "lucros", "perdas" ou "passivo". No exemplo da Academia de Alcochete, tinhas que saber que termos é que devias utilizar, em relação à justiça. É uma situação inusitada, inédita, mas não muito difícil de cobrir, em termos do conhecimento que tem um jornalista desportivo.

4) J - Alguma vez tiveste de te socorrer de um colega para te ajudar nesse tipo de notícias?

JP - Sim, claro. Acho isso perfeitamente natural. As outras editorias também recorrem a nós e muito mais do que nós recorremos a elas. O José Peseiro foi apresentado no Sporting e a seleção regressou a Portugal e, quem estava a editar aquele noticiário, parafraseando o Jorge Jesus, "percebe bola de bola", ou seja, não tinha um conhecimento abrangente e suportou-se em mim. Não tenho problema nenhum em

recorrer a jornalistas de justiça ou economia quando estou a escrever um texto para a "net" ou a fazer uma edição da Bola Branca, em que me está a faltar o enquadramento daquela área. Somos todos vulneráveis, não nascemos ensinados e não sabemos tudo sobre tudo. Se tens esse “à vontade”, tens meio caminho andado. As pessoas não te dizem "não", tal como nós não dizemos "não" aos outros.

5) J – Sobre o noticiário de Bola Branca, como é que seleccionas as notícias que integram o noticiário que editas? Quais os critérios que mais utilizas?

JP - Em noventa por cento dos casos é a agenda do dia. Desde o dia 15 de maio que os noticiários da Bola Branca são dominados pelo Sporting. É inevitável. Aquilo que está a acontecer tem sempre prioridade. Outro critério é ser uma notícia Bola Branca. Por exemplo, hoje o Bruno Fernandes foi apresentado no Sporting. Se às 12h45 o Pedro Azevedo tivesse a informação de que vem um jogador para o Benfica ou para o Porto, o Bruno Fernandes e o Sporting teriam que cair para segundo plano. Portanto, agenda, o que está na atualidade e, depois, notícias e conteúdos próprios.

6) J - Nos noticiários Bola Branca suportam-se muito de entrevistas. A escolha dos entrevistados obedece a algum critério específico?

JP - Tensas sempre uma perspetiva próxima do tema que estás interessado em desenvolver. Se estás a falar do Rafa Silva, do Benfica, a primeira coisa que vou tentar é falar com o empresário dele. Se o empresário do Rafa não atender ou não quiser falar, passamos para um antigo jogador do Benfica. Se ontem já falou o Vítor Paneira, hoje não vai falar outra vez. É um exercício difícil, atenção! Temos um espaço para encher e muitas vezes as pessoas não atendem o telefone, ou não querem falar. Temos de nos entregar à disponibilidade das pessoas para falar.

7) J - Alguns sons dos noticiários são retirados de canais de televisão ou internet...

JP - No contexto do desporto e, sobretudo no futebol em Portugal, onde é tudo restringido, com declarações de jogadores aos canais e *sites* dos clubes, não podes fazer muito mais. Tens que recorrer aos sons da televisão. Se não tens meios para ir ouvir o Lito Vidigal a Setúbal, na véspera de um Vitória - Benfica, porque tens um editor e uma pessoa de apoio que não podem sair, tens de te suportar nas televisões. É inevitável.

8) J - É espelho do imediatismo do jornalismo ou de algum tipo de limitações, como de pessoal, por exemplo?

JP - Por incrível que pareça é mais fácil colocar dois carros de exterior, quatro jornalistas, cinco operadores de câmara, três assistentes de produção, um produtor e mais uma panóplia de meios no Estádio de Alvalade daqui a cinco minutos, do que um

jornalista com um carro de rádio. A partir do momento em que os diretos passaram a ser o *core business* das televisões e, sobretudo dos canais de notícias, esvaziou-se um pouco o efeito da rádio. A rádio estava sempre primeiro porque bastava deslocar uma pessoa, com um telefone, um gravador e entrava. Podes gostar muito de ouvir rádio, mas se estiveres em casa e às 14h45 o Bruno Fernandes for apresentado no Sporting, não vais ouvir a Bola Branca. Vais ligar a televisão para o veres.

9) J - O futebol ocupa grande parte do noticiário de Bola Branca. É a resposta ao que os ouvintes querem?

JP - Sim, é natural. Por mais que as pessoas queiram ouvir notícias sobre outros desportos, são nichos. Existe um grande grupo de pessoas apaixonadas e doentes por futebol. Podes - e deves -, como jornalista, ter a função pedagógica e tentar, pouco a pouco, eliminar esse grande fosso entre os ouvintes que gostam de futebol e os que gostam de modalidades. Não é fácil. Às 12h30 há um jornal de desporto na Antena 1 e outro na TSF. Se o jornal de desporto da Antena 1 abrir com uma entrevista ao presidente da Federação Portuguesa de Atletismo e a TSF der a notícia de que o Nani é, oficialmente, jogador do Sporting, as pessoas ouvem a TSF.

10) J - A Bola Branca na internet foi uma necessidade?

JP - A Bola Branca é uma marca com 40 anos. Se não se moderniza e acompanha os tempos, acaba por morrer na rádio. Tem de haver um apêndice ou um braço na *net*. A internet é muito importante para divulgar aquilo que é o trabalho da Bola Branca. Se tens uma boa entrevista ao presidente do Sporting, Benfica ou Porto, será muito mais vantajoso se os chamares aos estúdios da Renascença, se falares disso o dia todo e se essa entrevista for filmada e colocada no *site*.

11) J - Todas as entrevistas que fazem em Bola Branca, são publicadas no site. A internet serve de suporte à Bola Branca ou o contrário?

JP - A Bola Branca em rádio é o grande suporte da Bola Branca na internet. Como só temos três grandes programas por dia, muitas das vezes o *site* dá notícias e desenvolve-as primeiro do que a rádio. Se tiveres pouco tempo numa Bola Branca num dia em que há pré-eliminatória da Liga dos Campeões e em que o Benfica tem 15 adversários que lhe podem servir para essa eliminatória, vais mencionar os principais e remetes os restantes para o *site*. É uma *joint venture*, uma grande aventura conjunta. E acontece em todo o lado. Os *sites* dos jornais suportam-se na produção diária e no que são as notícias apuradas pelos seus jornalistas. O Record dá a notícia de que o Nani está a ser negociado pelo Sporting às 20h30, poucas horas antes do jornal ir para impressão,

mas sai no *site*. O que não quer dizer que o *site* seja mais importante, porque o jornal continua a ser a grande referência. O mesmo acontece com Bola Branca.

12) J - O critério na escolha de notícias para o *site* é mais alargado para o site, mas não tão alargado como, por exemplo, em outros órgãos inserido na internet.

JP - Tem duas explicações. Primeiro, há a necessidade de manter a coerência naquilo que é feito. Se há uma notícia que, para a Bola Branca, não é importante, o mais provável é que, quem esteja a editar na *net*, siga esse critério. Depois, temos de perceber que os outros digitais têm redações *net* muito mais vastas do que a nossa. Agora vamos ter uma reformulação e vão entrar mais pessoas, mas até há dois anos, a *net* da Bola Branca era feita por duas pessoas, em dois horários. Não podem haver milagres. Nos últimos tempos a rádio teve de se reinventar. Mas existem vários problemas. A falta de dinheiro, quebra nas audiências e na publicidade, o que nos paga os salários, mas não nos permite fazer o reforço efetivo.

13) J - No *site* há mais espaço para as modalidades. É uma compensação?

JP - Remeto para a nossa missão pedagógica. Enquanto jornalistas de desporto tentamos fazer isso. Se eu souber que o Pedro Azevedo está a editar o noticiário das 18h15 e que não vai tocar na Volta a França ou no Wimbledon, tento fazer com que esses eventos entrem no *site*. O João Sousa já foi eliminado, mas se tivesse chegado aos quartos-de-final não ia abrir a Bola Branca, mas estava no topo do *site*. Temos a consciência que os grandes feitos têm de ser noticiados.

14) J - Como é que se prepara um relato?

JP - Prepara-se recolhendo todos os dados possíveis. É preciso saber, quando um jogador com o Daniel Podence - que tem 1,66 metros - consegue ganhar um lance de cabeça a um central com 2 metros, esse central tem essa altura.

15) J - A preparação defende-te da falta de imagem?

JP - Claro. São muletas muito importantes para te amparares nos momentos em que tens de encher chouriço. Se tens uma abertura de jogo em que tens de falar dos onzes, tens de ter presentes os últimos onzes de cada equipa para dares conta das alterações que cada treinador fez, por exemplo. Dados estatísticos, como ser a melhor defesa ou o melhor ataque, em que período marcam mais golos ou em que sofrem mais golos. As curiosidades também são importantes, porque se tiveres um jogador a ser assistido pelo equipa médica e se o pai tiver sido o Messi do futsal, usas para pintar a história ao ouvinte.

16) J - A principal diferença entre a TV e a rádio é, de facto, a imagem. Também existem diferenças no relato?

JP - O ritmo tem de ser o dobro ou o triplo daquilo que é na televisão. Na última não vais dizer que a bola está a circular pelo corredor esquerdo porque as pessoas vêm, mas em Rádio tens de dizer. Em televisão há narração, em Rádio existe relato. Se o José Mourinho estiver de pé no banco do Manchester United, não tens de dizer em televisão, mas tens de o fazer em rádio. Tens de contar tudo, pintar o quadro daquilo que estás a observar. Essa é a missão mais nobre de quem relata e do repórter de pista, que também é uma peça imprescindível a toda esta máquina. Têm de fazer imaginar o jogo na cabeça de uma pessoa. Por isso é que dizes, por exemplo, que o Sporting vai começar o jogo a atacar para a baliza Norte - porque começa sempre assim - e quando acontece o contrário também tens de reportar. O adepto do Sporting que está a acompanhar o relato tem de saber que isso foi quebrado. São pormenores muito importantes.

17) J - Existe uma linguagem muito própria no relato. São importantes todos esses recursos em Rádio?

JP - A adjetivação, por exemplo, diz respeito ao estilo de cada um. Há excelentes relatores que não recorrem tanto à adjetivação e há outros que sim e fica muito bem. A única coisa que um bom relator tem de saber distinguir é a emoção da histeria. As pessoas não percebem a berraria. Quando tens um relator histérico pode significar que não saiba onde a bola está. Tens de demonstrar ao teu ouvinte que sabes onde a bola está e que lhe estás a dizer exatamente onde está. Se está no pé direito do Bruno Fernandes, pela esquerda do ataque do Sporting ou se está na perna esquerda do Grimaldo na linha divisória, encostado à linha lateral, porque é o sítio onde ele ataca. Transmites emoção, claro, mas em crescendo. Se há um pontapé de baliza não estás com a emoção ao rubro. Vais tendo um crescendo de emoção até ao clímax, que é o golo.

18) J - O relato é jornalismo?

JP - É jornalismo, claro. Estamos a fazer uma descrição. Em bruto, qual a diferença de um relato entre um Benfica - Sporting e de um debate parlamentar para decidir o orçamento do Estado? Quando tens uma emissão de rádio em direto estás a ouvir as pessoas, mas estás também a complementar. Se o António Costa estiver a falar e o líder parlamentar do PSD estiver a gesticular, tens de o descrever. Fazes exatamente a mesma coisa num relato de futebol, se pensares bem. Descreves o fenómeno.

19) J - A cobertura de acontecimentos extra-jogo tem dominado os noticiários. Cada vez mais se joga fora de campo?

JP - Sempre foi assim. Podemos achar que agora está muito complicado e muito mais exacerbado e infernal, mas não nos podemos esquecer que, pelo contexto do desporto em Portugal e, sobretudo, do futebol, sempre foi assim. Agora tens televisões, *sites* e redes sociais que amplificam muito mais estes fenómenos. Ouvimos muitas histórias de quem trabalha na Renascença há vinte anos, como o João Fonseca, o Rui Viegas, o João Paulo e o Carlos Dias sobre o que acontecia. Farto-me de ouvir histórias como a do Sporting, que despediu o Augusto Inácio, tem o José Mourinho com contrato assinado e na conferência e imprensa os adeptos insurgem-se todos contra essa decisão, porque diziam que o Mourinho gozou com o facto de o Sporting ter perdido por 3-0 com o Benfica. Se aquilo fosse hoje, tinhas uma semana disto. Aquilo foi inusitado. Não foi tão grave como o aconteceu na Academia de Alcochete ou como os casos jurídicos em que o Benfica está envolvido, mas as coisas não mudaram muito.

20) J - Sempre se cobriu o extra-jogo...

JP - O desporto sempre viveu disso e não só em Portugal. Há uma grande figura da história do futebol mundial, o George Best, que era tão conhecido pelos dribles e golos que fazia pelo Manchester United, como pelas bebedeiras e por ser encontrado em valetas. Portanto, o que é que mudou? Nada. Há histórias de campeonatos do mundo, campeonatos da Europa em que as coisas correram mal, como as greves da seleção da França no Mundial de 2010, por exemplo. Tudo tem de ser noticiado. E falando de futebol, um desporto com pessoas fanáticas e lunáticas é normal que tenha de ser coberto.

21) J - A cobertura desse tipo de acontecimentos, em detrimento do desporto em si, segue algum critério?

JP - Continua a seguir o critério da importância. A Bola Branca deixou, a certo ponto, de cobrir e dar muita atenção ao caso dos *e-mails* do Benfica. Teve a presença de espírito que nem toda a gente que abria a boca para falar do caso merecia ser ouvida. Isto do 'merecer' pode parecer mau da minha parte, mas se temos comentadores a falar de todos os casos, cingimo-nos ao critério da novidade, daquilo que é novo. Será que isto é novo é só uma repetição de tudo o que tem sido falado desde há duas semanas? Depois tentamos seguir sempre o fio das fontes oficiais nos clubes. Não por um ex-jogador ou dirigente ter uma rede social e emitir uma opinião que temos de lhe ligar

falar sobre o assunto. Como o clima é tão exacerbado, temos de ter uma perspectiva mais calma e objetiva daqueles que são os interesses de cada um deles.

22) J - Nestes acontecimentos existe algum 'cuidado' quando são noticiados?

JP - Existe um cuidado e acho bem que o aconteça porque, no que diz respeito a casos que envolvam crimes ou ilegalidades, temos de partir sempre do princípio de que todos são inocentes, até provas em contrário, por exemplo. Não podemos assumir logo que as pessoas cometeram um crime. Por isso é que, muitas vezes, usamos termos como 'alegadamente', 'eventualmente', 'terá cometido' e assim defendemo-nos e defendemos próprias as pessoas.

1.4. Rui Viegas, jornalista, editor, repórter de campo

1) João Cruz (J) - Na tua opinião, o jornalismo desportivo tem características únicas ao género?

Rui Viegas (R) - Está entre as áreas do jornalismo mais temáticas, em que há como que uma especialização. Estão melhor preparados aqueles que fazem trabalhos transversais a várias áreas, ou seja, os que fazem sociedade, política, desporto, entre outras. O jornalismo desportivo é único com características próprias a uma área muito cara às pessoas, que é desporto. Nesta área não há uma formação específica, pois as pessoas têm uma grande paixão pelo desporto. Em economia, por exemplo, é um pouco diferente, há a possibilidade de formação específica na área. A nível da formação, olha-se para o jornalismo desportivo como aquele parente pobre, mas tende a desaparecer.

2) J - Na rádio, o jornalismo desportivo é diferente?

R - Não me parece. Acabas por fazer coisas semelhantes às que um jornalista de desporto em imprensa ou em televisão fazem.

3) J - Enquanto jornalista desportivo sentes-te à vontade quando a notícia se descola do desporto.

R - Sim, claro. Cada vez mais encontramos pontos de contato entre as várias coisas que fazemos. O mais visível é o caso da justiça. Ultimamente têm acontecido inúmeros casos de justiça no desporto. O jornalista tem de aplicar as regras que aplica em qualquer área, seja economia, justiça, educação saúde, sociedade ou política. Naturalmente que transportando para o seu auditório particular aquilo que lhe interessará mais. Se eu estiver a trabalhar sobre um caso de justiça, como o ataque a Alcochete, tenho de encontrar um ponto de contato com a área à qual estou ligado. Trabalhando para um programa de desporto tenho que procurar um foco que diga mais respeito para o desporto, em si.

4) J - Quando os assuntos se cruzam, existe colaboração entre as várias editorias?

R - Cada vez mais. Por estarmos inseridos na mesma redação ajuda a que isso aconteça. Muitas vezes necessitamos de procurar uma visão mais especializada e eles também. Um colega que faça economia ou justiça pode pedir-nos o histórico de determinada pessoa do desporto envolvida num processo judicial. Costuma-se falar nas sinergias, com colaboração consegue-se ter mais rigor e o produto final é o mais indicado.

5) J - Sobre o noticiário de Bola Branca, como editor quais os critérios que aplicas na seleção das notícias?

R - Existem vários critérios que têm de ser tidos em conta. Primeiro há uma agenda física e às vezes uma agenda pessoal com trabalhos que temos em mente, algo que sabemos que vá acontecer. Segundo critério será a atualidade e dentro desta há três clubes que estão acima da mesma, pela proximidade com o nosso auditório, pela grandeza dos mesmos e, dentro desses três, por norma tendem a seguir a ordem Benfica, Sporting e Porto. Mas depende do que acontece, porque o Porto ou o Sporting também abrem a Bola Branca, como tem acontecido com o caso da Academia de Alcochete. Agenda e atualidade são dois pilares fundamentais para se poder construir um programa.

6) J - O programa é pautado pela conversa com entrevistados. Foi uma escolha vossa?

R - Em rádio temos o suporte do áudio. Pode haver um noticiário com apenas um jornalista a ler as notícias, mas isso não faria muito sentido. Seria maçador. Tentamos ter sempre uma pessoa a ilustrar cada tema. Infelizmente, no nosso país não há uma grande abertura para ter o protagonista a falar. Os treinadores e os jogadores não falam, a não ser em situações autorizadas. Nós tentamos sempre procurar alguém com maior proximidade ao tema. Por exemplo, o William Carvalho vai para o Bétis de Sevilha. O William não fala, o agente também não, o treinador do Sporting idem e neste caso, tentamos falar com um ex-colega que já não está ligado ao Sporting, com um antigo treinador ou com alguém ligado ao jogador. Acho que é cada vez mais um produto, que não é muito agradável ao ouvinte. Quem estiver atento, num ano ouviu a mesma pessoa 4 ou 5 vezes.

7) J - Alguns sons são retirados da televisão. É o espelho do imediatismo do jornalismo ou de limitações?

R - As duas coisas. Hoje há esse imediatismo e limitações que contribuem para isso. Mas há também o facto de os clubes quererem passar o produto pelos canais próprios e naturalmente que temos que avaliar. Sou defensor de que se faça uma filtragem, para que não tenhamos sempre em antena aquilo que os clubes querem e termos uma que passe pelo crivo do exercício jornalístico.

8) J - O domínio no futebol no noticiário é a resposta ao que os ouvintes pedem?

R - Sim. Esta resposta também está relacionada com a que te dei há pouco, ou seja, porque é que há mais Benfica, Sporting e Porto nas nossas emissões e só há Desportivo das Aves, Leixões, basquete ou ciclismo se a notícia assim o exige.

9) J - Notícias sobre outras modalidades é forçado?

R - Não tem de ser o que gosto ou que quero, mas tem de ser o que o auditório pede. Eu gosto de modalidades e sinto-me tentado a "roubar" dois ou três minutos ao futebol. Está a acontecer a Volta a França ou os Jogos Europeus Universitários, em Coimbra, que é o maior evento multidesportivo que foi feito em Portugal e vai passar à parte de muita da comunicação social. Não posso fazer o que o meu umbigo quer e temos de preencher a maior parte do tempo com o futebol.

10) J - A Bola Branca na internet foi uma necessidade dos novos tempos?

R - Certo. Se é para se fazer, que se faça bem e acho que é isso que tem acontecido.

11) J - Todas as conversas e as notícias que têm no noticiário, saem no site. A internet serve de suporte ao noticiário?

R - A internet deve servir de complemento ao noticiário e não o contrário. Deve, no caso de uma rádio, servir de suporte ao que vai a antena, na minha opinião. Não digo que seja o que acontece, mas deve ser esta a ordem. A internet é o produto mais imediato que temos, porque podemos colocar várias notícias numa hora e, nessa mesma hora, não vais sempre a antena falar de desporto. A internet tem também a função de potenciar o que se diz em antena. Numa Bola Branca especial, de fim-de-semana, antes davas todos os resultados das modalidades. Já ninguém tem "pachorra" para ouvir isso e o *site* deve servir para dizer que os restantes resultados estão disponíveis no site, por exemplo.

12) J - Ainda assim, a Bola Branca na internet não tem a mesma extensão de notícias que outros órgãos têm.

R - A Bola Branca não tem uma redação afeta apenas ao *site*. Nós temos pessoas que trabalham para antena e, que de vez em quando, trabalham para o *site* e temos uma pessoa de manhã e outra à noite afetas ao site. Isso não nos permite ter uma grande quantidade de conteúdos próprios.

13) J - Relativamente ao relato, como repórter de campo preparas o jogo?

R - A melhor preparação é conhecer a atualidade, o jogo. É impossível fazermos um Benfica - Sporting sem sabermos o que se passou nessa semana, as polémicas, os lesionados, etc. Quando chegamos ao jogo, levamos esse conhecimento connosco. A

preparação tem o sentido de acrescentar algo mais, tirar notas sobre jogadores, estatísticas, últimos confrontos, meios policiais envolvidos, entre outros.

14) J - Também fizeste reportagem de campo para televisão. Também nesse género se notam diferenças entre os dois meios?

R - Na televisão não tens de descrever o lance. O repórter de pista, em rádio, tem de decorar o lance, ilustrá-lo. O relator grita o golo e eu tenho que contar como foi esse golo. Tens de dar a imagem sonora do que aconteceu e descrevê-la o melhor possível. Em televisão podes ser ainda mais sintético porque tens a imagem. Ninguém quer saber que a bola bateu três vezes no poste, porque as pessoas viram.

15) J - Em rádio, os repórteres são como o ângulo inverso de uma transmissão televisiva, ou a câmara de repetição.

R - A emoção do relato e do golo, que deve ser transmitida, resume-se a isso mesmo. A metáfora da câmara de repetição que usas é engraçada porque, de facto, é isso. Nós, de forma mais serena, tentamos explicar o que aconteceu. No meu caso, não de forma tão serena, mas as palavras estão lá.

16) J - É comum relacionarmos rádio com a voz. Hoje mantém-se, no desporto, a necessidade de se ter uma "boa" voz?

R - Concordo com quem diz isso e não é só desporto, aplica-se a toda a rádio. Em tempos longínquos, quem ia a antena apresentar ia, sobretudo pela voz. Muitas vezes nem eram jornalistas. Hoje, a voz ainda é importante, mas não só. A dicção e o léxico também são fatores a ter em conta.

17) J - Reconheces que, nos relatos, têm uma linguagem própria?

R - Tem a ver com a rapidez de raciocínio e já há termos, quase institucionalizados para o relato. Comecei a usar o termo "redondinha" para não dizer sempre bola ou esférico, por exemplo.

18) J - O relato é jornalismo?

R - É porque o tem o exercício da descrição e da informação. Se for só jornalismo pode tornar-se algo mais enfadonho. É o produto em que nós misturamos mais jornalismo e entretenimento, mas sem perder as normas do primeiro, como o rigor, a verdade ou a transparência.

19) J - As notícias extra-jogo têm dominado os noticiários. Cada vez mais se joga fora dos campos?

R - Não acho que seja o reflexo dos tempos atuais. Este tipo de coisas sempre existiu e não é exclusivo do desporto. Sempre houve esse tipo de acontecimentos como

o Apito Dourado ou os de hoje, por exemplo. Antes não havia uma cobertura tão exaustiva, como há hoje. Havendo isso, as coisas acabam por se misturar.

20) J - Os critérios que aplicam nestes casos são os mesmos?

R - São exatamente os mesmos. Nestes casos, como já falámos, quando o desporto se cruza com política, religião ou justiça, procuramos sempre puxar uma ponta que vá ao encontro daquele que é o nosso auditório particular.

21) J - Têm algum tipo de cuidado quando tratam destes temas?

R - Em jornalismo tem de se olhar para o mesmo rigor para tudo. Não podemos ficar vinculados a uma opinião e tem de haver algum cuidado, mas sempre com rigor.

Anexo 3: Exemplos de notícias escritas para o *site*

3.1. Primeira notícia, escrita no dia 19 de abril de 2018



Kyrgios para por lesão e é dúvida para o Estoril Open

Inserido em 19-04-2018 16:40



O tenista australiano, de 22 anos, número 24 do "ranking" ATP, foi aconselhado a parar, pela equipa médica da sua seleção.

Nick Kyrgios vai parar de competir, para recuperar de uma lesão no cotovelo, e poderá falhar o Estoril Open, anunciou, esta quinta-feira, o próprio número 24 do "ranking" ATP.

Em publicação no Instagram, o tenista australiano, de 22 anos, revelou que foi aconselhado a parar de jogar, pela equipa médica da seleção australiana, para recuperar de uma lesão antiga no cotovelo.

"Fui aconselhado a parar para recuperar. Para ajudar a minha recuperação, tenho de treinar, para ter força para competir ao meu melhor nível no próximo mês e ter a confiança necessária no meu cotovelo para regressar", escreveu.

Kyrgios era uma das principais figuras do Estoril Open, mas é agora dúvida, uma vez que pode não recuperar a tempo de jogar o torneio português, que se realiza entre 30 de abril e 6 de maio.

3.2. Primeira entrevista, escrita no dia 1 de maio de 2018



Bruno Caires. Culpa não é do "treinador que é campeão há dois anos"

Inserido em 01-05-2018 18:18



Bruno Caires, antigo jogador das águias considera que as culpas pela época do Benfica devem ser atribuídas a "todos".

Bruno Caires, formado no Benfica e antigo jogador dos encarnados, não responsabiliza Rui Vitória pelo momento da equipa.

Em entrevista a **Bola Branca**, o ex-médio recorda que o técnico das águias "tem conseguido os objetivos" desde que ingressou no clube.

Apesar do campeonato estar "muito difícil", na opinião de Caires, a realidade é que "o Benfica ainda tem a Liga dos Campeões em jogo".

"Rui Vitória, nos últimos dois anos, ganhou um bom crédito e não será apenas culpa do treinador", diz.

"Quando as coisas não correm bem todos são culpados e não só o treinador, que é campeão há duas épocas seguidas", conclui.



Renascença

É tudo o que precisa de ouvir.

Bruno Caires espera dérbi equilibrado com "pequena vantagem" para o Sporting

Inserido em 01-05-2018 18:15



Antigo médio de Sporting e Benfica considera que o embate será "muito equilibrado". Para Caires, a águia está pressionada e o leão tem vantagem por jogar em casa.

Bruno Caires projeta um dérbi entre Sporting e Benfica dominado pelo equilíbrio mas não se coíbe de atribuir ligeira vantagem aos leões, tendo o fator-casa como pano de fundo.

Em entrevista a **Bola Branca**, o antigo médio, formado no Benfica e que passou igualmente por Alvalade, faz a antevisão ao dérbi da jornada 32 da Primeira Liga, decisivo para as contas do apuramento para a Liga dos Campeões.

"Penso que vai ser um dérbi muito equilibrado, em que ambas as equipas disputam o segundo lugar e a possibilidade de pressionar o Porto. O Sporting, jogando em casa, tem uma pequena vantagem", começa por dizer.

Caires recorda que "há três semanas, o Benfica estava numa boa posição para ser campeão e nesta fase sujeita-se a não ir" à Champions. Ora, pela alteração das circunstâncias, o ex-jogador considera que os encarnados estão mais pressionados mas que irão reagir.

"É uma situação de alguma pressão para a equipa do Benfica que, como profissionais que são, irão reagir e, pelo menos, tentar alcançar os três pontos", prossegue.

Já sobre os leões, Caires atribui algum peso ao facto de jogar em casa e ao momento anímico da equipa.

"Neste momento, perante os resultados, o Sporting aparenta estar melhor", concretiza.

No plano das opções à disposição de Jorge Jesus e Rui Vitória, as lesões de William Carvalho e Jonas são encaradas de forma distinta.

"O William é um excelente jogador mas o Jonas é mais importante para a sua equipa. Neste momento, o William não jogar não será um problema para Jorge Jesus. No Benfica, desde que Jonas não joga tem sido um problema para Rui Vitória", refere Caires.

FC Porto melhor e os milagres no futebol

Bruno Caires aborda ainda este final de campeonato, que diz ter sido "equilibrado". Para o antigo jogador, "o FC Porto tem um excelente plantel" e "por norma, as equipas que ganham os campeonatos são as melhores".

Caires aponta a vitória dos dragões na Luz como o momento que confirmou a melhor forma da equipa de Sérgio Conceição mas não descarta um milagre.

"Ainda falta um ponto e no futebol, às vezes, os milagres acontecem", remata.

À entrada para a 33ª e penúltima jornada da Primeira Liga, Sporting e Benfica partilham o segundo lugar, com 74 pontos.

Em caso triunfo, verde e brancos e encarnados garantem a vice-liderança e a consequente qualificação para a pré-eliminatória da Liga dos Campeões logo em Alvalade.

O Sporting-Benfica arranca às 20h30 de sábado. Jogo com relato na antena da **Renascença** e acompanhamento ao minuto em **rr.sapo.pt**.

3.3. Última notícia, escrita no dia 3 de julho de 2018



Pedro Tiba aterra no Lech Poznan

Inserido em 03-07-2018 15:10



O médio deixou o Desportivo de Chaves e assinou um contrato de três anos com os polacos, com vontade de ganhar títulos.

Pedro Tiba é jogador do Lech Poznan. O médio português foi apresentado, esta terça-feira, e assinou contrato de três anos com o clube polaco.

"Tive várias ofertas de outros clubes, mas decidi vir para Lech. A principal razão pela qual vim foi o facto de poder lutar por títulos aqui", admite o médio, ao site oficial do quarto classificado da Liga polaca.

Depois de passagens por Braga e, na época passada, pelo Desportivo de Chaves, Tiba emigra pela terceira vez na carreira, depois de passagens pelo Kastoria da Grécia e pelo Valladolid.

Na época passada, o jogador de 29 anos foi uma das figuras dos flavienses com 34 jogos e 11 golos.

3.4. Última entrevista, escrita no dia 2 de julho de 2018



Cariço deixa porta entreaberta. "Gostaria de voltar ao Sporting"

Inserido em 02-07-2018 18:16



O ex-capitão leonino não esquece o clube que o formou.

Daniel Carriço não descarta o regresso a uma casa que bem conhece. Em declarações a **Bola Branca**, o central não esconde o desejo de voltar a jogar em Alvalade.

"Mais tarde gostaria de voltar ao Sporting", começa por dizer.

"Teria de pensar muito bem, porque tenho família, uma estrutura montada fora do país. Mas não se pode dizer nunca a nada e num futuro próximo nunca se sabe", admite o jogador do Sevilla.

Com mais dois anos de contrato, Carriço entende que o último ano "não foi o melhor a nível individual" mas adianta que os andaluzes contam com ele.

Quanto a sondagens de outros clubes, o internacional português diz não haver "nada de oficial".

Carricho deixa conselho. "Faz mais sentido renegociar com o Sporting e dar um passo atrás"

Inserido em 02-07-2018 18:15



Ex-capitão leonino fala num momento "complicado" em Alvalade. Sousa Cintra "terá muito trabalho" e candidato Frederico Varandas "sempre foi mais que um médico".

Daniel Carricho entende que os jogadores que rescindiram contrato com o Sporting devem "dar passo atrás". A **Bola Branca**, o central formado nos leões confessa dúvidas quanto ao desfecho de eventuais lutas judiciais.

"O Rui Patrício, neste momento, é impossível mas os outros jogadores têm que pensar bem. Até para os próprios advogados e juizes há sempre uma dúvida relativamente a quem pode vir a ganhar os processos. Faz mais sentido renegociar com o Sporting e dar um passo atrás. Para a imagem dos jogadores é sempre melhor não rescindir contratos e sair a bem", recomenda.

Toda a incerteza que paira sobre o presente e futuro dos leões não abonam a favor do clube de Alvalade. Carricho diz que "não vai ser fácil para o Sporting lutar pelo título". Cenário que pode ser amenizado com o recuo dos jogadores que rescindiram.

Carricho recebe que o Sporting não consiga manter os níveis competitivos sem jogadores como William Carvalho, Bruno Fernandes ou Gelson Martins.

"Sem esses jogadores a equipa não está formada e teriam que ser feitas umas contratações", confessa o jogador do Sevilha.

Com mais de uma década de leão ao peito, o ex-capitão antevê dificuldades para Sousa Cintra "reunir as condições ideais para o Sporting".

"Terá que falar com todos os jogadores e muito trabalho a fazer neste curto espaço de tempo. Ainda por cima numa altura complicada, porque vem uma nova época", avisa Carricho.

Violência em Alcochete

Sendo um dos símbolos da formação leonina, Daniel Carricho não conseguiu fugir aos episódios do dia 15 de maio, na Academia de Alcochete. Carricho fala de uma situação "impensável" e que "nada a fazia prever".

"Sou sportinguista desde pequeno e, como é óbvio, é de uma tristeza profunda o que estava a sentir. Senti que o clube chegou ao limite e que era impensável ocorrer esse tipo de situações", desabafa.

O central realçou, pela negativa, o destaque dado em Espanha, país onde "normalmente falam do Real Madrid". "Foi negativo, não só para a imagem do Sporting, como para a de Portugal", lamenta.

Candidatura de Frederico Varandas

Em período de oficialização de candidaturas às próximas eleições no Sporting - 8 de setembro, Carricho elogia Frederico Varandas.

Jogador e médico cruzaram-se nos leões, onde desenvolveram uma "relação de amizade". Daniel Carricho fala de uma "pessoa que foi sempre muito respeitada no balneário".

"Dizia sempre o que tinha de dizer na cara, exigia sempre o máximo e a defesa dos interesses do clube. É um líder nato, tem uma liderança muito forte e é uma pessoa muito carismática. Sempre foi mais do que um médico", completa.